

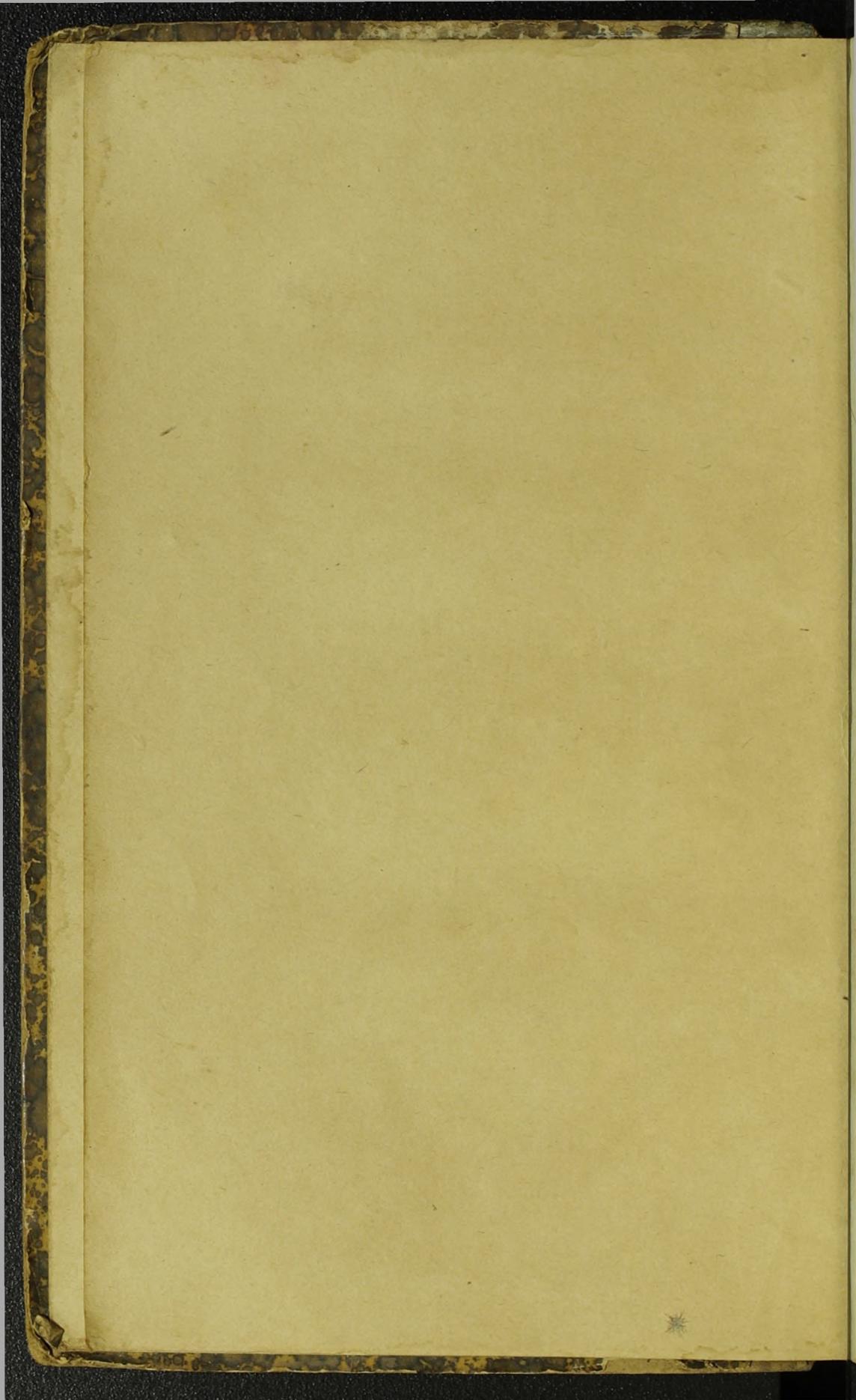
2200

3500

A' BELLA MADRUGADA

SILVA & ESTEVES

Rua 13 de Junho 64  
CORUMBA'



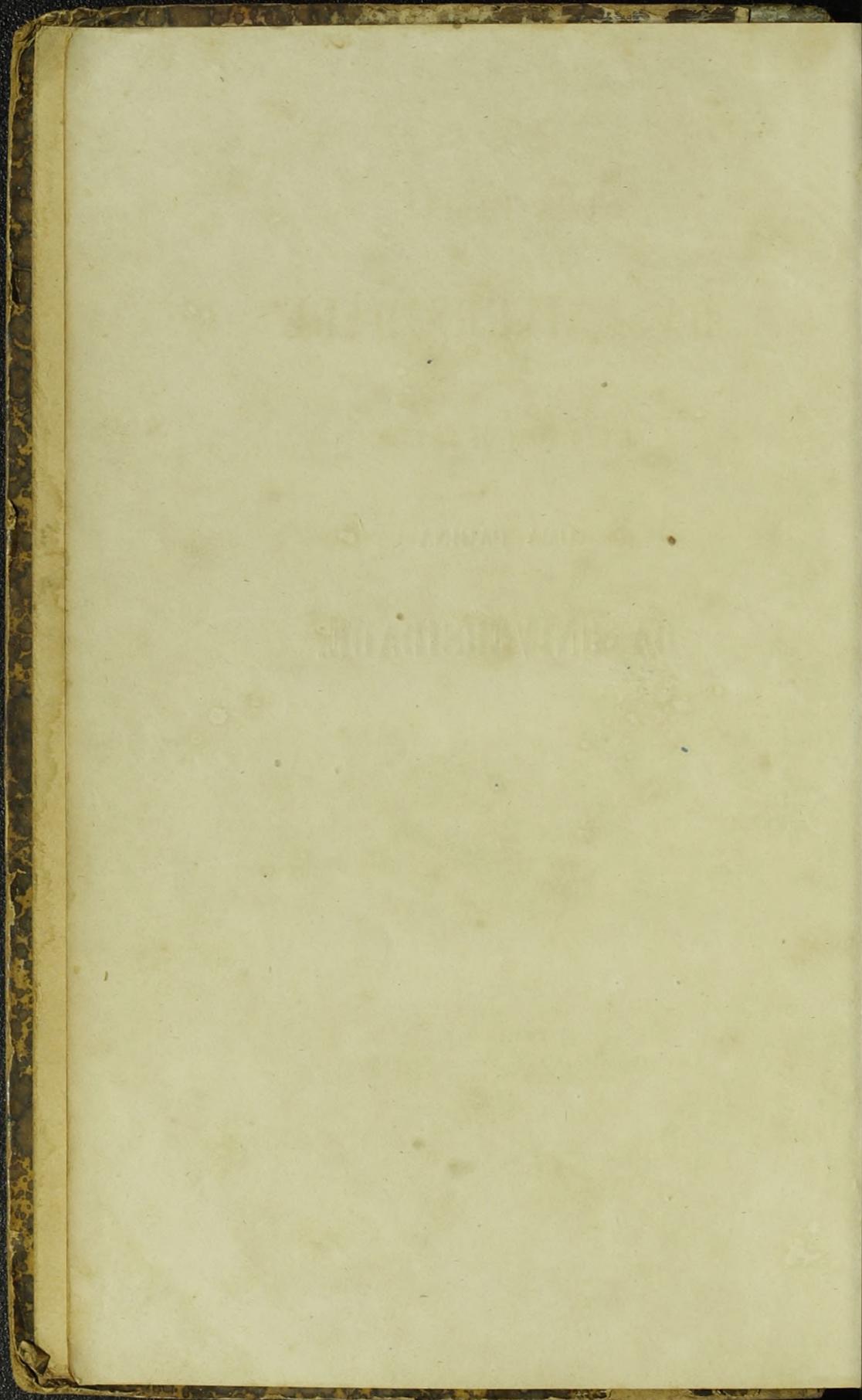
47  
Serravallo,  
f. 2/1912

UMA PAGINA

DA UNIVERSIDADE.

Luigi Serravallo

---



UMA PAGINA  
DA UNIVERSIDADE

POR

J. C. VIEIRA DE CASTRO.

PRECEDIDA

DE UMA CARTA AO AUTHOR

POR

Levy Maria Jordão.



BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORIGENES LESSÁ"  
Tombo N.º 27435  
MUSEU LITERÁRIO

**PORTO,**

NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,  
Praça de Santa Thereza, n. 28 a 30.

1858.



UNA PAGINA

DA UNIVERSIDADE

J. S. MORA DE CASTRO

DEPARTAMENTO DE HISTORIA

1950



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

1950

AOS

SEUS CONDIPULOS

DE 1857

Q.

O AUTHOR.

O que faz essa universidade de Coimbra, o que  
escreve ella, o que discute, que principios tem,  
que doutrinas professa, quem sabe ou ouve d'ella  
senão algum echo timido e acanhado do que  
n'outra parte se faz ou diz?

GARRETT.

MEU VIEIRA DE CASTRO.

Victima de uma injustiça tão palpitante, perguntas ainda se deves patentear a historia d'ella? Se o interesse que o publico tomou na tua questão, se as sympathias que n'elle soubeste despertar, se a reparação que encontraste nos Poderes do Estado, não são incentivo bastante para reunires n'um só fasciculo essas peças soltas que na imprensa periodica mais de uma vez fizeram levantar em teu favor uma voz eloquente e justamente indignada contra a oppressão que tentava esmagar-te, que mais desejas?

Não desistas; ha ainda considerações com que podes illustrar a historia d'esse malfadado

negocio, de que a imparcialidade se ha de aproveitar para legar aos vindouros a pagina negra dos annaes de uma corporação scientifica: ha tambem da tua parte uma promessa feita ao publico, e não déves esquecer que te podem penhorar pela palavra, de que é já tempo de te desendividares.

Mas ao imprimires de novo o requerimento dirigido a Sua Magestade, rectifica o que escreveste da Universidade de Tolosa. Cujas não foi reprovado por ella no concurso, como tem affirmado os historiadores; um professor d'ella, um dos homens mais distinctos da França, cuja morte prematura ainda deploro, M.<sup>r</sup> Benech, rehabilitou a memoria da sua terra, mostrando no seu livro — *Cujas et Toulouse* — que a reprovação do precursor da escola historica não passa de uma fabula! A corporação que entre nós teve a triste gloria de ser primeira na falta, poderá ainda assim ter a consolação de ser a primeira no arrependimento.

Estás persuadido que a nossa Universidade carece de uma grande reforma, e pedes-me que te apresente as minhas idéas a este respeito? Ha n'esta exigencia uma cousa que me penhora; é o desejo de me facilitares algumas folhas do teu

livro para ahí lançar o que tenho escripto n'este ponto. Mas se sabes que depois de sérios estudos, principalmente sobre a organização da faculdade de direito, e depois de nas melhores Academias da Europa ter praticamente tirado a prova ás minhas theorias, tenho sobre isso escripto bastante para encher um volume, quererás acaso, que o teu livro se converta em dous? Não debes ser tão exigente; deixa que eu em breve apresente ao publico as minhas idéas com todo o desenvolvimento, e acceta algumas considerações que ao traçar d'estas linhas me suscita o estado actual da nossa faculdade juridica.

O recrutamento do pessoal do magisterio é a primeira cousa que nos impressiona quando lançamos os olhos sobre a velha Academia de D. Diniz, de que o poeta dizia n'outro tempo:

Quanto pôde de Athenas desejar-se,  
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva;  
Aqui as capellas dá tecidas de ouro  
Do Baccaro, e do sempre verde louro.

Não ignoras o antigo systema que media o merito do individuo pelo tempo do doutoramento. Esta theoria, que julgava o homem tanto mais apto, quanto por mais tempo havia sustentado na

cabeça a borla doutoral, este absurdo, que baptisaram com o nome de *longa opposição*, e que chegou a obter a consecração legal, devia cair, ou sacrificar a existencia do primeiro estabelecimento litterario do paiz. Não o entenderam lá assim, e para destruir a *longa opposição*, para salvar a Universidade, foi mister outra longa e encarniçada opposição, que inaugurou sobre as ruinas d'aquella o systema do concurso.

Sabes as vantagens d'este, mas não o comprehenderam elles, nem o executaram. Não fallando das provas exigidas dos candidatos, e que em geral consistem em pontos quasi sempre insignificantissimos, e que felizmente a pouca extensão do nosso idioma não permite se conheçam lá por fóra, o modo de os satisfazer é tão defeituoso, que é impossivel haver candidatos, a não serem inteiramente crassos, que não *cumpram* melhor ou peor.

O modo porém de as apreciar, e de apurar os candidatos, excede a tudo. Approvados elles em merito absoluto, a graduação no *relativo* é quasi sempre, como a experiencia mostra, medida pela antiguidade! É o antigo systema, é a *longa opposição* a minar surdamente as tendencias da lei nova, cujos executores, afferrados á

velha theoria, nos fazem lembrar os antiquarios, que, enterrados nas bibliothecas, percorrem ávidos cada pergaminho, imaginando descobrir um palimpsesto, que sob as linhas da legenda de algum santo, ou do cartulario de algum mosteiro da meia idade esconda algum livro perdido dos annaes de Tito Livio, algum tractado, como o *de republica* de Cicero.

Passando a considerar a organização dos estudos e methodos de ensino, os defeitos não são menos salientes. Tinhamos uma cadeira de historia de direito romano e patrio, e muito antes que em França fizesse parte do ensino este ramo da sciencia. Quando em Coimbra souberam que lá fóra existia uma cadeira de *encyclopedia e methodologia*, convenceram-se da utilidade d'esta *iniciação juridica* dos estudantes, como lhe chama um joven professor de Allemanha; entendeu-se porém que era mister por um principio economico supprimir uma das cadeiras do quadro; assim se resolveu, e a escolha (naturalmente foi á sorte) recahiu sobre a de historia de direito! quando as nações civilisadas instituindo as cadeiras de *encyclopedia* subdividiram em duas a de historia, separando a romana da nacional, em Coimbra pediram a suppressão d'ella! Mas não

imaginas que razão deram para isso ; talvez não acredites, mas ahí vai, como m'a referiram ; disseram que, dando-se na encyclopedia algumas noções de historia, podia facilmente dispensar-se o ensino especial d'esta ! esqueceram-se de que a mesma razão podia leval-os a fazer uma grande economia ao Estado, reduzindo todas as cadeiras á de encyclopedia, porque n'ella se dão tambem noções geraes de todos os ramos do direito...

O estudo do direito das gentes é na Universidade destituído de todas as vantagens que deviam resultar do seu ensino. Ao passo que as poucas lições, que no fim do anno lhe são consagradas, se consomem na exposição de alguns principios philosophicos, aliás necessarios, os estudantes sahem da Universidade ignorando o direito das gentes positivo, o direito internacional publico e privado, cujo conhecimento se torna cada vez mais importante e indispensavel.

No direito romano gasta-se o tempo muitas vezes em inutilidades ; em vez de se escolher para thema das prelecções os titulos das Institutas ou do Digesto que mais ligação e affinidade apresentam com o direito moderno, methodo que hoje é preferido na Europa, e de que Molitor na Belgica, e M.<sup>r</sup> Machelard em Paris offerecem bons modelos

a seguir, consagram-se prelecções inteiras a explicar titulos que teriam todo o cabimento n'um curso especial de historia interna do direito, mas cuja preferencia nas cadeiras de direito romano, como ellas hoje devem ser concebidas em relação ás necessidades do ensino, é indesculpavel.

E ainda isto não seria tanto para lamentar se ao menos aquelles que nas cadeiras recorrem ao direito romano, estivessem ao par da sciencia. Que diria um lente de qualquer Universidade estrangeira se, visitando a nossa Coimbra, ouvisse a um professor, como eu ouvi em 1852, que ainda se ignorava então qual o objecto do 2.º capitulo da Lei Aquilia, quando era já conhecido desde 1816 depois da descoberta do Gaius de Verona?! (1).

O ensino do direito patrio está n'um estado ainda mais deploravel. Não se procura que os alumnos percorram nos dous annos do curso todo o compendio, não se lhes dão a par da legislação portugueza as possiveis noções de legislação

---

(1) Pede a justiça te confesse que esta blasphemia em historia de direito não sahiu da bôca de nenhum dos dous lentes de direito romano, mas da de um seu collega.

comparada ; consome-se todo esse tempo muitas vezes (como succedeu no meu curso) só com o primeiro volume, e os estudantes ficam ignorando as materias importantissimas de prazos, morgados, contractos, testamentos etc., em quanto ouvem prelecções inteiras para lhes mostrarem com *leis romanas* algum principio dos prolegomenos, v. g. *que a lei é igual para todos*, ou para os convencer com semelhante auctoridade, *que ninguém pôde estar muitos dias sem comer*, como me lembra ter ouvido no meu tempo a proposito de alimentos.

Teria de escrever um livro, e não uma carta, se percorrendo as diversas cadeiras da faculdade houvesse de analysar o que por lá vai. Em geral (e salvas honrosissimas excepções de alguns professores dignissimos) o estado do ensino é desgraçado, e os estudantes, a não serem os que por dedicação pouco vulgar se resolvem a conseguir só pelos proprios esforços o que nas aulas lhes deviam ensinar, pouco ou nada aproveitam. O compendio em vez de ser considerado apenas como um guia para os alumnos, é reputado um texto, na interpretação de cujas palavras se gastam ás vezes dias, pesando-se a força de um *et*, de um *quod*, e até de um *etc.* ! e perde-se assim

um tempo precioso, que devêra ser empregado em exposição substancial de doutrina. As prelecções, em geral, são feitas por cadernetas, cujo aspecto secular lhes tem grangeado o chistoso nome de *sebentas*, e que são repetidas com pasmosa exactidão todos os annos, nos mesmos dias e nas mesmas horas! e o peor é que professores ha que só se satisfazem quando o estudante repete as suas palavras; ai d'elle, que se não fôra o stenographo, quasi sempre imperito, que pela mensalidade de 600 reis reproduz todos os dias na já carcomida pedra lithographica as prelecções do lente, mal poderia satisfazer tão extravagante exigencia.

Quando considero tambem o modo pelo qual se aprecia a capacidade do estudante, não posso deixar de o lamentar. Em geral é a chamada *frequencia de banco*, é a assistencia não interrompida ás prelecções do mestre, que na Universidade se considera a prova capital do seu merecimento. Ainda que o lente nunca o tenha ouvido, esta circumstancia dá para logo uma quasi certeza da sua approvação! e o acto final é quasi sempre apenas o meio reservado para verificar se o estudante *com faltas* aproveitou ou não.

Mas este chamado acto é uma cousa que para

mim não tem significação alguma, pelo modo por que está ordenado. Com um ponto tirado á sorte, com quarenta e oito horas para o estudar, com a certeza de que a argumentação ha-de sempre versar sobre esse ponto, será provavel (principalmente na sciencia juridica) que o estudante menos cuidadoso não satisfaça, e até cabalmente? não o creio, e a experiencia o confirma todos os dias. E a isto accresce ainda que as perguntas nos actos são quasi sacramentaes, a ponto de que os rapazes, como sabes, vão sempre assistir aos exames dos condiscipulos, a fim de fixarem na memoria essas perguntas, e as não menos sacramentaes respostas com que as satisfazem.

Meu caro Vieira de Castro, dispensa-me de desvendar mais o quadro, e espera resignado a hora já tão tardia, porque anhelam todos os verdadeiros amantes das letras.

*Levy Maria Jordão.*

UMA PAGINA

DA UNIVERSIDADE.

---

I.

HA quasi seis mezes completos que uma grande parte da imprensa periodica d'este paiz, e por ventura a mais cordata e respeitavel, se occupa mui particularmente de uma questão universitaria, em que o pobre do meu nome é bastantes vezes trazido a pello.

Condemnada todavia a morrer no fim da existencia curta e limitada de um jornal, no meio d'esse doloroso esquecimento, em que esta nossa

terra, tão intelligente, mas ao mesmo tempo tão prigueirosa e descuidada, se deixa facilmente arrastar; vieram alguns amigos meus, que de veras estimo, e cavalheiros, cujos talentos respeito e admiro, pedir-me e lembrar-me a conveniencia de a registrar em paginas menos morredouras e mais perduraveis.

Se houve um tanto de vaidade que me enganou, se foi antes o desejo e o dever, que me impunha a consciencia de prevenir d'antemão arguições menos generosas, com que mais tarde pretendessem conspurcar a minha vida academica, em face de um documento destacado pouco gratuito para mim, não sei; mas acquiesci.

Tinha de principio a emprehender uma lucta difficil para todos os que escrevem, que a não conheço eu maior do que a de fallarem de si.

A intelligencia vacillou por muito tempo, tremeu até dos estorvos, que o coração, por menos despreoccupado, podia apresentar-lhe na passagem, transviando-a assim do caminho direito...

Mas as palavras sympathicas da amizade são tão faceis em convencer!

Ha uma logica tão irresistivel nos conselhos de uma madura velhice!

E nós apesar de *disculos e facciosos*, na opinião d'esse illustre Conselho, que na phrase espirituosa do nosso amigo e mestre, o Snr. Antonio Feliciano deCastilho, *de verde passou a pôdre*, temos ainda as virtudes de ingenuidade com amigos, de humildade com os velhos.

Longe de nós ao gisarmos estas primeiras linhas o intuito de vir levantar uma tremenda accusação contra esse corpo enorme e colossal da Universidade, para quem esta pobre patria já desanimada olha com mais lastima do que odio, e puxar-lhe pela ponta d'esse véo transparente de velho, mas que lhe esconde ainda um pouco as crapulosas fórmas.

Creemos em Deus, e cremos com fé viva que não virá tarde a tempestade feliz, que tem de des-

prender o desgarre da toga culpada, para eterno castigo da sua historia negra.

Podem todavia, rebeldes á quietação do espirito, esquivar-se por entre essas linhas algumas phrases menos prudentes, mas desculpem a indiscrição involuntaria pela offensa calculada.

O homem é assim.

De que lhe valem as paginas bellas dos sabios, que vêem, sopesadas de religiosas maximas e conceitos prudenciaes, apontar-lhe a estrada do dever á luz do Evangelho?

De que vale o reler constante de uma longa vida de martyrios, que nos identifica a alma com a dôr em narrativas melancholicas de provações dolorosas?

O coração docil obedece facilmente aos hymnos de amor e abnegação santa, que o seduzem e enlevam, mas, se algumas lagrimas lhe extravasam fóra, é louca a vaidade que ellas dizem,

porque na manhã seguinte ha-de vir seccal-as o esquecimento, quando lhe cavar no fundo a mais pequena das feridas, com que elle víra ainda ha pouco magoado o martyr, cuja apothese lhe insuflára um tão nobre enthusiasmo...

E quem sabe? talvez uma grande parte dos meus amigos ache requintadamente generoso este receio...

Sêl-o-ha, mas, quando um pronunciado antagonismo se levanta entre as exigencias da sociedade e a responsabilidade individual, a razão estremece de pronunciar o *verdictum*, em que tenha de sacrificar uma á outra.

Compulsei, é verdade, os livros negros d'essa historia nefanda, que por ahi andam escondidos, 'num momento de indignação, em que tão pequeno como elles tive a fraqueza de pensar 'numa vingança mesquinha e baixa como os seus insultos...

Hoje, se viesse repetil-os em voz alta, á face de todos, os homens viriam talvez agradecer-me,

porque eu lhes desvendava os olhos, mostrando-lhes o sangue coalhado de irmãos debaixo da opa dos senadores; mas a minha consciencia recuava affrontada diante de um nome opprobrioso, que a rebaixava até elles...

Era um preço muito caro!

Tão caro como o da medalha que o Imperador Nicolau collocava um dia ao peito da mãe desnaturada, que para servir o Estado, fazia desterrar o seu filho no meio de martyrios para as montanhas da Siberia!

Tão caro como o da paga ignobil, que o Cardeal de Richelieu dava algum tempo antes ao traidor de Cinq-Mars!

Outro que accenda a lanterna de furta-fogo e se arrisque por entre as escuras devezas d'esse novo Menalo, se tem força bastante para se desilludir aos vinte annos...

Ha-de por lá encontrar muitas traducções estragadas, e sobretudo pouco generosas das paginas de Schiller...

Se te achares algum dia, amigo, 'nesse curto caminho, que divide as poeticas campinas de Coimbra da serra magestosa do Bussaco, ahi verás algures, a poucos passos da estrada, um monturo de pedras toscas e irregulares proximo a uma pequena e singela fonte...

São os derradeiros escombros de uma pobre choupana, ainda ha pouco habitada por um desgraçado velho, santo Eremita d'aquellas soidões...

«Oh! Propheta como aquelle não volta cá, não!» dizem ainda hoje as raparigas d'aquelles arredores, quando alli se juntam ao descahir da tarde com as suas cantarinhas: «até esta nossa fonte, que antigamente nos dava tanta e tão fresca agua, parece seccar-se todos os dias e chorar tambem por elle! Sempre segredos como elle sabia!»

E sabia de certo! Tantos e tão importantes como os d'aquelle cego da *Fonte de Santa Catharina*, que eu me entrelembro de ter lido em creança. Não trazia como este uma venda nos

olhos, mas fechava-os sempre ás baixeiras da terra... Aquella alma era muito grande, para nem sequer revelar o nome dos que lhe haviam roubado a ultima esperanza...

Mais de um viageiro ahi teve de parar repetidas vezes para admirar aquella fronte espaçosa e larga, que se esquecia horas e horas a meditar, encostada aos dedos callosos da mão esquerda, por onde destacavam em desalinho as venerandas cãs do respeitavel velho...

'Naquelle rosto nobre, ainda ennegrecido pelas sombras, que lhe ficaram indeleveis do fumo das batalhas, e esmaltado sempre pela serenidade do olhar soberano de uma alma tranquilla para Deus, adivinhava-se facilmente o coração de um homem valente como as armas, e meigo como a donzella...

Era bello ouvi-lo, quando ás vezes mentindo á dôr, que lhe calcinava as entranhas do peito, o nosso valente soldado se transportava por momentos áquella idade feliz dos vinte annos, em que tudo arriscára, e tudo perdêra pelos seus...

Com que orgulho não mostrava elle o tronco do seu braço direito, que lá lhe ficára um dia no campo da batalha! Mas aqui vinha quasi sempre o desengano; com esse braço, que era toda a sua vida, que era sempre o mensageiro da sua alma, vira elle cahir-lhe aos pés todas as esperanças phantasiadas nos seus sonhos doirados; e de todas as flôres desfolhadas então, uma apenas ficára de pé, suspensa e inamovivel na sua haste, o amor da patria, dizia elle sorrindo amargamente com o fel que lhe requeimava os labios ao repetir essa ironia pungente, que se atira como um escarneo ao povo fadado para ignorar e gemer...

« Senhor de grandes segredos » disse eu que elle era.

E era de certo.

Não que a sua propria bôca o revelasse nunca, mas sim um precioso manuscripto, que se lhe encontrou pouco depois da sua morte, cuidadosamente escondido entre santas reliquias, que deixára...

Bem ao certo a historia d'aquelle livro ninguém ha que a saiba; muitas vezes fôra encontrado o nosso bravo militar chorando sobre as suas paginas, e fechando-o depois para elevar uma oração a Deus; desconfiam muitos ser a historia triste d'alguem que lh'o confiou á hora da morte...

O que ha 'nelle inquestionavelmente é o cunho de um genio omnipotente.

No estylo energico e flexivel adivinha-se depressa um talento superior, apurado já na longa carreira de vinte e cinco annos; a linguagem sympathica, melancholica e triste revela a vocação imperiosa de um poeta; as queixas sentidas, amargas e eloquentes desenham em characteres distinctos a alma elevada de um nobre martyr...

Ha alli periodos de tantas lagrimas entrelaçados com outros de tão evangelica resignação, que ao lêl-os chora-se por força, e perdôa-se tambem...

Ha alli muita inspiração de Lamartine, muita

imagem de Th. Moore, muita candura de Bernardin de Saint-Pierre...

'Naquella harmonia religiosa não destoá nunca nem um som ironico da lyra de Musset, nem uma nota desesperada do alaúde de Byron...

Alli as queixas escondem-se nas saudades, os desesperos na esperança; e por verdade só existe a resignação do Evangelho, que purificára aquella alma, sem um passado risonho, que legitimasse as primeiras, nem flôres viçosas que lhe alimentassem a segunda...

Para os que nunca escreveram com lagrimas de sangue os transes angustiosos de uma decepção pungente, haveria talvez 'naquelle vibrar melancolico, infinitamente prolongado, uma doce monotonia a adormecer o espirito em quieto e descuidado repousar, como o que succede sempre aos prantos afflictos de uma creança...

E ainda assim tenho mêdo ao folhear esse livro; mêdo ou compaixão, que nem eu sei bem

o que merece essa guerrilha de falsarios, que mentem hoje á consciencia para amanhã mentirem a Deus.

Já agora vem tarde o arrependimento.

.....

E' sobretudo com a segunda parte d'este precioso volume, que a penna mysteriosa do seu author denominou = *Lgrimas do Céu* = que eu mais particularmente sympathiso pela atmosphera de perfumes, que alli se respira, na phrase magoada e triste, é ao mesmo tempo sabiamente conceituosa...

E' uma galeria riquissima de retratos; alguns tão frescos ainda de collorido, tão fieis daguerreotypos, que é perigoso, ao volver a face do quadro, encarar de frente o original 'nesta infeliz terra de Coimbra.

Vejamos.

A folhas 22, capitulo 1.º ha uma pagina que reza assim:

« Vamos, sim, meu amigo; não serei eu de

« certo quem me esquive a tão justos compro-  
« missos...

« Ha dois mezes que reservo este dia para lhe  
« fazer a narrativa de uma historia bem triste, e  
« logo lhe direi o porque o fiz...

« Por agora tenho pena d'essa infantil ancie-  
« dade, com que o meu amigo de ha tanto tem-  
« po a espera; desgraçadamente o baso deleterio  
« d'estes Byrons de cuecas, que ainda hontem  
« choravam lagrimas pardas em novellas azues,  
« e já hoje traduzem por dislates de loucura o  
« que é nobre e generoso, por utopia de romance  
« o que é puro e desinteressado, espallhou-se de  
« tal modo por toda esta atmospherá, que é dif-  
« ficil escapar-lhe ao contagio.

« E não pense, meu amigo, que os homens,  
« que como eu pendendo a cabeça para a terra,  
« como para um tumulo, não encontraram mais  
« que uma lage ennegrecida pelas cinzas do pas-  
« sado, e 'nestas a linguagem fria e descórada da  
« ultima esperanza, vão buscar nos martyrios de  
« estranhos allivio aos seus...

« Quando aos trinta e cinco annos metade dos  
« cabellos tem fugido com as illusões, e outra

« metade tem envelhecido com as dôres, fica ape-  
« nas da poesia dos vinte annos o egoismo das la-  
« grimas, e d'essas dão-nos bastantes as recorda-  
« ções, para ir alimentando o corpo 'nesta vida de  
« empréstimo, que ha-de pagar-se em pouco  
« tempo...

« Eu bem sei que ha um amargo que quei-  
« ma como o brazido do deserto, 'nessa lingua-  
« gem, que lhe fallo, mas o descarnado da ver-  
« dade, a que tem de acordar a phantasia, é um  
« remedio tedioso e nauseabundo, que todos nós  
« havemos de tomar mais cedo ou mais tarde; e  
« por isso felizes ainda d'aquelles, que o encon-  
« traram em mãos caridosas de enfermeiro chris-  
« tão, e o não sentiram, como eu, entornado todo  
« nos labios por desalmados alveitares...

« Nem tão pouco me chame cynico!

« Ha 'nessa meia duzia de letras uma synthese  
« de dôres tão ricas de desventurada poesia, um  
« poema de lagrimas tão santificadas pelo marty-  
« rio, que tenho pena de vêr hoje essa palavra  
« prostituida em chulo gaguejar de ironias par-  
« voas, e estremeço de ouvil-a...

« Sabe o que é o verdadeiro cynismo, meu  
« pobre poeta?

« E' a ultima gargalhada estridente do con-  
« demnado, que ouvindo regorgitar o nome de  
« Deus nos labios d'aquelles mesmos, que lhe ras-  
« garam as entranhas do peito para lh'as rechea-  
« rem de fel e absyntho, foge tresvairado como  
« um louco a abraçar-se com a cruz de Christo,  
« pedindo-lhe em abençoadas lagrimas de mar-  
« tyr, que lhe leve aquella alma, que quer voar  
« para o ceu, e que os sicarios pretendem ainda  
« roubar-lhe antes de vergada a cabeça ao cêpo  
« da morte.

« O verdadeiro cynismo, meu amigo, é a san-  
« ta cicatriz do coração, que se rega de lagrimas  
« diante de Deus, mas que é preciso encadernar  
« em vestidos garraios para essas almas de lama...

« Não; deixemol-as a ellas com a sua des-  
« graça; não ennodemos a bota na agua chilra  
« d'esse immundo charco, onde ellas continua-  
« mente se retouçam.

« Vamos á nossa historia, meu amigo.

« Resguardemo-nos um pouco d'esta aragem  
« fria, que sopra do nordeste, e sentemo-nos.

« Este troço de fuste e esse quadrante de pe-  
« dra são menos molles que as cadeiras do seu  
« quarto, mas é mais puro este ambiente, menos  
« abafada esta atmospha...

« E depois o meu amigo tem ainda tanta poe-  
« sia por gastar, que eu receava contar-lh'a lá.

« Mas prometta-me: ha-de ouvil-a *sem se in-*  
« *dignar, e guardal-a depois como um sigillo sa-*  
« *grado...* »

Menos intelligiveis se achavam estas ultimas  
palavras no manuscripto, que ora compulsamos;  
foi todavia á face da propria historia, por elle en-  
sinada, que aventamos esta interpretação; não  
nos indignemos nós tambem, e tu, leitor bene-  
volo, cala contigo algum nome, que por ahi adi-  
vinhes, e aprende a perdoar 'nessas phrases ma-  
goadas...

« Olhe, meu amigo, vê todo esse extendal de  
« saphiras e esmeraldas, que por sobre as grim-  
« pas de toda essa cordilheira infinita acordariam  
« agora em imaginação infantil qualquer conto de  
« fadas ouvido contar em epochas de meninice?

« Pois é o manto com que a Providencia se  
« veste todas as noites para vir a deshoras á ca-  
« beceira do leito da humanidade pedir-lhe con-  
« tas do dia que passou.

« Na balança de Deus, primeiro que na terra,  
« se pesam os erros dos maus.

« A nós compete absolver e esperar.

« A hora dos culpados, cedo ou tarde, ha-de  
« chegar sempre; que o digam já alguns d'elles;  
« se a razão lhes não estremeceu de covarde ao  
« lér o prenuncio d'esse dia terrivel na conscien-  
« cia esmagada pelo remorso...

« Espere, meu amigo, e com cedo verá de  
« que mãos estava suspenso o cutello de Judith,  
« e quaes deveriam tirar do sacco ha tanto tempo  
« escondido as cabeças d'estes miseros Holopher-  
« nes...

« . . . . .

« Vê, meu poeta, por entre as franças d'estas  
« arvores aquella luz tremula e viva, como se  
« fôra estrella cahida do ceu, a mosquear sombras  
« vagas e indecisas na peanha d'aquelle cruzeiro?

« E' o lampadario do convento das Ursuli-  
« nas. »

— Oh! como deve de ser bella a vida para o  
— dentro d'aquellas muralhas, santificada sem-  
— pre pelas harmonias do orgão, subindo cada  
— dia, mais e mais, para a mansão celeste por  
— entre santos perfumes de bemditas orações!—

« Devia de ser, meu amigo, se o gemido lu-  
« gubre de uma triste agonia, que constante-  
« mente sussurra pela crasta e arcarias d'aquelle  
« templo não fosse uma prova dolorosa de que  
« os cannibaes de hoje nem sequer recuam diante  
« do altar e da cruz.

« Devia de ser, meu amigo, como devia de  
« ser bello este convento, a disputar encantos ás  
« tendas de Cédar, ou aos pavilhões de Salomão,  
« se o virus peçonhento d'estas serpentes, que cá  
« por fóra se arrastram, não viesse primeiro en-  
« venenar o calice d'essas rosas, plantadas ahi ao  
« pé pela mão da Natureza, antes que os seus per-  
« fumes voassem para Deus, casados ás harmo-  
« nias do carrilhão.

(Veja-se a nota A).

« Pois faz hoje exactamente um anno, meu

« amigo, que aos pés d'aquella cruz cahiam as  
« minhas ultimas lagrimas, que eu de ha muito  
« trazia guardadas no peito para remissão de cul-  
« pas na augusta santidade do derradeiro pranto.

« . . . . .

« A 10 de Janeiro de 185... ia já alta a noite  
« quando eu subia as escadas de Antonio de Mes-  
« quita, na sua casa da L..., a quatro leguas dis-  
« tantes d'esta terra.

(Veja-se a nota *B*).

« O quarto, singelamente adornado, em que  
« eu tinha de entrar, offerecia ao espirito um es-  
« tranho e respeitavel aspecto.

« Um homem estendido sobre um leito de pau  
« preto com a fronte escalvada e as faces vinca-  
« das pelos sulcos de muitas dôres e amarguras,  
« parecia querer ainda em lucta com a morte in-  
« suflar aos membros do corpo já myrrado pelo  
« gèlo do trespasse, a vida emprestada do falso  
« brilho dos olhos, como de alampada que cre-  
« pita antes de extinguir-se de todo.

« Alli ao pé, ajoelhada diante da imagem de

« Jesu Crucificado, com uma longa e linda ma-  
« deixa de cabellos loiros, espalhada pelas costas  
« abaixo e as mãos erguidas, estava um anjo de  
« belleza e candura.

« As sombras, que o pallido e frouxo clarão  
« de um cirio accêso projectava em todo este qua-  
« dro, incutiam ao mesmo tempo terror e res-  
« peito.

« Que me quereria a mim Antonio de Mes-  
« quita, a mim, creatura perdida na opinião dos  
« homens, segregado já d'essa sociedade, gafa de  
« lepra, onde a hypocrisia se veste com falsas  
« pompas de virtude, onde todos os crimes e in-  
« famias se absolvem quando o oiro as legalisa e  
« nobilita?

« Alli ás portas d'aquelle sanctuario, onde uma  
« mulher de dezeseis annos, linda como os anjos,  
« chorava sobre o tumulo aberto de seu pae la-  
« grimas santas e puras de innocencia e amor,  
« não era uma terrivel profanação o respirar de  
« um reprobado maldito?

« Ou seria antes a luz mystica de uma intus-  
« cepção sublime que Deus diffunde na alma do  
« homem á beira do sepulchro, e a cujo clarão

« Antonio de Mesquita via agora na condemna-  
« ção terrível dos homens a santa absolvição dos  
« ceus?

« A consciencia dizia-me que sim.

« Entrei.

« Devia de ser solemne aquelle ultimo acto.

« E foi-o.

« Ao vêr-me Antonio de Mesquita, como que  
« fazendo o derradeiro esforço para vencer a ato-  
« nia mortal do seu corpo exangue, parecia um  
« cadaver em pé, cedendo á attracção irresistivel  
« do galvanismo.

« E depois como se houvera de ha muito re-  
« prêsas no coração as derradeiras lagrimas, que  
« tinha de verter antes de se abraçar com o anjo  
« da morte, desatou a chorar nos meus braços,  
« impondo-me p'ra logo no silencio d'aquelles  
« prantos, o cumprimento de uma terrível mis-  
« siva.

« Julia de Mesquita, a Niobé triste que ha  
« pouco alli estava de joelhos, levantou-se, levou  
« o lenço aos olhos, e deixou-nos a sós.

« O bom do velho depois de chorar e chorar  
« muito, apertou com delirio uma das minhas

« mãos entre as suas, e disse-me ainda a cho-  
« rar :

— Viu-a, Eduardo da Silva? Conheceu ainda  
— aquella pombinha innocente, que aqui deixou  
— ha dez annos a finar-se de saudades pelo com-  
— panheiro de infancia, que lhe fugia, pelo  
— amigo que ella beijava com tanto amor no  
— seio das campinas, que corria com ella atraz  
— das borboletas, que com ella colhia as boninas  
— do valle, as grinaldas de madre-silva e mus-  
— queta?

— Lembra-se, Eduardo da Silva, d'aquelles  
— versos, que lhe compunha então, e que ella,  
— a innocentinha, repetia com tanto mimo e  
— graça, acompanhando o *trillo* mavioso das  
— aves, que por entre os restolhos se festejavam ;  
— e o doce murmurio de algum regato que alli  
— perto derivava por entre as algas dos roche-  
— dos?

— Lembra-se, Eduardo?

— Pois é em nome de todas essas santas e  
— saudosas recordações, que nunca se riscam do  
— peito quando é a mão da Natureza e de Deus  
— que abi as grava, que eu lhe peço hoje para

— esse anjo a ultima protecção, que tenho di-  
— reito a esperar.

— Jura-me, Eduardo, pela memoria de sua  
— mãe, que ha-de velar sempre por ella, que  
— a ha-de salvar logo que as mãos desapiedadas  
— dos meus algozes a queiram arrastar ao mes-  
— mo abysmo, aonde me trouxeram?

— Jure-m'o, Eduardo, mas jure-m'o depressa,  
— que os pés vão-me escorregando para a campa,  
— e d'aqui a pouco o collo de minha filha não  
— terá força para me segurar. —

« Aqui Antonio de Mesquita apertou-me 'num  
« transporte violento, como para minorar os mar-  
« tyrios da atrophia, e tornou a chorar como uma  
« creança, que, suspendendo o pranto para con-  
« ceber uma esperança, a viu ainda mais uma  
« vez desfolhada por um terrivel desengano.

« Depois os labios espirraram-lhe uma lufada  
« de sangue, e Antonio de Mesquita cahiu pros-  
« trado 'numa syncope, que lhe durou vinte mi-  
« nutos.

« Eu já 'nesse tempo não tinha lagrimas, meu  
« amigo. Amarguras como aquella tinham-me  
« levado as ultimas gottas d'esse balsamo com

« que a alma se lava das injurias do homem.

« Aquellas palavras eram um orvalho santo,  
« mas que vinha requeimar-se na aridez do meu  
« corpo antes de me cahir no coração.

« Ao acordar d'aquelle deliquio, Antonio de  
« Mesquita encontrou-me com os olhos fitos em  
« Deus, como se a minha alma abraçada ás suas  
« fagueiras illusões fosse procurar á sombra da  
« cruz o remanso que ella desesperára de encon-  
« trar no meio dos homens.

« O desgraçado velho continuou assim :

— Eduardo da Silva, a minha razão acorda  
— agora pela ultima vez antes do somno eterno,  
— que depois só poderá perturbar a trombeta do  
— archanjo.

— Este é o ultimo raio de luz, com que me  
— illumina a Providencia para cumprir tambem  
— o ultimo dever de christão e de pae.

— Sabe, Eduardo? Os meus algozes obriga-  
— ram-me hontem a assignar as escripturas do  
— casamento de minha filha.

— Ás portas do tumulo abafaram-me as la-  
— grimas de pae para me metterem nas mãos a  
— corda de carrasco.

— D'aqui a seis mezes Julia será uma infeliz,  
— se antes de isso a não agasalhar o manto da  
— infinita misericordia de Deus.

— Era uma desgraça, mas era de todas as  
— desgraças a menor.

— Os segredos malditos do passado barulha-  
— vam-se num côro infernal de lavas e espe-  
— ctros, e arrastavam-me o pulso para tudo.

— Agora, Eduardo, prometta-me, não ha-de  
— desamparar nunca minha filha, não?

— Ha-de occultar-lhe sempre o mysterio da  
— minha morte, sim?

— Oh! prometta-me tudo por minha filha,  
— por esse unico anjo que ha mais tempo me  
— não deixa caminhar por meu proprio pé para  
— as escadas do sepulchro. —

« Antonio de Mesquita parou um pouco. O  
« excesso da agonia prenunciava já a ultima hora  
« da existencia, e levando a mão á testa como  
« para segurar a razão, que ia fugir-lhe, tarta-  
« mudeou ainda estas palavras :

— Eduardo, acompanhe-a esta noite ao Con-  
— vento das Ursulinas; quando Julia ajoelhar na

— nave da egreja, estarei eu já ao lado do Senhor  
— apontando para ella...

— Eduardo, occulte-lhe tudo...

« Os labios de Antonio de Mesquita cerraram-  
« se para sempre, e a alma principiou de esvoa-  
« çar-lhe na atmospherá, envolta com as sombras  
« da morte.

« Sabe o que depois aconteceu, meu amigo?

« D'ahi a duas horas eram arrombados os ba-  
« hús de Antonio de Mesquita; com os papeis que  
« elles continham era reduzido a cinzas o futuro  
« de umas poucas de creancinhas que alli perto  
« dormiam no berço o descuidado somno da in-  
« nocencia...

« E o cadaver d'aquelle desventurado pae ro-  
« java no meio do chão, para que as mãos hedion-  
« das de uma sordida avareza fossem ainda vas-  
« colejar por entre as palhas do enxergão algum  
« ceítíl escondido.

« . . . . .

« Mais tarde, meu amigo, quando a manhã  
« vinha quebrando já nas cumiadas dos montes,  
« os passarinhos, as flores, os valles, as fontes, a  
« natureza toda levantava-se alegre e festiva para

« cantar nos hymnos da alvorada o regresso d'um  
« anjo, que voltava á sua patria, d'onde ha tempo  
« transviado se deixára perder cá pelos desertos  
« do mundo.

« . . . . .

« Julia de Mesquita antes de tocar no batente  
« d'aquellas portas, ajoelhou para casar ás har-  
« monias da natureza o incenso das suas orações...

« Julia era bella assim...

« Julia até alli era uma mulher linda, agora  
« era o puro ideal da spiritualidade, brilhando  
« em toda a omnipotencia da sua belleza deslum-  
« brante...

« Imagem pura do ceu 'naquelles olhos d'um  
« azul tão formoso e tão modesto, cercados por  
« uma longa cadeia de estrellas, que a ondada  
« spiral dos seus cabellos loiros similava ao des-  
« cahir-lhe nas espadoas de jaspe...

« Julia não era a Corinna de M.<sup>me</sup> de Stael,  
« segredando amores ao firmamento de Napo-  
« lés...

« Julia não era a virgem de Ossian, modu-  
« lando queixas nos echos saudosos das monta-  
« nhas de Mörven...

« Julia nem era a fada de Wieland, nem o es-  
« pírito aéreo de Hoffman...

« Que ha ahí na terra a que eu possa compa-  
« rar Julia de Mesquita?

« Modesta como a violeta, alva como o jas-  
« mim, melancholica como a rosa de Bengala,  
« Julia de Mesquita era tudo o que a mais bem  
« inspirada imaginação podésse crear de sublime  
« nas regiões ethereas da idealidade poetica...

« Julia de Mesquita seria a Magdalena aos pés  
« de Christo se na sua alma tão pura como o veu,  
« que lhe vendava a fronte, houvesse uma culpa  
« a remir...

« Julia de Mesquita era immaculada como a  
« primeira prece da innocencia...»

Aqui tem o nosso manuscripto uma conside-  
ravel lacuna, mas com o auxilio de uma nota,  
que logo virá, e dos seguintes excerptos, que pude  
ainda confeiçoar, os meus carissimos leitores sa-  
berão o fim da historia sympathica d'este malfadado anjo.

« . . . . .

« . . . . .

« Convento das Ursulinas,

« 15 de Março de 185...

« Oh! Como aqui na solidão d'esta cella, ao  
« pé dos meus livros d'orações se me vai expur-  
« gando a alma de todas as mundanidades!

« O coração aqui deifica-se no incenso e har-  
« monias, que vão perder-se na immensidade...

« Ao levantar da manhã, quando a aza d'uma  
« pomba me vem bater na adufa da janella, corro  
« a aprender no vôo livre da ave innocente o ca-  
« minho seguro do ceu...

« Aqui onde começam as primeiras melodias  
« dos anjos não chega o ultimo sussurro do ho-  
« mem...

« Dize-me, ó Deus, se são estas as portas da  
« vossa celeste mansão!

« Dizei-me, Senhor, se a vida aqui é um so-  
« nho, de que se acorda na eternidade!

« . . . . .

« *Julia de Mesquita.* »

« . . . . .

« Convento das Ursulinas,

« 30 de Março de 185...

« . . . . .

« . . . . .

« . . . . . E elle era-o tambem...

« A sua palavra vinha suave como um pen-  
« samento do ceu...

« . . . . .

« Ha almas assim, d'essas, que nos jardins da  
« Eternidade vão ás vezes colher os cherubins,  
« para depois cahirem da mão do Senhor sobre a  
« face do Universo.

« . . . . .

« *Julia.* »

« . . . . .

« Convento das Ursulinas,

« 10 de Julho de 185...

« Enganei-me.

« A aurora de um lindo dia de primavera  
« tambem vai muitas vezes esconder-se na nu-  
« vem negra de uma medonha tempestade, que  
« os raios brilhantes do sol lhe não deixavam  
« vêr...

« . . . . .

« Eduardo da Silva, se algum dia lhe forem

« á mão estes papeis, possam elles ao menos di-  
« zer-lhe que a sua amiga acceitou o martyrio  
« com resignação...

« Que prazer eu tenho agora em lhe escre-  
« ver!

« Ha um não sei quê no coração, que me adi-  
« vinha uma grande felicidade no meio de todas  
« estas desgraças...

« Hontem obrigaram-me a assignar a minha  
« condemnação por debaixo do nome de meu pae,  
« e quando eu ia a enxugar as primeiras lagrimas  
« vergaram-me o braço para a manga da minha  
« mortalha, do meu vestido de noivado...

« Amanhã darei o primeiro passo para o meu  
« sepulchro que já d'aqui descubro entreaberto,  
« pelas grades do cemiterio...

« Adeus, meu amigo. Quando ao sino d'esta  
« torre ouvir o derradeiro dobre, tenha saudades  
« da sua

« *Julia.* »

Foi, se nos não falha a erudição, a penna de  
um grande genio, de uma vocação superior, que  
ahi anda tão deslocada 'nessa *burguezissima terra*

*pe tripas*, como Julia de Mesquita o andava cá por este mundo, quem algures escreveu *que o amor do homem é um incenso, que desce para a terra quando o idolo é de barro.*

E' uma verdade...

Mas as mulheres como Julia de Mesquita são as estrellas, onde vai agasalhar-se, no meio d'uma longa tempestade, a vista dos escolhidos de Deus...

Quando na essencia d'esse barro poisaram primeiro os olhos da Providencia antes de lhe tocar a mão do homem, então o incenso desce apenas a purificar-se das jaças que lhe deixou o primeiro thuribulo, para depois subir mais alto...

Vejamos as ultimas palavras de Eduardo da Silva:

« Às seis horas da tarde do dia dois de Outubro de 185... a enxada do coveiro calcava o ultimo torrão sobre o cadaver de Julia de Mesquita...

« Aquella pomba desgarrada do céu deixando  
« cahir para a terra o involucro, em que andava  
« encantada, ao toque pestilento do milhafre,  
« voou á sua patria...

« *Eduardo da Silva.* »

(Veja-se a nota C).

*Poesia ou romance, musica ou drama de que as mulheres não gostem, é porque não presta, dizia o auctor das Viagens na minha terra a pag. 98 do primeiro tomo d'aquella preciosissima obra.*

E elle, que possuia um conhecimento tão profundo da natureza do sexo amavel, e preferia a opinião das damas á censura dos elegantes, é porque lá teve suas razões...

E na escripta de Eduardo da Silva ha de certo muita poesia, muito romance; aspira-se muitas vezes mesmo um tal rescender de perfumes por entre as diversas cambiantes de um rythmo tão canoro e tão suave, que nos vae a espaços transviando a alma por como melodias melancholicas de uma sentidissima aria.

Eu pelo menos penso assim, e todavia já dei-  
xei uma boa dóse de pieguice nos romances de  
capa parda, que li em pequeno.

Ora Eduardo da Silva, que é todo garretiano,  
e maxime em materias d'estas, abraça sempre de  
corpo e alma tudo o que possa vir-lhe do digno  
emulo de Frei Luiz de Souza, dar-se-ha de certo  
por generosamente recompensado se as suas ama-  
veis leitoras, ao deixarem a primeira pagina, pro-  
curarem com anciedade a segunda.

A folhas 39:

« Cap. 3.º » « *Remorsos.* »

« . . . . . »

« . . . . . »

XIX.

« Haviam passado dez annos.

« Fechára-se por todo esse tempo aos olhos  
« do homem o livro negro de uma historia bem  
« triste.

« Foram dez annos que esconderam dez se-

« culos de martyrio infernal, ardente e irascivel  
« como as lavas do Ecla, rebuçadas por monta-  
« nhas de gèlo.

« Foram dois lustros de lentas agonias, que  
« um anjo soffrêra entre um leito partido, que  
« lhe segredára os mysterios do coração, e al-  
« gumas flôres sêccas, que lhe acordavam na  
« alina as lindas recordações de um passado tão  
« caro, e lhe apontavam ainda em quasi rubras  
« corollas o nome de um homem que lhe galva-  
« nisava ás faces pallidas de cadaver o rubor de  
« mulher deshonrada!...

XX.

« Terrivel era a sentença dos homens, que  
« pesava sobre a consciencia d'aquella creatura!

« Mais terrivel era todavia a ironia pungente,  
« que lhes atirava dos beirões do sepulchro a mu-  
« lher, que se elevára acima da terra pelo mar-  
« tyrio, e subíra aos céos pelo arrependimento!

XXI.

« Quando o rico apressava os cavallos da sua

« carruagem, ao ouvir-lhe o gemido da agonia,  
« a martyr, a quem o corpo alquebrado não dei-  
« xava já balbuciar uma prece, pedia a Deus, fi-  
« tando os céos, que por aquellas lagrimas tão  
« santas, tão fundas do coração, perdoasse o des-  
« amor do *homem d'ouro!*

« Quando a sociedade lhe cuspiu um insulto  
« nas faces vincadas pelo remorso, a triste dava-  
« lhe as lagrimas da peccadora, e vinha depois  
« sorrir como os anjos aos pés da sua cruz!

XXII.

« E era esse mundo, por quem ella orava, a  
« Santa Magdalena, o que um dia se iria arrastar  
« como a serpente sobre a campa da prescita,  
« para alli lhe babar uma injuria de asquerosa  
« ingratição!

XXIII.

« De que valem os prantos de dez annos, pe-  
« didos de instante a instante ao coração, para  
« lavarem uma nódoa das faces, que a innocencia  
« não pôde prevenir?

« De que valem as preces e as supplicas, que  
« aquella mulher, sempre só, na nave da egreja,  
« resava ao Senhor, contando a um tempo pelo  
« rosario, que lhe estremecia nas debeis mãosi-  
« nhas, um Padre Nosso e uma agonia?

« De que vale aquelle reluctar acerbo de pa-  
« roxismos dilacerantes em cada fibra, que lhe  
« estala nos seios d'alma diante dos phantasmas  
« terriveis de recordações dolorosas?

« De que vale aquelle delirio febril e cons-  
« tante, que lhe arranca a existencia a todos os  
« momentos, e onde apenas a razão acorda, ra-  
« pida e brilhante como o penultimo crepitar de  
« chaõma, que se extingue, para mais uma vez  
« pedir perdão ao seu Deus?

« De que vale em fim esse embrulho ahi ro-  
« jado ao meio do pó, cadaver inerte, a quem até  
« já falta a força de tiritar nos seios da tempes-  
« tade?

XXIV.

« A luva de pellica branca do homem de-  
« vasso, que esconde a mão callosa á custa dos  
« seus irmãos, que vendêra, não vae tocar os

« membros lassos e ressequidos de um autómato,  
« de que se acerca a populaça!

« A prostituta dos salões não se levanta dos  
« seus aureos sophás, para vir aquentar com a  
« orla do seu vestido os pésinhos regelados da  
« moribunda!

« . . . . .

« . . . . .

« As mendigas limpam a fronte dos laivos de  
« lama, que lhe salpicaram os coches dos nobres!

« As Messalinas, essas escondem os beijos da  
« infidelidade atraz do carmim grosseiro dos seus  
« prostituidos *boudoirs*!

XXV.

« E haviam passado dez annos.

« Quem morasse ahi para os sitios de *Santo*  
« *Antonio* veria todos os dias, ao romper d'alva,  
« caminhar pausada e melancolicamente, com  
« um livro em uma mão, e guiando por outra  
« um innocente de peregrina belleza, uma mu-  
« lher toda vestida de preto, em direcção ao ce-  
« miterio da Cerca.

XXVI.

« Era a estatua da dôr pintada por Corrège!  
« Lia-se-lhe nas faces aquella resignação san-  
« ta, filha das grandes dôres!  
« A' sua corôa de rosas estava enlaçada a co-  
« rôa de martyr!  
« . . . . . ; . . . . .  
« . . . . .  
« O idillio de Gessner convertêra-se em elegia  
« de Lamartine.  
« Aos traços graciosos de Miguel Angelo suc-  
« cederam-se as sombras tristes de Hogarth.  
« . . . . .  
« . . . . .

XXVII.

« O que se passava 'naquella alma, a lucta  
« angustiosa, em que se lhe iam contorcendo as  
« entranhas do peito, revelava-o ella, sem que-  
« rer, nas vezes repetidas, em que se detinha  
« para fitar os céos, ainda mal alumiados pelo  
« astro da noite!

XXVIII.

« Para o que já soube um dia quanto custa a  
« comprar a eterna felicidade 'numa longa vida  
« de penitencia, a espaços ennegrecida pelas som-  
« bras tetricas do remorso do passado, que se le-  
« vanta como um sarcasmo doloroso, não era dif-  
« ficil adivinhar o que a arrependida pediria a  
« Deus 'naquelle santo volver d'olhos!

XXIX.

« E os felizes, a quem a alma já sobrenadou  
« 'num mar de delicias, bebidas no cadinho sa-  
« grado da religião do Christo, comprehenderiam  
« tambem aquelle sorrir de fé evangelica, quan-  
« do, em resposta á sua silenciosa oração, vinham  
« os innocentes passarinhos indicar-lhe o pri-  
« meiro raio do rei dos astros, no seu mavioso  
« e sympathico trinar.

XXX.

« Eram as caricias da esperanza que lhe des-  
« ciam aos seios d'alma, quando o céo acordava!

« Eram aquellas as harmonias, que a acom-  
« panhavam sempre á mansão dos finados!

XXXI.

« Emilia da Costa era a primeira alma chris-  
« tã, para quem todos os dias se abriam as pesa-  
« das grades de ferro d'aquelle recinto, tão triste  
« para todos, e para ella o unico, ao que parecia,  
« tão rico de affectos e attractivos.

XXXII.

« O *guarda dos tumulos* votava já uma especie  
« de culto idiota (que mais não podia dar aquelle  
« cadaver ambulante), á *mulher dos vestidos ne-*  
« *gros*, como elle lhe chamava.

« Aquelle corpo elevado e esguio, tortuoso  
« como o pinheiro das serranias, aquelles olhos  
« espreitando de contínuo, com a desconfiança do  
« avaro, lá do fundo d'aquellas profundissimas  
« orbitas, tomavam já uma expressão indecisa ao  
« enxergar aquelle vulto, que lhe parecia sobre-  
« natural.

« Algumas vezes mesmo, por entre as argo-  
« las do portão, destacavam os dedos dilatados do  
« espectro, que mal se sustinha assim, meio cur-  
« vado, para a seguir longo tempo com olhares  
« de alienado.

XXXIII.

« Eu sympathisava com esse homem.

« Por entre aquella encrusilhada de rugas,  
« que lhe sulcavam a fronte escalvada, haviam  
« caracteres mal distinctos de uma prece santa,  
« balbuciada ao expirar da ultima crença.

« D'aquelles olhos baços e frouxos vi eu uma  
« vez projectarem raios de fogo, mais vivo de  
« certo que o das fornalhas do Etna.

« Por aquelles labios convulsos crispavam ás  
« vezes gargalhadas infernaes, que punham medo  
« aos corvos, e afugentavam as corujas do centro  
« das cornijas.

« . . . . .

« Havia 'naquelle todo, aterrador para as crian-  
« ças e para os homens pouco afeitos aos gran-  
« des golpes da vida, um poema sublime de uma

« dôr immensa, carcomido epitaphio d'um cora-  
« ção, que fôra grande.

« . . . . .

XXXIV.

« Emilia entrou no cemiterio.

« Entremos nós com ella.

« Alli por entre aquelles palacios do nada é  
« tudo silencio e sombras!

« Em vez dos canticos da festa, que se ouvem  
« cá fóra, estrugem por lá os gritos fatidicos da  
« ave agoureira!

« Em vez de pedrarias e joias, marmores e  
« suspiros!

« Em vez de gargalhadas e delirios, mysterio  
« e nada!

« Entremos com ella.

« Mas vigiemol-a de longe; não profanemos a  
« religião augusta d'aquella grande alma, que se  
« julga só entre amigos, que já não sabem men-  
« tir!

XXXV.

« Vêdel-a?

« Aquelle martyrio colhe-o assim todas as  
« manhãs...

« O seu primeiro alimento de cada dia é o  
« doce nectar, que a alvorada lhe deixa no ca-  
« lice...

« E o seu primeiro sorriso o de uma espe-  
« rança vã e ephemera, que tem p'ra logo de es-  
« conder-se na nuvem negra d'uma terrivel des-  
« illusão, mais uma vez provada!

XXXVI.

« Olhae agora...

« Desfolha petala por petala o botão colhido...

« Sabeis o que a louca pensa? — que nas fo-  
« lhas d'aquelle *martyrio* irá tambem o martyrio  
« da sua alma. Vêde... sorri agora... anceia lo-  
« go... estremece já... cae emfim a derradeira...  
« . . . . .

« Coitadinha! Foram illusões de innocente,  
« que passaram rapidas como a ultima esperança  
« do condemnado!

« Era-lhe agora bem amargo aquelle nectar  
« que havia osculado na rosa dos sepulchros para

« depois se levantar do fundo d'alma com uma  
« tremenda accusação pela morte lenta que ella  
« havia dado ao retrato do seu coração!

« Fugira da sociedade e dos homens; o pobre  
« cemiterio dera-lhe uma amiga para chorar, e  
« ella, impensada, bebêra-lhe as lagrimas para  
« depois a deixar á descripção das levadas!...

« Sabeis o que é soffrer assim?

XXXVII.

« Mas . . . . .  
« . . . . .  
« . . . . .  
« . . . . .

XXXVIII.

« Quem vae perguntar ao marmore pesado  
« dos sepulchros pelas ultimas palavras do des-  
« graçado que morrêra?

« Quem vae perguntar ao rouxinol pelos amo-  
« res, cujas saudades elle canta á beira do rio?

« Quem vae perguntar ao vate enamorado,

« que nos serros alcantilados pede impressões á  
« tempestade, o segredo d'aquellas rugas, que lhe  
« vincam a fronte?

« Ninguém, que o gusano dos tumulos róe o  
« cadaver, mas não ouve os prantos que se cho-  
« ram sobre a terra.

« Ninguém, que a ave innocente não compre-  
« hende a linguagem da mentira.

« Ninguém, que o poeta perdeu a razão antes  
« da primeira lagrima.

XXXIX.

« Olha, amigo, vês além aquelle mancebo com  
« a vista mergulhada no Oceano? contempla ex-  
« tatico a folhinha sêcca, que se esquivava á mar-  
« gem do rio.

« O coração adivinha alli uma imagem triste  
« da realidade da vida.

« Lá escreve elle uma phrase magoada no  
« meio da areia... vês?

« Quem podia agora traduzir o sentimento,  
« que lhe vae n'alma?

« Ninguém! E logo hão de arrastal-o para

« as possilgas dos ricos, porque elle teve a des-  
« graça de nascer nobre, e quando lhe estiverem  
« envenenando as crenças mais santas nas taças  
« marchetadas de oiro, a onda virá apagar a he-  
« rança, que elle deixou ás praias tão suas, e a  
« pobre folhinha sumir-se-ha para sempre nas  
« penedias do mar!...

“ . . . . .  
“ . . . . .  
“ . . . . .

(Veja-se a nota *D*).

Amaveis e sympathicas leitoras, talvez porque  
hoje ninguem ama Eduardo da Silva como eu  
amo, nem infelizmente amará jámais! eu vou fa-  
cil a crêr que nos vossos olhos amortecidos e lan-  
guidos brilhou já aquelle subido galardão que al-  
mas da sua tempera tanto anhelam por abraçar.

E não me engano de certo. Podesse eu ao  
menos recompensar-vos, dando-vos no seguinte  
excerpto, em vez de uma brevissima e rapida es-  
quissa, longas e eloquentes paginas de sentido e  
melancholico dizer...

E é pena, é; que aquelles primeiros periodos deixam-nos a suspirar por graves e profundas observações philosophicas sobre os primeiros versos do *Camões*, com que todos nós haviamos de aproveitar muito...

Seriam as lagrimas d'aquelle nosso bom velho eremita das fraldas do Bussaco, que as apagariam d'alli? Talvez; que elle era poeta deveras a curtir *saudades*...

A folhas 51:

« Capitulo 6.º » « *Saudades.* »

« . . . . . »

« Saudade... já lhe chamaram *gosto amargo*...

« Bem amargo que elle é!

« Já o traduziram em *pungir delicioso*...

« Sêl-o-ha; mas quando á luz viva do facho luminoso da esperança se caminhar com energia e vigor para o futuro...

« Oh! que se ao clarão pallido e froixo d'uma duvida do inferno a saudade é um escarneo, não sei, por Deus! que delicias contenha!... »

E mais não contém o nosso livro a não serem

esses derradeiros periodos, que alfim nos dá, depois de repetidas paginas de desesperadora lacuna.

« . . . . .

« Que vos abram as portas do cemiterio de  
« Condeixa.

« Ide, entrai, horas mortas da noite, e adorai  
« aquelle vulto alli de joelhos sobre um tumulo,  
« com as mãos erguidas para Deus, tartamudean-  
« do a sós uma santa e piedosa oração...

« Quem é aquelle vulto? Parece uma mulher  
« toda vestida de negro, negros os olhos e os ca-  
« bellos, pallidas as faces de uma doce e terna  
« melancholia, tibiamente illuminadas pelo frou-  
« xo clarão, que uma estrella coada pelos ramos  
« dos cyprestes vem alli poisar-lhe...

« Fugiu...

« Era uma visão? era um sonho aquelle bai-  
« lar de sombras no fundo tetrico das exhalações  
« da terra?

« Não sei, mas o espirito angelico d'aquella  
« mulher esvoaça ainda por essas catacumbas...

« Lêde o epitaphio d'aquelle sepulchro onde  
« ella estava, e orai a Deus pela alma de um jus-  
« to...

« Á luz tibia da funeraria lampada lêde:

« AQUI JAZ

« ANTONIO ZEFERINO TAVARES. »

« . . . . .

(Veja-se a nota *E*).

Uma boa senhora, a quem eu ha pouco lia esse manuscrito, assacou uma tremenda censura contra o nosso pobre Eduardo da Silva, que ella accusava de falso narrador, *pois que á fé do seu Antoninho, que andava em Coimbra, jurava não haver alli sombras de mulher bonita...*

Em defeza do nosso amigo, cumpre-nos fazer as seguintes observações...

Para nós a verdade no romance é tudo, mas a verdade principal, a idéa fundamental do livro; ornar aquella de situações agradaveis no progressivo desenvolvimento da sua apreciação, alindando-a de flores do mais esmerado primor, era já ha muitos annos uma tentativa de bom gosto, e hoje póde dizer-se uma necessidade da epocha...

E' mais bello ir colher uma camelia ao meio

de um jardim florido e alastrado de violetas, do que ter de arredar as silvas á beira de tortuoso caminho para apanhar a madre-silva...

Ora em Coimbra não ha Virginias imaginaveis, nem Lucilas possiveis. As descripções poeticas de Eduardo da Silva podem em verdade parecer exageradas aos que menos versados nos segredos da esthetica não adivinharam a sua verdadeira inspiração...

De todos os codigos e physiologias do amor, que até hoje tenho lido, uma das convicções que mais profunda me ficou arreigada, é que as primeiras paixões, fortes, vehementes, intensas como ellas nascem ao primeiro influxo do coração, nunca se apagam de todo, e deixam, ao desfolhar da ultima illusão, uma poeira de cinzas, que mais tarde veem levantar no peito as mulheres, cujo aspecto póde lembrar-nos uma ou outra belleza do primeiro idolo das nossas affeições...

Ora para Eduardo da Silva havia ainda um outro não menos imperioso motivo...

Como a poesia do soffrimento, que, sendo em tudo franca e generosa, é só avara das lagrimas e dôres, Eduardo da Silva compartilhava todas as riquezas do seu coração com aquelles, que, avergados ao pêso do infortunio, soffriam com elle...

E como se o involucro, ás vezes menos correcto, d'aquellas almas superiores lhe fallasse tambem mais á imaginação que aos olhos, elle descuidava-se facilmente em phantasticas creações de nunca idealizados typos...

Para descargo da minha consciencia devo todavia confessar que ha ainda hoje em Coimbra uma mulher, que o mais bello de todas as descrições do meu amigo não desenharia ainda completamente; mas esta por si não é mais que uma excepção em favor da nossa regra...

O mais, afóra o brilho de tres ou quatro satellites, que giram á roda d'aquelle bello astro, é tudo uma praga maldita de coriphêas, usurarias contrabandistas do *sim senhor* e *não senhor*, que privam impunemente todo o cidadão pacifico de

ir á missa ás cinco horas, e castigam com barbara severidade todo o olho indiscreto, que em tardes de procissão vá incommodar no desvão de alguma trapeira o nariz de queijo flamengo de algum seraphim de côro de aldeia.

Em Coimbra as paixões democraticas hão-de aninhar-se na fisga de algum rachado calcanhar, e as mais ambiciosas não sobem acima do desgraçado postigo d'alguma carroça d'*ancien régime*...

Podeis pois, leitoras bellas, calar desde já indiscretos ciumes, e volver a pagina sem dessocego...

A folhas 87 :

« Capitulo 4.º » « *Confidencias.* »

« Minha boa amiga.

« Custa-me a escrever-te, e sinto ao mesmo tempo uma força irresistivel, que me obriga a fazêl-o.

« Não me accusas, não?

« Para os alheados aos grandes martyrrios ha-

« veria talvez 'nessas palavras motivo de repre-  
« hensão; mas tu, que tens a minha alma escri-  
« ta na tua, que por ella vês os meus soffrimen-  
« tos, as minhas mágoas, os meus tormentos de  
« todos os dias, as minhas lagrimas de cada hora,  
« adivinhas de certo que este desabafar de sau-  
« dades, curtidas longe de quem commigo as re-  
« parte, é uma provação dolorosa, que me tor-  
« tura em ancias diabolicas.

« A penna vence o espaço, dizes tu, e o papel  
« vinga dous corações, que se amam, da distancia  
« infinita que os separa; mas o papel rasga-o a  
« frança d'algum pinheiro, que elle encontra no  
« caminho, e os braços estendidos para lá cahem  
« depois sobre o corpo frio e gelado d'aquelle  
« torpôr deleterio, que traz o abandono.

« Vês, Amelia? foste indiscreta! pediste-me  
« que te escrevesse, que te contasse a minha vida,  
« que te fallasse d'aqui; e não sabias tu que nos  
« meus escriptos, nas minhas palavras havia de  
« transsudar o pranto amargo que me requeima  
« as faces a todo o instante? que o meu mais in-  
« timo pensamento havia de toldar-se ao passar  
» por esta pesada atmospherá, que me opprime?

« Para que hei-de eu ir juntar um cardo  
« agreste ás flôres mimosas da tua existencia?  
« para que hei-de eu ir enluctar as palmas viri-  
« dentes da tua corôa, misturando-lhe o goivo da  
« morte, e regando-a de lagrimas.

« Lagrimas! lagrimas abençoadas são estas,  
« que eu ha tanto tempo não chorava, e que a  
« tua carta, como a vara magica do Propheta,  
« fez brotar da pedra árida do meu peito!

« Hontem, Amelia, foi um d'aquelles poucos  
« dias, que a Providencia raras vezes me concede  
« para descansar o corpo fatigado d'este lento mas  
« constante peregrinar em safaro terreno d'amar-  
« guras.

« Á mesma hora, em que eu por intermedio  
« da tua carta apertava a tua mão, cingia com os  
« braços o nosso bom Alfredo, que chegava de  
« Coimbra para passar commigo estes poucos dias  
« de ferias.

« Já quasi ao fim da tarde fomos ainda seu-  
« tar-nos sobre o troço d'aquelle capitel partido,  
« onde junto ao adro de Sant'Anna, nós ouvia-  
« mos ambas ha dez annos, sobre os joelhos de  
« meu pae, aquellas tão tristes historias que elle

« nos contava, acompanhadas do ramalhar dos  
« cyprestes e do murmurio das fontes.

« E pareceu-me um sonho aquelle instante,  
« Amelia!

« O balsamo bemdito das tuas palavras, as  
« ternas caricias de Alfredo, o trinar mavioso das  
« aves, as monótonas e compassadas badaladas  
« do mosteiro, o cantar innocente das crianças, o  
« fumo, que se levantava das humildes choupa-  
« nas d'essas pobres, mas felizes creaturas, a ca-  
« sar as harmonias da terra com as harmonias da  
« natureza, tudo isso me acordava n'alma um  
« mundo tão bello de deliciosas imagens, que eu  
« principiava já a sorrir ao novo mandado de  
« Deus, que vinha pôr termo á minha desgraça.

« Foi mais uma illusão que se perdeu, Ame-  
« lia!

« Foi mais um esforço vão e ephemero con-  
« tra a sombra maldita d'esta verdade que me  
« persegue sempre!

« Foi mais uma flôr que no fim de dous ins-  
« tantes de vida, tombou para o chão ao bafo  
« pestilento do espectro do meu passado, como  
« as ondas que eu vejo d'aqui, por entre as gelo-

« sias da minha janella, cahirem escravas aos  
« pés do rochedo !

« E custa tanto a viver assim, Amelia! escal-  
« dam tanto estas lagrimas de sangue, que se cho-  
« ram sobre uma recordação, que nos fugiu!  
« dóem tanto estes martyrios d'alma, que eu sôf-  
« fro aqui, sósinha, abandonada de todos, cons-  
« tantemente curvada ao cêpo da desgraça! é  
« preciso tanta resignação para pedir todos os  
« dias uma esperança ás ruinas do passado, e não  
« encontrar uma sequer por entre as cinzas, que  
« ficaram de muitos dias felizes!

« E que me resta a mim de todo esse amor  
« ardente, infinito, immenso, que eu acalentei  
« tantos annos no meu coração, nobre e gene-  
« roso como a palma do martyrio, innocente e  
« suave como um pensamento do ceu?

« Que perfumes me ficaram d'essa rosa, que  
« eu trouxe tanto tempo plantada no peito, e que  
« o sôpro inimigo de uma nortada supita me le-  
« vou logo ao desabrochar, antes que a primeira  
« aurora descesse a ornal-a com as suas perolas?

« Oh! meu Deus! meu Deus! porque me dei-  
« xaste assim, sem piedade, com a face collada a

« este chão arenoso, a carpir saudades do in-  
« ferno?

« Qual era o meu crime senão ter amado  
« muito, de um amor vehemente, intenso e in-  
« vencível?

« Que peccados eram os meus senão os pran-  
« tos arrancados ao coração com o espinho de  
« muitas dôres?

« Para que me amarraste este corpo ao cada-  
« ver da minha bella mocidade, que hoje reclama  
« a vingança da memoria de meu pae, o meu  
« nome e a minha honra 'nessas nódoas negras,  
« que lhe deixaram os açoites do vilipendio?

« . . . . .

« Perdôa, Amelia, se nos paroxismos do meu  
« odio chego ás vezes a perder a razão! mas  
« quando 'neste baldado correr atraz dos meus  
« amores de outros tempos e das flores da minha  
« infancia, cáio extenuada e sem forças, vendo já  
« mais ao longe a fugir o escasso brilho, que me  
« enganava ainda, de todos esses sonhos doira-  
« dos, mal posso calar uma blasphemia de deses-  
« pêro.

« Perdôa, Amelia, se as minhas lagrimas te

« foram queimar os labios, quando os da tua mãe  
« lhes entornavam ondas de dulcissima paz!

« Perdôa-me tu, Amelia, e inspira-me do  
« meio d'essa abençoada mansão!

« Ensina-me uma prece, que não venha como  
« as minhas polluir-se nos meus labios culpados,  
« mas que os purifique das jaças que o veneno  
« dos homens lhes deixou.

« Diz-me que esta desgraça não é uma ten-  
« tação maldita do inferno, mas uma provação  
« mandada por Deus.

« Aponta-me tu d'ahi o arrebol da manhã,  
« que tem de dissipar as trevas d'esta longa noite  
« de inverno, sem lua nem estrellas, em que cada  
« recordação é um crime, que me vai occidando  
« a vida com os espinhos do remorso.

« Abençôa-me tu, Amelia, e possa eu ao me-  
« nos nunca insciente das tuas venturas abraçar-  
« me sempre a ellas como ao unico oasis, onde  
« nos desertos d'alma se vá abrigar da tormenta  
« a flôr do sentimento.

« Buarcos, 22 de Dezembro de 1849.

« Tua *Esther.* »

(Veja-se a nota *F*).

Leitor indulgente, o livro de Eduardo da Silva começa a magoar-me; parece-me que não tenho coragem para o abrir outra vez; o resto das suas paginas é triste como o ceu de uma noite de tempestade...

Se tens a alma bastante pura para dispensar consolações, entra em Coimbra a qualquer hora; escusas de accender a lanterna de Diogenes, has-de encontrar nas ruas muita infeliz, que precisa do teu balsamo, muita creatura moribunda a pedir-te uma gôta de existencia...

Fresco como as lagrimas de um anjo, que ahi verás todos os dias ajoelhar sobre o tumulo do pae, que ainda hontem lhe enterraram, está o sangue do punhal criminoso, que os assassinos escondem debaixo da cumplice toga...

Alli, ao pé d'aquella grinalda de rosas, que ás portas do sepulchro cahiu com o involucro de uma alma, que voára para os ceus a um aceno da Providencia, está ainda a mortalha negra de uma infeliz, que, á face de Jesus Christo, fôra ar-

rastada pelos cabellos dos pés de um confessorio para as grades de uma masmorra, onde as lagrimas e as súplicas da innocencia fomentavam uma grita sacrilega de impias gargalhadas....

.....  
.....

Basta; o braço do novo Hercules, que tem de limpar esta segunda estrebaria d'Augias, chamada Universidade de Coimbra, diz-me o coração que não vem longe...

E' covardia bater 'num morto...

E a Universidade está morta, mas agarrada ainda como a mão do afogado ao corpo vivo de mais de oitocentos mancebos, que, atados ao seu cadaver pôdre, se debatem 'neste horrivel supplicio de Mezencio, já meio combalidos do vicio...

A vibora ao estrebuxar espadelou veneno na atmosphaera, e asphyxiou com o ambiente corrupto os cantores da natureza, que inspiravam os poetas d'outr'ora....

As folhas dos salgueiros, que ornavam um dia a fronte sympathica dos grandes vates, cahem agora sêccas e amarellentas sobre a lousa d'algum tumulto...

A poesia viva, ardente e brilhante, echo immortal d'almas nobres e corações generosos, enterraram-na hoje á capucha os Guerrys de ce-roulas com as paginas estereis das suas rachiticas e enfesadas estadisticas...

O bom poeta, o bom orador, o bom estudante, o mancebo brioso e valente, desapareceram d'esta academia quasi sem vida, d'este moribundo, fertilissimo ainda de seiva, mas como que fraco e covarde para levantar a sua emancipação d'esse inglorio desalento...

Aquella unidade, aquella santa fraternidade dos tempos saudosos de Coimbra, rasgaram-na hoje em farrapos os aristocratas e os litteratos, que a final morrem todos de desgraçada paralyisia, á mingoa de inspiração, que pelas pontas dos cabellos lhes rouba o cabelleireiro alvar e agiota...

A penna eloquente, e o braço possante e energico, que outr'ora se erguiam para defender o bom nome e a honra da batina academica, jazem sem vigor 'numa atonia deploravel; e nem ao menos hontem se levantaram para castigar a vil e infame espionagem, que ousava perturbal-os nas quietas isempções, com que uma hora de remanso lhes amenisava as luctas do estudo, para no dia seguinte levar lagrimas e dôres ás mães e ás familias, cuspindo das columnas de um jornal sobre as reputações de seus filhos o mais indigno de todos os opprobrios...

Perdoai, meus amigos, meus companheiros, meus irmãos d'hontem nas lides do estudo...

Se houvessem culpados entre nós, eu seria o mais despresivel de todos elles.

Se houvesse alguém a lastimar, eu seria ainda, pobrissimo de talentos, o menos digno de compaixão.

Mas não são nossos os crimes...

A culpa é toda d'essa velhice enferma e pobre, corrupta e immoral, leigarraça e villanaz, que se definha miseravelmente 'numa vegetação acanhada, e a quem pesa a sombra dos novos, capazes de futuro, de sublimes e grandiosas aspirações...

Se quereis a mesma poesia, rica de sentimentos, opulenta de imagens, que os antigos bebiam no ar, na atmosphera, nas arvores, nas flôres, em toda a natureza, rasgai com mão vigorosa essa tôrpe mortalha, com que os coveiros das modernas e sãs doutrinas pretendem enterrar-vos a lyra....

Se quereis saber, escrever e pensar como elles, emancipai-vos quanto antes d'esse cêpo ignobil da ignorancia, ao qual uma cohorte de ineptos pretende manietar-vos....

E agora é de vós, e só de vós, que deve partir o grito da restauração das letras patrias.

Hontem quando a mão rude do impio sacris-

tão, escondido por entre as columnas do templo, apagava o ultimo cyrio, cuja luz mostrava ainda o symbolo da religião, a lucta era impossivel no meio das trevas; mas hoje que o encontrastes ainda ao alvorecer, de mangas regaçadas, novo Han d'Islandia, dismantelando com machadadas hereticas o altar da sciencia, é a vós que compete salvar os maineis escapos ao vandalismo, e reedificar sobre as ruinas ainda quentes do edificio desmoronado.

(Veja-se a nota *G*).

RESUSCITAE-A!

« Quando sinto o infinito dentro em mim, e o  
« não posso explicar, encontro sempre o silen-  
« cio para o escrever. » Dizia algures *Alfred de  
Musset*.

E é tão incontestavelmente verdade, que o  
pulso vacilla ao traduzir as bellezas de um rico e  
maravilhoso panorama, quando a natureza se lhe  
apresenta em toda a sua magestade imponente,  
como tentando colorir o que nasceu árido e este-  
ril, sem vida real, nem existencia possível.

Coimbra é a prova irrecusavel da primeira, apontando-nos para o cyclo brilhante da historia, em que o berço das letras patrias amenisava as saudades do coração nos recursos da intelligencia, aos genios inspirados de então.

Coimbra faz-nos provar a realidade dolorosa da segunda hoje, que esse berço se transformou no tumulto das vocações modernas.

Não digam que é tresvario de razão indignada, que as minhas queixas são o dislate da intelligencia cega pelo coração; que eu posso pedir-lhes amigos, irmãos e futuro, que me roubaram, accusando de discola a minha consciencia, que os homens de outro tempo chamavam nobre.

Coimbra é indubitavelmente o espectaculo triste de uma nação, que se deixa morrer lentamente, adormecida á sombra de tradições gloriosas, sem presentir os caudilhos da geração velha, que a vão saqueando nas longas horas da sua noite infinita.

Coimbra está morta, moralmente morta, e desgraçadamente difficil de resuscitar, em quanto nas ante-camaras dos ministros conciliarem o somno os sophás voluptuosos de *Crébillon*.

Já não ha mocidade em Portugal!

— Perdõem este grito plangente, mas insuspeito, que não é um velho que o levanta!

.....  
.....

Coimbra, até onde te arrastaram os barbaros da era nova!

Onde deixaste os cantos entusiasticos, que a lyra de João de Lemos aprendia nos magicos modilhos do rouxinol, entre as balseiras perfumadas do teu poetico Mondego?

Dize-me onde ficou enterrada a lyra do poeta, que embalaste ao murmurio da tua *fonte dos amores*, que eu quero ir lá arrancar-a, para lembrar de novo o nome de José Freire aos salgueiros, que se debatem em agonias; ás aguas, que redemoinham em queixas; ás folhinhas, que já pen-

dem mortas pelo desalento, sem esperança de ouvirem uma vez as trovas, que só ellas inspiraram, e que só d'ellas eram.

Dize-me quem foi o sacrilego, que ousou riscar do tronco d'esse carvalho secular a estrophe tantas vezes abençoada pelas lagrimas ardentes do soldado, e escrita pelo poeta, que como elle *trouxera a arma ao hombro, e estivera perfilado na guarita?* (\*)

Desgraçada!

Ha pouco ainda se ouvia o ecco lugubre que ao descahir da tarde, lá ao pé da *lapa dos esteios*, se levantava da barca do pescador, e vinha, como as canções do gondoleiro napolitano, acordar as saudades dos poetas d'outr'ora.

Esse canto era triste, mas a agonia era sublime como o ultimo *trillo* do cysne.

---

(\*) Palavras do meu amigo, o snr. Lopes de Mendonça, pintando o genio brilhante do meu amigo, o sur. L. A. Palmeirim.

Era a presciencia do tumulo, mas que se de-  
lia em sorrisos de martyr nas derradeiras expan-  
sões de uma grande alma, que subiria para os  
ceus, envolta nos doces sonhos d'uma grata poe-  
sia, quando o corpo tombasse para o chão.

Era a rosa, que se desfolhava aos pés descui-  
dados da creatura, mas que embalsamava o es-  
paço dos perfumes enebriantes do seu calice, an-  
tes de seccar a derradeira corolla.

Coimbra, onde estão essas ruinas magestosas,  
por onde tantas vezes divagava a alma de Casti-  
lho, agora melancholica e pensativa como a de *Vi-  
gny* sobre a historia triste de dous desventurados  
amantes, que elle visára dispersa por entre os es-  
combros de um palacio derrocado; logo festiva e  
prazenteira como a de *Florian* e *M.<sup>me</sup> Deshou-  
lières*, cantando a vida e os amores das singelas  
pastorinhas?

Onde estão esses versos todos cheios de amor  
e poesia intima, que o vate inspirado ia gravar  
sósinho por entre as gelosias das suas poeticas

mansões, escondendo-se alli e a sua lyra por entre cortinados de sycomoros?

E sou eu quem t'ó pergunto! Eu, que o vi ainda ha pouco, no momento em que a omnipotencia do seu genio dardejava raios deslumbrantes de inspirada eloquencia, em toda a magestade do seu pensamento religioso, insultado covardemente pelos mesmos hereges, que te deshonraram, roubando-te crenças, religião, amor, poesia, saudades do passado e esperanças do futuro!?

Perdôa, antiga e talvez futura Athenas do meu paiz; eu não venho cuspir uma maldição sobre o sepulchro do teu cadaver!

Não, que a tua morte é o mais bello florão da tua corôa de glorias!

Embalada desde a infancia aos ternos cantos de uma poesia toda pura e casta, vivias alegre e contente com a religião do teu Deus, sem que as tempestades da terra deixassem, ao passar, na tua

fronte candida a mais leve sombra, que lhe alterasse a alvura.

Mais tarde os braços d'esses poetas generosos e valentes, que te haviam escondido por longo tempo o barathro da infamia, e o vaso da cicuta infernal, cahiram sem vigor, e apenas lograram forças para escrever nos ramos pendidos dos freixos o *adeus*, que lhes impunha o destino.

Hora fatidica!

Terrivel era esse momento, em que ou tinhas de morrer, ou te havias de entregar, como a prostituta sem alma, aos caprichos tórpes e desprezíveis de um velho sybarita, que respondia ás tuas supplicas com um sarcasmo de indiferença, e escondia as tuas lagrimas nas ultimas fezes da abjecção.

Morreste, e os teus poetas exultaram, porque te não viram conspurcada nas possilgas polluidas de uma *velhice* corrupta e asquerosamente hedionda.

Morreste, Coimbra!

Já esqueceram as estrophes sentidas da *Lua de Londres*, que outr'ora se repetiam com enthusiasmo lá em cima no *Penedo da saudade*.

A còr tisonada do tempo veio apagar no granito do teu templo magestoso os trechos grandiosos da *Cidazunda*, que um dia lhe haviam gravado.

Morreu o lyrismo com a epopêa popular; e até por ultima desgraça foram á choupana do pobre, onde se repetiam com fervor religioso os versos sentidos do teu sympathico, impetuoso e energico Béranger, para fazerem do desgraçado operario vil e despresivel espião.

Morreste, Coimbra; pelas margens formosas do teu magestoso Nilo já se não casam ao canto ambicioso e crente dos teus grandes poetas as endeixas sentidas do rouxinol!

Não, rainha formosa do Mondego, que a ave generosa trocou pela melodia da sua voz o gras-

nar infernal dos corvos, e vem agora, todas as noites, horas mortas, amaldiçoar os vandalos, que te assassinaram.

O poeta de hoje não afina a sua lyra aos cantos de Lamartine, nem vive seculos de ventura infinda em amenas practicas com as paginas de *Graziella!*

Às vezes ironica como a de *Musset*, desesperada como a de *Byron*, a indignação da sua alma para os modernos phariseus, que lhe transformaram as antigas aguas de Castalia no Golgotha das suas mais imperiosas e intensas aspirações, encontra mais liberdade nas perguntas audaciosas de *Manfredo*, e abraça-se com o poeta da duvida!

« Vivo d'est'arte: triste, silencioso  
« Commigo a sós: nas turbas envolvido  
« Sempre no rosto a mascara do gôso,  
« Sempre uma phrase de prazer fingido ! »

'Nestes versos singelos, mas sympathicamente melancholicos de Antonio Ayres de Gouvêa revela-se a um tempo a distincta individualidade lit-

teraria de um poeta, e transluz em feições características a physionomia desesperada de uma época.

Essa estrophe é o protesto nobre da consciencia do mancebo, que, desanimada depois da lucta, solta uma imprecação violenta contra uma sociedade maldita, que condemna o sentimento.

E' o vôo arrojado da alma, que 'num instante de desespero rasga com mão vigorosa as dobras do involucro, que a prendia á terra, e desprende as azas na immensidade do espaço para ir ajoelhar aos pés de Deus!

A sua dôr porém devia ser um dia o seu castigo; como aos martyres do christianismo tambem lhe estavam reservadas as dolorosas provações da sua religiosa abnegação.

Um dia a sua lyra descuidou-se; a intensidade da dôr era maior; e os queixumes em que até alli desabafava o seu coração, *triste, silencioso comsigo a sós*, ouviram-se mais longe, e foram

eccoar no meio das turbas, onde a *mascara do góso* lhe havia escondido até então os vincos, que o martyrio lhe abrira nas faces.

Foi terrível a condemnação! Ayres de Gouvêa expiava depois ás garras d'um *leão*, o seu amor pela sciencia, as riquezas do seu talento, a poesia do seu coração, a religião da sua alma.

Vinde agora, austeros moralistas, condemnar o talento que se curva a uma sordida venalidade, e absolvej, se tanto ousaes, os velhos corruptos e devassos, que o transviaram da estrada, por onde elle caminhava, firme 'numa crença, ao clarão de uma esperanza!

Perdôa, *Candida*, se é terrível a accusação, que eu levanto contra o berço, que primeiro embalára o grandioso culto, que eu ainda hoje voto á magestade da tua belleza!

Quando os muros de Jerusalem desabavam pedra por pedra, quando as ultimas folhagens doiradas, que a nação judaica havia esculpturado

na madeira de cedro de seu faustoso templo, se confundiram no pó; levantava-se sobre essas ruínas uma virgem apenas, que, purificada pela agua do baptismo, e crente na prophecia do suppliciado do Golgotha, escapára á cólera do Senhor.

Era a filha do pontifice de Judá. *Candida*, tu és a Sara d'essa Gomorra prostituida, que ha-de em breve cahir aos golpes vigorosos dos reformadores modernos.

Lembras-te do que me lias um dia 'num livro, que eu escrevêra para ti?

« Vem commigo, segue-me pelas encruzilhadas  
« d'este denso pinheiral, pede ás estrellas que te  
« ajudem a caminhar por este chão humido e  
« frio, não assustes a avesinha que bebe quieta a  
« agua pura d'esse regato; não alteres o somno  
« feliz do rouxinol amoroso, que ahi dorme des-  
« cuidado no tronco d'esse carvalho annoso; e di-  
« ze-me, com a mão na consciencia, se este silen-  
« cio, esta magestade imperiosa, com que as nu-

« vens parecem ter adormecido sobre as cristas  
« d'aquellas elevadas serranias, se toda essa poe-  
« sia, que se dilata infinita pelas solidões de todo  
« esse descampado, não ensinam á alma um hym-  
« no mais cheio de amor e santidade do que to-  
« das as preces, inventadas pelos talentos do ho-  
« mem, para as adorações do omnipotente. »

.....  
.....

Lembras-te, Candida! Guiei-te á beira d'um  
mansinho regato que alli perto derivava pelo fun-  
do da encosta, e aponteí para a tua imagem, onde  
eu via só o dedo da Providencia.

Sorrias então. Mais tarde dirás se eu mentia.

Se eu fôra tão artista como tu, meu Lamprêa,  
se eu podéra enthusiasmar-me contigo horas e  
horas diante dos quadros de *Guido* e *Domini-*  
*quino*, se a minha natureza caprichosa como a  
tua divagasse primeiro pelas burlescas phantasias  
de *Gavarni* e pelos satyricos esboços de *Téniers*,

para vir depois admirar a realza do genio na *virgem* de Miguel Angelo Buonarotti, se eu podesse emfim prestar um culto exclusivo á vocação soberana do estatuario, sem me cançar a vista nos labores do granito, talvez ao pé de *Candida* eu escrevesse um outro nome.

Não é um sentimento egoista. E' que ha uma grande differença entre o bello moral e o bello plastico.

Soon porém a hora, amigos, de fechardes no canto da gavêta a ultima das vossas poesias.

E' preciso que se cumpra uma divida, que o passado exige em nome do legado, que vos deixou.

Tão grande é ella como o genio dos que a reclamam — a restauração da Athenas portugueza.

A tarefa é difficil, mas as agonias da lucta hão de ser depois os triumphos da victoria.

Quando ás machadadas dos hereges cahiam os

martyres do Christianismo, era o sangue dos filhos de Deus, que convertia um povo de barbaros ao dogma de Moysés . . . . .  
.  
.

Eia, amigos, — fechae a *Novissima Verba*, que vem gelar-nos fagueiras esperanças com o riso de um scepticismo pungente; levantae a loisa de sobre o cadaver, e dae-lhe a vida que *Byron* insuflava um dia ás ruinas da Grecia e do Colyseu.

(Veja-se a nota *H*).

---

II.

« Tem-se visto tantas vezes na historia das  
« nações antigas e modernas, que o seculo das  
« sciencias e da litteratura é seguido de tão perto  
« pelo das revoluções, e da corrupção dos costu-  
« mes, que com razão se *julga* actualmente *pro-*  
« *blematico até que ponto convem para a felici-*  
« *dade dos homens, que a luz das sciencias se espa-*  
« *lha por entre elles.* Com effeito, com o seculo  
« de Pericles começou a corrupção dos Athenien-  
« ses; o seculo de Augusto acompanhou a disso-  
« lução da republica Romana, e prognosticou a  
« decadencia do imperio; o seculo de Leão X vio  
« nascer as guerras religiosas da França e da Al-

« lemanha, e precedeu a revolução de Inglaterra :  
« e o seculo de Luiz XIV foi sem duvida o que  
« preparou a horrivel catastrophe de 1789. »

Que escandalo!!

Esfarraparem-nos assim a nossa lingua!

Malbaratar tão desapiedadamente palavras portuguezas em heresias de tal quilate!

E não haver uma clava de Eurico para as sentinas d'estes Tartufos!

E por desgraça que não foi só isto!

*Mais ia por diante o monstro horrendo :*

« Com effeito não é da *ignorancia* que se tem  
« seguido grandes males no mundo; os *erros* é  
« que tem sido funestos. »

D'onde imaginará este farrapão de letras que veem os *erros*, senão da propria *ignorancia*?

Vejam.

E' o ultimo grito de blasphemia, levantado por essa Universidade moribunda, que ahi jaz sotoposta ao *Ama nesciri* de Kempis, cuja alta philosophia ella está longe de comprehender.

Estes são aquelles, O Camões,

Que o nome christianissimo quizeram,  
Não para defendêl-o, nem honral-o,  
Mas para ser contra elle e derribal-o.

Antonio Ribeiro dos Santos, o *Elpino Duriense* da Arcadia, envelhecendo sobre os livros, gravando o seu nome com mão nocturna e diurna em monuimentos immorredouros, enriquecendo a litteratura portugueza com a pureza d'estylo e gosto classico das suas preciosissimas obras, coroadando-se de uma reputação imperecivel naquella primorosa traducção da lyrica de Horacio; e depois infamemente recompensado por essa ingrata Universidade. (Veja-se a nota I).

Francisco de Paula Travassos, deixando-nos com a sua bella = Memoria sobre o methodo de calcular as longitudes no mar de Bordas = a *memoria* do seu nome, vilmente perseguido por essa mesma gente:

Paschoal José de Mello, expatriado tambem por ella, para vir depois receber das mãos do supremo tribunal de justiça, a corôa brilhante de *Principe* dos jurisconsultos portuguezes:

José Anastacio da Cunha, assistindo de braços cruzados, na praça de Sansão, á almoeda do seu capêllo :

José Maria Grande, *grande* como o seu nome, e egualmente insultado pelos *pequenos* :

José Julio d'Oliveira Pinto, provando o amargor d'aquella verdade por elle mesmo enunciada, *de que a Universidade é uma valla de miserias onde sobrenadam puros poucos caracteres honestos*:

Antonio Ayres de Gouvêa, apedrejado ainda por um gaiato ao auspicioso romper da manhã do futuro :

Tudo isto seriam nomes, ainda que em minoria diminutissima, que poderíamos hoje lembrar, á falta de outras provas, para completa defeza de duas gravissimas accusações, que hontem se levantaram contra nós, á face de todo o paiz.

E' desnecessario. Na primeira parte d'este livro, se já não estivesse provada de sobejo a falsidade de uma d'aquellas accusações, pela deficiencia absoluta de documentos, ficall-o-hia de certo a incompetencia do jury, que a lavrou.

Agora resta-nos a justificação do nosso com-

portamento litterario; e aqui abraçamos nós do coração os sabios conselhos de dilectissimos amigos, que nos pediram uma simples e descarnada exposição dos factos, que tiveram lugar 'nessa desgraçada historia começada no dia 29 de Maio.

Repetimos o que já dissemos. Custa-nos muito fallar de nós; crêmos mesmo que deve custar a todos, mas quando é a reputação que exige, o escrupulo tem de ceder.

Ahi vão pois os documentos. O primeiro marco elle ahi está levantado na *Revolução de Setembro* de 3 de Junho.

---

**« Acontecimentos da Universidade.**

« — Publicamos as duas cartas que se seguem.  
« E fazemos votos para que o brioso mancebo  
« Vieira de Castro não venha a ser victima do seu  
« nobre e generoso enthusiasmo como o senhor  
« Barjona de Freitas o é pelo seu distincto mere-  
« cimento. Queira Deus que a Universidade se

« dispa de paixões mesquinhas, e procure só hon-  
« rar a sciencia e o merecimento. Tambem pu-  
« blicamos a narração do facto pelo *Conimbriciense*. Eis as cartas:

A. R. SAMPAIO.

« *Senhor redactor.* — Quizera eu ser o ul-  
« timo e nunca o primeiro a entrar 'num novo  
« caminho, que ha alguns dias aguarda a im-  
« prensa intelligente, proba e independente.

« Todavia a razão falla mais alto que o cora-  
« ção, e eu não podia escravisar á minha voutade  
« um dever, que me impunha a minha honra.

« E' uma explicação a tres dos meus mestres,  
« uma satisfação ao publico e os mais vivos pro-  
« testos de um reconhecimento eterno a todo o  
« corpo academico, de que me préso de ser mem-  
« bro.

« O dia 29 de Maio era esperado anciosamente  
« por toda a cidade de Coimbra. O *verdictum*,  
« que a faculdade de direito tinha de pronunciar  
« então, ou devia ser a confirmação revoltante de  
« uma infamia, que se lhe attribuia, ou um des-  
« mentido solemne.

« E o publico tergiversava. E tinha razão.

« Eram duas horas da tarde, creio eu, quando  
« aquella faculdade ia decidir da approvação ou  
« reprovação dos candidatos ás cadeiras vagas da  
« mesma faculdade. Mui respeitavel sem duvida  
« era o concurso de espectadores, que se achava  
« na sala dos capêllos. Além do immenso numero  
« de academicos, nunca os doutoraes se viram  
« tão ricos de talentos nem tão brilhantemente  
« assistidos. As faculdades de medicina, philoso-  
« phia e mathematica estavam alli representadas  
« por todas as suas intelligencias superiores. O  
« silencio respeitoso com que se ouvia o senhor  
« Augusto Cesar Barjona de Freitas era demasia-  
« do eloquente e traduzia as intenções de tão nu-  
« meroso auditorio. Segredava-se em diversas  
« partes que a faculdade de direito menospresaria  
« a sua dignidade para cevar uma vingança mes-  
« quinha contra S. S.<sup>a</sup>, e que nem o seu talento,  
« nem os seus conhecimentos, nem a opinião pu-  
« blica lhe fariam vacillar o pulso.

« Não o acreditava eu porém, e creio que a  
« maior parte da academia repellia com desprezo  
« tão revoltante haixeza, porque as grandes co-

« vardias são apenas concebíveis para os muito  
« covardes; enganava-me. Aquelles periodos so-  
« noros, graves, eloquentes e ao mesmo tempo  
« tão impregnados d'um agudo resentimento por  
« uma injustiça, que se havia feito a S. S.<sup>a</sup>, falla-  
« vam muito aos meus dezoito annos, mas eram  
« impotentes contra o gêlo de uma cabelleira  
« branca, que escondia um calculo infame.

« Procede-se em fim á votação, e o senhor  
« doutor Barjona apparece *reprovado* no mereci-  
« mento absoluto!!!

« Não faço commentarios, nem quero aqui  
« lembrar as contradicções entre este modo de  
« proceder e o da mesma faculdade, quando o  
« anno passado decidia o contrario. A imprensa  
« fallará por mim, e tão fortemente como a cren-  
« ça, que eu 'nella deposito. Incumbe-me só  
« apresentar o facto, para que o publico sanc-  
« cione. Depois de proferida tão inclassicavel  
« sentença foram rapidos os signaes de desappro-  
« vação da academia, claramente manifestados  
« por uma pateada e sussurro. Não venham po-  
« rém os caudilhos da velha sociedade taxar estu-  
« pidamente de *rapaziada* o que é tão nobre e tão

« louvavel; porque a esses calaremos injustas ar-  
« guições, quando lhes dissermos que as primei-  
« ras provas de indignação partiram do corpo  
« cathedratico das faculdades de philosophia e  
« mathematica.

« Foi então que eu me levantei, e, voltado para  
« a faculdade de direito, ergui a minha voz para  
« manifestar um pensamento inoculado em toda a  
« academia. Depois de dar áquelle procedimento  
« o seu verdadeiro nome, censurei a faculdade,  
« porque havia insultado o corpo academico, com  
« uma decisão, que era uma offensa á sua intel-  
« ligencia, e ao direito que lhe competia de ajuí-  
« zar de taes actos. Disse depois que a academia  
« folgaria de vêr em toda a faculdade homens  
« como os senhores Forjazes e Adriano Macha-  
« do, que não podiam de modo algum tomar  
« parte 'numa infamia, que degradára até á mais  
« baixa posição o primeiro estabelecimento scien-  
« tifico do paiz, e sahi pedindo ao corpo acade-  
« mico que me acompanhasse nas demonstra-  
« ções de resentimento por tão injusticavel pro-  
« ceder.

« Tive então a gloria e satisfação de ser fre-

« neticamente apoiado pela academia e dignissi-  
« mos lentes das faculdades de mathematica e  
« philosophia, bem como a de vêr em alguns dos  
« membros da faculdade de direito signaes bem  
« evidentes da sua indignação.

« Levantou-se depois d'isto o senhor doutor  
« Secco, que tem grangeado no curto espaço do  
« seu magisterio uma geral sympathia, e, indi-  
« gnado tambem, despediu-se da votação. O se-  
« nhor doutor Adriano Machado procedeu igual-  
« mente, e o senhor doutor Mexia Salema teve a  
« louvavel generosidade de propôr uma votação  
« nominal.

« Em seguida o senhor vice-reitor declara  
« nulla a primeira decisão, e, *concluida a se-*  
« *gunda, o senhor doutor Barjona sahe não só*  
« *approvedo no merecimento absoluto, mas no me-*  
« *recimento relativo!!!*

« Qual dos dois factos será mais censuravel?  
« A imprensa responderá por mim.

« Agora antes de concluir esta minha simples  
« declaração, devo confirmar duas linhas, que  
« ahi ficam acima, e prevenir a continuação de  
« uma interpretação falsa que alguém tem dado

« ás minhas palavras, quando me dirigi aos se-  
« nhores Forjazes e Adriano Machado.

« A sciencia, a moralidade e independencia  
« d'estes cavalheiros, geralmente reconhecidas,  
« calar-me-iam a voz, quando mesmo eu tivesse  
« a fraqueza de subjugar o meu pensamento a  
« uma intenção peccaminosa. Que não quero eu  
« lembrar aqui a ingratição indesculpavel de que  
« seria criminoso, se proferisse uma só asserção  
« menos honrosa contra os excellentissimos se-  
« nhores Adrião e Diogo Forjaz, de quem já re-  
« cebi em dous dos meus actos universitarios en-  
« comios por ventura acima do meu merecimen-  
« to. Tremo até de o recear.

« Agora resta-me cumprir um dos meus de-  
« sejos, pedindo a Deus com todo o fervor de mi-  
« nha alma, para que na carreira da minha vida  
« me proporcione momentos de goso ineffavel  
« como os que elle me concedeu na noite de 29 de  
« Maio, em que eu recebia milhares de abraços  
« de verdadeiros amigos, quando fortuitamente  
« appareci no logar em que uma grande parte da  
« academia acabava de manifestar o desejo de  
« me ir felicitar com uma banda de musica, o que

« ella não effectuou por causa do receio de me  
« comprometter.

« Collegas, o amigo, que sabe calar d'este  
« modo as expansões da sua alma, é duas vezes  
« amigo.

« Afeições d'estas, arreigadas assim, não de-  
« vem morrer nunca.

« E' o que eu posso dar-vos—a promessa im-  
« morredoura do que o homem tem de mais san-  
« to. — Coimbra, 29 de Maio de 1855. = José  
« *Cardoso Vieira de Castro.* »

---

« *Senhor redactor.* — E' debaixo de impres-  
« sões bastante desagradaveis, e indignado por  
« um proceder inclassicavel, que lanço mão da  
« penna para propalar uma grave injustiça, que  
« a faculdade de direito acaba de praticar para  
« com um de seus mais distinctos filhos. A in-  
« justiça, filha da vingança, acarreta sempre so-  
« bre quem a pratica grande responsabilidade, e  
« tão grande como a que pesa sobre a que perpe-  
« trou um crime, que desde ha muito tinha pre-

« meditado. Felizmente temos uma imprensa li-  
« vre, representada por caracteres respeitaveis,  
« que, tendo concorrido por seus poderosos es-  
« forços para consolidar o grande edificio da li-  
« berdade, nos prestam as columnas dos seus jor-  
« naes, para que possamos erguer a nossa fraca  
« voz em favor do opprimido, e contra o oppres-  
« sor injusto e corrupto. O tempo em que os des-  
« potas erguiam altivos a frente, e em que se ren-  
« dia vassallagem á infamia, longe vae; com o  
« progresso da civilisação tem-se dissipado a igno-  
« rancia d'outr'ora, unica desculpa para a tole-  
« rancia dos vexames de que tanta gente tem sido  
« victima: hoje que gosamos do grande beneficio  
« da liberdade de imprensa, alcançado á custa do  
« sangue de tantos martyres, é por meio d'ella,  
« com os olhos 'nesses apostolos do progresso, e  
« confiados na poderosa influencia, que exerce so-  
« bre a moralidade da sociedade, que trazemos  
« este facto para o grande tribunal da opinião  
« publica para ahi ser apreciado e julgado, e para  
« que sejam collocados debaixo d'uma forte pres-  
« são todos aquelles, cujo proceder foi altamente  
« reprehensivel.

« O procedimento da faculdade de direito para  
« com o senhor Augusto Cesar Barjona de Freitas  
« ficará registrado nos annaes universitarios, e  
« marcará uma epocha de triste recordação, que  
« attestará aos vindouros, quanto póde a vingança  
« abrigada em peitos mesquinhos.

« Magôa-nos vêr como alguns membros da  
« faculdade de direito despresam as tradições  
« gloriosas, que seus antepassados lhe legaram, e  
« que tão mal guardadas teem sido por estes *Tor-*  
« *quemadas* universitarios, sempre prompts a sa-  
« crificarem a razão, a moralidade, e a conscien-  
« cia ás paixões e a mal cabidos odios. Custa-nos  
« que a faculdade, a qual com ufania todos os  
« seus filhos quereriam chamar mãe, obrigue al-  
« guns a calarem este meigo nome para o substi-  
« tuirem pelo de madrasta, que exprime bem as  
« perseguições de que são victimas.

« A faculdade de direito é criminosa de lesa-  
« sciencia; a prova, que a torna ré convicta, é a  
« reprovação no merecimento absoluto do senhor  
« Augusto Cesar Barjona de Freitas.

« E' para nós doloroso ter de registrar factos,  
« que desacreditam uma corporação á qual esta-

« mos tão intimamente ligados; porém são elles  
« de tal ordem que não devem ficar no esqueci-  
« mento; pelo contrario devem ser conhecidos  
« por todos, para que á vista d'elles se possa for-  
« mar um juizo seguro sobre alguns membros da  
« faculdade de direito, que bem se distinguem  
« d'alguns de seus collegas, que durante o tempo  
« do seu magisterio teem trilhado o caminho da  
« honra e da moralidade.

« Desejavamos o bom nome da faculdade, para  
« alcançar o qual não se deveria afastar do cami-  
« nho, que seguem as corporações que desejam ser  
« respeitadas; porém os nossos desejos não se teem  
« realisado; a faculdade tem seguido um caminho  
« differente do que devêra, e, espesinhando mui-  
« tos de seus filhos, para quem tem sido verda-  
« deira perseguidora, tem grangeado as antipa-  
« thias dos homens mais respeitaveis do paiz, que  
« não podem olhar sem aversão para o pessoal  
« d'uma corporação, que continuamente está  
« praticando actos, que deixam após de si o fer-  
« rete da sua immoralidade.

« O dia em que a faculdade de direito devia  
« pronunciar a sua decisão sobre a approvaçõ

« ou reprovação dos concorrentes ás diversas ca-  
« deiras, que se achavam vagas, era esperado com  
« anciedade, que crescia de ponto todas as vezes,  
« que se dizia que a faculdade queria excluir o  
« distincto doutor Barjona; era um pressenti-  
« mento que muitos tinham, e que se fundava  
« apenas em ditos vagos, que ha alguns dias se  
« repetiam em todos os circulos, porém que nós  
« não acreditavamos, porque não podiamos con-  
« ceber que os membros da faculdade de direito,  
« apontados como os que haviam de perpetrar o  
« crime, abusassem da posição elevada e nobre  
« do magisterio para tirarem uma vingança mes-  
« quinha, e que se atrevessem a insultar a me-  
« moria de tantos anciãos venerandos d'outras  
« eras, que tinham tomado tanto a peito o bom  
« nome d'esta corporação; não podiamos acredi-  
« tar, que esses homens quizessem praticar um  
« facto, que as edades futuras apontariam para  
« mostrar a hediondez do crime.

« Finalmente esse dia d'ominosa recordação,  
« em que a faculdade de direito havia de calcar  
« esses poucos laureis, resto d'uma gloriosa he-  
« rança que seus antepassados lhe legaram, che-

« gou, e aquillo, que nos parecia impossivel, rea-  
« lisou-se.

« Depois da brilhante prelecção do senhor  
« doutor Barjona, que foi ouvido com toda a atten-  
« ção pelo numeroso concurso, que se achava na  
« *sala dos capellos*, onde estavam os homens mais  
« eminentes d'esta Universidade, procedeu-se á  
« votação sobre o merecimento absoluto dos con-  
« correntes, que deu em resultado a approvação  
« de todos, excepto do senhor doutor Barjona,  
« que d'esta fórma não podia entrar na segunda  
« votação sobre o merecimento relativo, e por  
« consequencia era excluido por aquelles mes-  
« mos, que dous annos antes lhe tinham dado  
« provas não equivocas do elevado conceito, em  
« que com justa razão o tinham.

« Apenas foi declarado pelo secretario d'esta  
« Universidade, que o senhor doutor Barjona ha-  
« via sido reprovado na primeira votação sobre  
« o merecimento absoluto, no animo de todos nas-  
« ceu a indignação, que breve se manifestou por  
« um grande sussurro, acompanhado de uma  
« forte pateada ; é que o coração de tantos gene-  
« rosos mancebos não pôde bater pausado em

« frente de uma tão grave injustiça. Foi então que  
« o senhor Vieira de Castro praticou um acto, que  
« o honra sobremaneira, e pelo qual augmentou  
« as sympathias, que já tinha no corpo academico.

« Este cavalheiro indignado assim como todos  
« os que alli se achavam, pelo acto revoltante,  
« que a faculdade acabava de praticar, tomou a  
« palavra, e n'um brevissimo discurso dirigio al-  
« gumas verdades amargas á faculdade, lançan-  
« do-lhe em rosto o seu modo de proceder menos  
« regular; e terminou dizendo que aquelles, que  
« assim procediam, menospresavam o seu credi-  
« to, e o dos filhos d'esta corporação, que de certo  
« seriam prejudicados pelo máu nome que esta  
« adquirisse. Este era o pensamento de todos, e  
« que se manifestou pela maneira como foram  
« recebidas as palavras do senhor Vieira de Cas-  
« tro, que foi vivamente apoiado por todos os que  
« se achavam n'aquelle lugar. Então a agitação  
« cresceu, e a faculdade vio-se obrigada a refor-  
« mar a sua decisão para a conformar com a  
« opinião publica; e procedendo de novo á pri-  
« meira votação sobre o merecimento absoluto,  
« sahiram approvados todos os concorrentes.

« Que havemos de concluir d'esta reconside-  
« ração? a imprensa, e o publico imparcial que  
« o digam.

« Depois de feita a votação sobre o mereci-  
« mento absoluto, procedeu-se á votação sobre o  
« merecimento relativo em que sahiram appro-  
« vados os senhores Monteiro Castello-Branco,  
« Ferrão, Paes, e Barjona; de sorte que aquelles,  
« que um anno antes tinham julgado o senhor  
« doutor Barjona, digno de ser admittido na classe  
« do magisterio n'um concurso que houve por  
« essa occasião, e que miseravelmente se contra-  
« disseram na primeira votação sobre o mereci-  
« mento absoluto, são os mesmos que agora o  
« julgam digno de seguir a carreira do professo-  
« rado, e que lhe dão uma cadeira na faculdade!

« A animosidade, que existe por parte de al-  
« guns membros da faculdade contra o senhor  
« doutor Barjona, com relação aos quaes S. S.<sup>a</sup>  
« se eleva muito acima dos doutoraes, explica  
« perfeitamente o seu modo de proceder.

« O procedimento da faculdade de direito para  
« com o talentoso mancebo foi um crime de lesa-  
« sciencia, e um escandalo tanto maior, que em

« um dos dias anteriores á votação tinha havido  
« uma reunião em casa do lente Ferrer, em que  
« se acordou empregar todos os meios para al-  
« cançar a exclusão do senhor doutor Barjona ; e  
« como não houvesse maioria para o excluir no  
« merecimento relativo, determinaram reproval-o  
« no merecimento absoluto, em que eram suffi-  
« cientes quatro favas pretas ; porém os seus pla-  
« nos foram frustrados, e o senhor doutor Bar-  
« jona recebeu mais uma prova de quanto os  
« seus talentos e vastissimos conhecimentos são  
« apreciados.

« Por este facto se póde avaliar quem é o se-  
« nhor Ferrer, e aquillo de que é capaz ; foi este  
« o homem que ainda ha pouco exerceu um dos  
« primeiros cargos da republica !!!

« Por ultimo diremos, que todos aquelles, que  
« quizeram excluir o talentoso mancebo, precipi-  
« taram-se n'um charco immundo de que sahi-  
« ram, mas cobertos de lôdo que jámais lhe ca-  
« hirá das capas.

« Praza a Deus que assim aconteça, para que  
« possam ser differençados d'alguns dos seus col-  
« legas, junto dos quaes são indignos de sentar-se.

« Pela nossa parte damos sinceros parabens  
« ao senhor Augusto Cesar Barjona de Freitas  
« pelos triumphos, que n'esta occasião alcançou.

« Sou, senhor redactor, com toda a considera-  
« ção — De V. etc. = *Cunha de Viamonte.* »

(Veja-se a nota *K*).

---

« **Concurso na faculdade de direito.**—

« Hontem 29 do corrente leu o senhor doutor  
« Augusto Cesar Barjona de Freitas, seguindo-se  
« depois d'isso a votação para o provimento dos  
« quatro lugares das substituições extraordinarias.

« Correu-se o primeiro escrutinio sobre o me-  
« rito absoluto, e ao abrir-se declarou-se que ti-  
« nham sido approvados todos, com excepção do  
« senhor doutor Augusto Cesar Barjona de Freitas.

« Este facto produziu uma gravissima sensa-  
« ção em todos os espectadores, sem exceptuar os  
« lentes que de fóra da faculdade se achavam nos  
« doutoraes; e até um dos vogaes do jury, o se-  
« nhor doutor Antonio Luiz de Souza Henriques  
« Secco, pediu para se retirar.

« O senhor doutor Mexia, vogal de jury, pon-  
« derou que lhe parecia ter havido engano n'esta  
« votação, motivado por serem algumas das fa-  
« vas com que se fazia o escrutinio, ao mesmo  
« tempo brancas e pretas; e depois d'uma curta  
« discussão, consultando o senhor vice-reitor o  
« conselho da faculdade, sobre se devia ou não  
« proceder-se a nova votação, resolveu-se por  
« unanimidade que se devia rectificar o escru-  
« tinio.

« N'este acto deu-se por suspeito o vogal o  
« senhor doutor Adriano Machado, sendo por  
« isso chamados os supplentes da faculdade de  
« theologia, que na conformidade da lei tinham  
« assistido a todas as prelecções.

« Teve então logar a nova votação sobre o  
« merito absoluto, sendo approvados todos os  
« candidatos: e seguidamente procedeu-se á vo-  
« tação sobre o merito relativo.

« Para a primeira cadeira sahiu mais votado  
« o senhor doutor Pedro Augusto Monteiro Cas-  
« tello-Branco.

« Para a segunda, entrando em escrutinio  
« forçado os senhores doutores Ferrão e Trony,

« sahiu mais votado o senhor doutor João Ba-  
« ptista Ferrão de Carvalho Martens.

« Na terceira substituição sahiu eleito no pri-  
« meiro escrutinio o senhor doutor Joaquim José  
« Paes da Silva Junior.

« E para a quarta, finalmente, entrando em  
« escrutinio forçado os senhores doutores José  
« Adolpho Trony e Barjona, sahiu mais votado o  
« senhor doutor Augusto Cesar Barjona de Frei-  
« tas; concluindo-se o acto, desde a rectificação  
« da primeira votação sobre o merito absoluto,  
« com a maior regularidade e placidez. »

De tudo o que a imprensa jornalística tão ju-  
diciosamente escreveu sobre essas tristes verda-  
des, e que seria escusado e longo repetir aqui,  
temos apenas á mão essas linhas do *Porto e a*  
*Carta* de 8 de Junho, que, afóra no que nos diz  
respeito, são irreprehensivelmente justas e im-  
parciaes.

**« Os concursos de direito na Univer-  
sidade. — « A faculdade de direito, cuja vida  
« cheia de miserias, e torpezas já tem feito revol-  
« tar os corações dos verdadeiros amantes da pa-**

« tria, e das instituições do nosso paiz, acaba de  
« praticar factos de tão escandaloso cynismo, e  
« d'uma immoralidade tão descarada, que por  
« mais esforços que empregue para se rehabilitar  
« na opinião publica, taes esforços serão sempre  
« absolutamente perdidos, e frustrados. Nós já  
« por varias vezes temos mostrado ao paiz por  
« meio da imprensa periodica flagrantés injusti-  
« ças, decisões anomalas, e absurdas, com que  
« esta faculdade se tem vilmente manchado em  
« varias épocas da sua triste existencia, mas nunca  
« podémos imaginar que no centro d'esta corpo-  
« ração *scientificca*! a corrupção, e desfaçatez che-  
« gassem a levantar tão alto os seus collos abje-  
« ctos, e repellentes, e que a venalidade se assen-  
« tasse no throno, onde deviam imperar unica-  
« mente o principio da razão, e a força, e o vigor  
« da intelligencia. Magoa-se-nos sinceramente o  
« coração, quando temos de fallar de mais um  
« escandalo commettido por qualquer membro  
« da sociedade, e muito mais quando temos de  
« nos dirigir a uma corporação scientifica, que  
« devia ser a primeira a dar os mais salutaes  
« exemplos de justiça e moralidade, tendo obri-

« gação de modelar suas acções pelos principios  
« eternos do direito, e pelos santos preceitos da  
« equidade. A faculdade de direito, de todas as  
« corporações é aquella que mais tem aberrado  
« do seu fim, e que por isso já tem grangeado a  
« pouca consideração dos homens sensatos, tendo  
« sido em quasi todos os seus actos julgada pela  
« imprensa independente, e condemnada no justo  
« tribunal da opinião publica. O dia 29 de Maio  
« de 1857 veio juntar á historia da Universidade  
« mais uma pagina negra, coberta d'escandalos  
« inauditos, e ainda que ella não nos tivesse em  
« tempos diversos mostrado a sua pronunciada  
« malvez, a pagina escripta por ella n'esse dia  
« memoravel seria mais que sufficiente para que  
« a Universidade se envergonhasse de si propria,  
« cobrindo o rosto com espesso, e denso véo, não  
« apparecendo no publico que por voz unanime  
« a condemna, e anathematiza. Mas vejamos os  
« factos praticados pela faculdade de direito n'esse  
« dia de tristissima memoria, e analyse depois  
« a imprensa, e a sociedade a alta justiça das nos-  
« sas sinceras reflexões. O dia 29 de Maio era es-  
« perado por todos com a maior anciedade. A

« sala grande dos Capêllos estava cheia dos brio-  
« sos filhos da academia, e de muitos cidadãos de  
« classes diversas. Os doutoraes vergavam com o  
« peso dos cathedraes, e todas as faculdades ti-  
« nham alli as suas intelligencias superiores. No  
« meio d'aquella brilhante, e illustrada assem-  
« blea a voz d'um mancebo distincto era escu-  
« tada com profundo, e completo silencio. Todas  
« as vistas estavam fixadas no talentoso filho da  
« Universidade, e a sua voz melodiosa, e grave,  
« e as suas palavras sonoras, e agradaveis, e a  
« riqueza d'imagens, e sublimidade de pensa-  
« mentos que lhe saham dos labios, conservavam  
« aquella sociedade no maior, e mais profundo  
« extasis. Era o senhor Augusto Cesar Barjona de  
« Freitas o illustre mancebo, que pelo seu talento  
« superior com que é dotado, e pela bem mere-  
« cida reputação de que goza entre os amantes da  
« sciencia, e das letras, tinha sido a causa d'uma  
« tão illustre, como extraordinaria concorren-  
« cia. Tratava-se n'este dia da admissão a quatro  
« substituições extraordinarias na faculdade de  
« direito, e eram seis os concorrentes, entre os  
« quaes o senhor doutor Barjona que foi sempre

« premiado durante a sua carreira universitaria,  
« alcançando por fim informações tão distintas,  
« como não appareceram jámais nos annaes da  
« Universidade. Logo que o senhor Barjona aca-  
« bou a sua brilhante e mimosa prelecção, sobre  
« uma das mais importantes doutrinas da sciencia  
« economica, procedeu-se á votação sobre o me-  
« rito absoluto de cada um dos concorrentes, sen-  
« do por fim reprovado o distinctissimo doutor  
« Barjona de Freitas!!!

« Logo que o secretario, na fórma da lei, pro-  
« nunciou em voz alta o resultado da votação, e  
« que disse, que sendo todos approvados, o senhor  
« Barjona era o unico reprovado, uma patcada  
« urrisona, e estrepitosa se fez ouvir n'aquelle  
« vastissimo salão; o sussurro era tão geral, e tão  
« unanime, e a indignação era tão forte, e tão  
« intensa, que muitos lentes pertencentes a outras  
« faculdades acompanharam a illustre assemblea  
« nas suas generosas demonstrações— ficando a  
« faculdade de direito pasmada, e cheia d'espanto  
« ao vêr que uma assemblea tão illustre, e tão  
« competente condemnava tão energicamente o  
« seu infame, e miseravel proceder. N'estas cir-

« cumstancias o distincto estudante de direito José  
« Cardoso Vieira de Castro, n'um breve, mas elo-  
« quente discurso, lançou em rosto á faculdade a  
« leviandade do seu proceder, e a infamia do acto  
« que acabava de practicar, e concluiu dizendo  
« que uma tal decisão era um manifesto insulto  
« á assemblea academica que tinha escutado e  
« admirado o senhor Barjona! Folguei de vêr que  
« um mancebo dotado de tão grandes brios de  
« cavalheiro se soubesse elevar a toda a altura da  
« sua dignidade, e occupasse tão dignamente a  
« sua posição em frente de seus proprios mestres,  
« cujo proceder elle tão justamente condemnava.

« O senhor Vieira de Castro pela força impe-  
« riosa e persuasiva da palavra testemunhava á  
« faculdade o pensamento de toda a assemblea  
« que alli se achava reunida, pensamento que ti-  
« nha sido manifestado por esse sussurro, e pa-  
« teada unanime que tão pronunciadamente se  
« levantaram de todos os angulos do vasto salão.  
« E' de louvar a coragem do illustre filho da aca-  
« demia, e este facto é mais uma pagina brilhante  
« no livro da sua vida. Os academicos souberam  
« freneticamente apoiar as palavras pronuncia-

« das por este seu irmão nas lides da intelligen-  
« cia, dando-lhe d'esta maneira um testemunho  
« insuspeito das sympathias que elle merecida-  
« mente goza entre elles, e o valor em que teem  
« as suas excellentes qualidades.

« Depois d'este grande successo, e revoltan-  
« do-se com um resultado tão anomalo e absur-  
« do, o senhor Secco declarou que já não queria  
« fazer parte de semelhante jury, e que por isso  
« se retirava da assemblea. O senhor Adriano  
« Machado deu-se por suspeito, e o senhor dou-  
« tor Mexia teve a generosa lembrança de que a  
« votação fosse nominal.

« Esta proposta de s. ex.<sup>a</sup> foi posta a votos,  
« mas foi tambem logo immediatamente repro-  
« vada. Era essa uma consequencia necessaria  
« dos poucos sentimentos de cavalheiros que exis-  
« tem na maior parte dos membros da faculdade  
« de direito, porque tendo elles a votação secreta,  
« podem mais covarde e miseravelmente cravar  
« o punhal na victima, immolada no altar das  
« suas mesquinhas paixões, e dos seus desvaira-  
« dos caprichos.

« O senhor vice-reitor (que tambem tantos

« signaes déra de reprobção d'aquelle ominoso  
« resultado) vendo a opinião publica revoltada  
« contra a votação injusta e inqualificavel, e sup-  
« pondo além d'isso! talvez! algum engano na  
« maneira de votar — consultou a faculdade para  
« que se procedesse a segunda eleição — o que  
« ella immediatamente approvou. E chamando-se  
« então alguns supplentes de theologia, e fazen-  
« do-se segunda votação ficou aprovado o se-  
« nhor Augusto Barjona!!! E entrando o seu no-  
« me no merito relativo, de mais a mais o admit-  
« tiram á quarta substituição extraordinaria, con-  
« cedendo-lhe a cadeira de lente! Eis como em  
« meia duzia de minutos as consciencias da maior  
« parte dos lentes de direito fluctuavam incertas,  
« apresentando resultados tão oppostos, repletos  
« de contradicções manifestas! A faculdade de di-  
« reito não póde justificar-se de tão infame pro-  
« ceder, a sentença da sua condemnação está es-  
« cripta nos seus proprios actos, não podendo le-  
« vantarse jámais do charco immundo, em que  
« loucamente se precipitara. Pela nossa parte da-  
« mos os parabens ao senhor Barjona pelos bri-  
« lhantes louros que colheu n'este dia, e sentimos

« a nodoa indelevel, que a inquisição universi-  
« taria lançára sobre si. »

Mas: que importam ainda hoje á Universidade os vãos clamores de uma imprensa illustrada e eloquente, livre e energica, que vem apoiada na justiça verberar com a voz da verdade a mais convicta de todas as iniquidades?

A Universidade não dobra o joelho, a Universidade não curva a cerviz ás prepotencias de ninguém.

Os seus mandados são inflexiveis, são irrevogaveis as suas sentenças, os seus altos juizos não reconhecem superiores.

*Prosequi, prosequi, vós, ó evangelisadores do progresso, dizem elles ainda 'nestes momentos de agonia, continuae com os vossos ferros acicalados a desbravar este terreno safaro, que nós agora deixamos para ir, caminho da eternidade, com as nossas catanas ferrugentas, á frente de uma nova legião de caloiros, a salvar do inferno os Molières e os Tolentinos.*

A primeira consequencia d'aquelles aconteci-

mentos, como lhe chamou o meu illustre amigo, o excellentissimo senhor Antonio Rodrigues Sampaio, vêl-a-heis, benevolos leitores, na seguinte correspondencia, publicada na *Revolução de Setembro* de 10 de Junho:

« *Senhor Redactor.* — As palavras de v. ex.<sup>a</sup>  
« foram fatidicas. O desejo, que um nobre senti-  
« mento lhe inspirára, era a presciencia de um  
« mal futuro. O illustre redactor do *Portuguez*  
« sentia a mesma convicção, quando, stygmatis-  
« sando o corpo cathedratico da faculdade de di-  
« reito, attribuindo-lhe um dos mais negros cri-  
« mes, vinha dar-me um conselho attendivel.

« Foi realmente uma vingança mesquinha e  
« odiosa a que, ha um quarto de hora, se acaba  
« de praticar contra mim.

« Se eu podéra, senhor redactor, vir agora  
« examinar á luz da razão fria os negros traços  
« de um quadro repellente, sem apresentar as  
« sombras, que tentam mascarar-lhe a hedion-  
« dez, fal-o-hia por certo. Deus não o quiz assim.  
« Plantou um sentimento muito nobre no cora-  
« ção do homem, arreigou-lhe n'alma uma affei-

« ção tão santa, como as paginas mais puras do  
« seu evangelho, que lhe fazem vacillar o pulso,  
« ao levantar a ponta d'um véo, que esconde uma  
« pustula cancerosa.

« Ha uma crença, senhor redactor, tão cheia  
« de religião, de poesia intima, de inspiração ce-  
« lestial, que resume 'numa palavra só, tambem  
« por si cheia de harmonias, tudo o que de mais  
« divino pôde provar á creatura a existencia de  
« um creador.

« E' o santo nome de *mãe*, senhor redactor.

« Não se pense porém que eu pretendo com  
« os prantos maternos abafar a voz da justiça. A  
« natureza, rindo por muito tempo da impavidez  
« do granito, que encara altivo a tempestade, que  
« ella lhe envia, aguarda uma hora, em que a  
« face da terra tem de o submergir á força irre-  
« sistivel da faisca.

« Não quero eu invocar o nome de mãe perante  
« um jury sem consciencia, e que me responderia  
« com a gargalhada de um cynismo covarde; por-  
« que o amor de filho, ao estudar uma vingança  
« na longa scena de horrores, que a terra lhe

« apresenta, acha tudo ephemero e banal para  
« castigar uma blasfemia á religião da sua alma.

« Sinto-me até envergonhado d'esta ancie-  
« dade, com que mal vou traduzindo os pensa-  
« mentos confusos, que tentam offuscar-me a ra-  
« zão, e da fraqueza do meu pulso, que me obriga  
« a solicitar o favor de um amigo que os repro-  
« duza.

« Parece-me porém ouvir já palavras de des-  
« confiança nos labios dos meus leitores, que por  
« taes delongas duvidam talvez da justiça da mi-  
« nha causa; desculpem-me porém, se um dia  
« souberam o que era o amor de um filho, se po-  
« dem ainda hoje refugiar-se um momento d'esta  
« sociedade inteiramente positiva para as santas  
« aspirações da sua alma, e comprehender ahi  
« quanto é amargoso o absyntho, que tragámos  
« nas lagrimas de uma mãe, que nós mesmos lhe  
« fomos arrancar.

« Ahi vae pois o meu depoimento verdadeiro,  
« a mostrar ao paiz uma infamia revoltantissima,  
« e a desafiar os meus algozes para que venham  
« desmentil-o no mesmo campo, em que eu lhes  
« rasgo a mascara. Tenham ao menos a coragem

« do assassino, e não venham por detraz da es-  
« quina espicaçar o braço do mancebo, que vem  
« de vizeira levantada arremessar-lhe a luva ás  
« faces. A sociedade de hoje já não admite essa  
« prepotencia despotica, que, baseada 'num pre-  
« conceito miseravel, vae rebaixar a humanidade  
« até á mais infima craveira. O silencio com que  
« a faculdade de direito tem ouvido até agora as  
« justissimas accusações, que lhe tem dirigido al-  
« guns dos seus filhos, em quem ella, madrasta  
« descaroadada, tem cevado as odiarias mais mes-  
« quinhas, é 'neste momento uma inconvenien-  
« cia.

« Eu não venho á face d'um povo levantar  
« uma calumnia contra o primeiro tribunal d'esse  
« mesmo povo, onde mais devêra respeitar-se a  
« balança da equidade; venho apresentar-lhe um  
« facto, que a academia inteira acaba de presen-  
« ciar; venho convidar pela imprensa os meus  
« juizes a virem negar a minha justificação para  
« a sociedade, a quem a apresento; venho decla-  
« rar-lhes uma defeza franca e leal, e obrigar-os  
« d'esta maneira a entrar 'nella egualmente,  
« quando tentem fazel-o.

« Eis o facto que se acaba de praticar :

« Reuniu-se no dia 4 a faculdade de direito  
« para decidir em congregação quaes os estudan-  
« tes que deveriam perder ou aproveitar a fre-  
« quencia do seu anno respectivo. Entre alguns  
« academicos do numero dos primeiros apparece  
« o meu nome; note-se porém de passagem que  
« nenhum dos lentes da mesma faculdade, com  
« quem depois tive a honra de fallar, tiveram co-  
« nhecimento, no decurso da mesma congrega-  
« ção, da minha perda d'anno; note-se mais, que,  
« sendo largamente discutida a mesma perda  
« d'anno relativa a cada um dos meus consocios  
« 'neste infortunio, passou a minha desapercibida  
« para a maioria da faculdade; e não se pense  
« que é gratuita esta asserção, porque, quando  
« seja necessario, confirmál-a-hei com o nome  
« de um illustre cathedratico, que teve a genero-  
« sidade de m'o relatar; note-se ainda, que a ad-  
« vertencia do senhor doutor Secco, de que um  
« tal procedimento, realisado em mim, poderia  
« considerar-se como uma vingança, foi julgada  
« de menor importancia diante da *importantissi-*  
« *ma* razão de que a hora se adiantava; e agora,

« note-se por ultimo, que inclusivamente o se-  
« nhor vice-reitor o ignorava ainda cinco ou seis  
« horas depois, quando em sua propria casa eu  
« lh'o apresentei.

« Que succede depois? Requeiro immediata-  
« mente para que me seja declarada a razão por-  
« que tal havia acontecido, e responde-se-me que  
« eu havia perdido o anno, por isso mesmo que  
« nos livros da universidade appareciam dezenove  
« faltas dadas por mim no curso lectivo, abona-  
« das, e sete por abonar, e que contando-se cada  
« uma d'estas ultimas por tres, como manda o  
« novo decreto, formavam exactamente o numero  
« de quarenta, que era o sufficiente para perder o  
« anno. Reservamos para logo algumas conside-  
« rações que a isto já poderíamos fazer.

« Munido das faltas, que se me imputavam  
« não abonadas, decidi visitar os meus lentes para  
« me confirmarem a sua veracidade; foi o pri-  
« meiro o senhor padre Francisco Ferreira de Car-  
« valho. E' na realidade bem concebivel a minha  
« admiração, ao vêr logo a primeira das faltas,  
« que era a de 26 de Novembro, abonada no seu  
« livro. Maravilhado e confundido até pelo tu-

« multuar de idéas, que esta circumstancia origi-  
« nava, nada mais me era preciso para reha-  
« ver o meu anno. Fui logo a casa do senhor dou-  
« tor Adriano Machado para lhe contar o que ha-  
« via acontecido, e disse-me s. ex.<sup>a</sup>, depois de  
« confrontar novamente o seu livro, que real-  
« mente essa falta estava abonada, e que a con-  
« gregação se enganára, tomando-a pela do dia  
« doze, que o não estava. Ora como a falta do dia  
« doze era anterior á effectividade do novo decre-  
« to, não podia triplicar-se, e o meu anno ficava  
« ainda salvo. Não *quero* eu de modo algum acre-  
« ditar no pensamento geral de que esta troca foi  
« intencional. Accrescia porém ainda outro facto ;  
« era o seguinte: apresentavam-se-me como não  
« abonadas as faltas dos dias 3 e 4 de Abril, que  
« eu tinha legitimado com uma certidão de me-  
« dico, que promptamente me passou um attes-  
« tado, confirmando a verdade que estabeleço.  
« Estavam pois verdadeiramente legitimadas tres  
« das faltas, com que se me queria fazer perder  
« o anno, e, juntando todos estes documentos, eu  
« esperei descançado a decisão da nova congrega-  
« ção, que hoje tinha de reunir-se.

« Antes, porém, de passarmos a este facto,  
« vamos ao interrogatorio dos réus.

« Perguntámos ao senhor padre Carvalho o  
« seguinte: reconsideraria s. s.<sup>a</sup> na abonação de  
« uma falta, que, mezes antes, me havia conce-  
« dido? Eu não quero crê-lo; mas sendo hoje tão  
« melindrosa a minha posição na Universidade, e  
« sendo não menos a do senhor padre Carvalho,  
« que acarreta sobre si a immensa responsabili-  
« dade de ter concorrido para a reprovação in-  
« fame do senhor Augusto Barjona, pusillanime-  
« mente seduzido pelos conselhos mentirosos de  
« um homem, que depois se riria da sua simpli-  
« cidade e bonhomia, como poderia passar-lhe  
« despercebido um ponto tão importante? Outra  
« pergunta; lembra-se o senhor padre Carvalho  
« de ter dito aos seus discipulos, no principio  
« d'este anno, que lhes abonaria uma até duas  
« faltas, em cada mez, sem que elles o sollicitas-  
« sem? Que me responderá então agora s. s.<sup>a</sup> se  
« eu taxar de uma traição infame essas tres fal-  
« tas, com que se me fez perder o anno, sendo  
« cada uma d'estas em diversos mezes, e apenas  
« na sua aula?

« Agora outra pergunta, e esta não só a s. s.<sup>a</sup>,  
« mas aos meus outros mestres: — que desamor  
« é este para que, tendo eu strictamente o numero  
« de quarenta faltas, se me não abone uma, quan-  
« do á maior parte dos meus collegas se haviam  
« abonado tres e quatro? Quererá o senhor padre  
« Carvalho perder os seus antigos fóros d'uma  
« *bondade evangelica*, deixando de conceder a um  
« dos seus *filhos* um tal favor? Negar-me-hia  
« tambem esse obsequio o senhor doutor Neiva,  
« quando eu tinha tanto direito a esperal-o, de-  
« pois dos lisongeiros encomios, com que este  
« anno honrou a minha primeira lição nas aulas  
« da Universidade, dizendo-me inclusivamente  
« que sentia não poder ouvir-me por mais tempo,  
« quando findou a hora? Ou seria porque s. s.<sup>a</sup>  
« estivesse offendido nas suas crenças scientificas,  
« depois que eu ousei levantar a voz na minha  
« segunda lição contra o seu apaixonado Digesto?  
« Admira-nos tambem sobremaneira que s. ex.<sup>a</sup>  
« o senhor barão de S. Thiago de Lordello, tão  
« affeito a practicar na sua vida particular os ca-  
« rinhos, que nos ensina o amor de pae, não me  
« evitasse tão sério desgosto, abonando-me uma

« das faltas, que eu dei na sua aula, e que o di-  
« reito consuetudinario quasi que já tem legiti-  
« mado? Quero referir-me á falta de 4 d'Abril,  
« ultimo dia de aula antes de ferias da Paschoa, e  
« em que foi talvez s. ex.<sup>a</sup> o unico dos mestres da  
« Universidade, que d'ellas tomou conta.

« E se é tão grato ao coração d'um pae o justo  
« proceder d'um dos seus filhos, como m'o dizem  
« as recordações da minha infancia, que pela voz  
« d'uma triste saudade, me lembram o nome  
« d'um pae estremecido, que me fugiu; se é tão  
« grato, repito, como muitas vezes o devem ter  
« ensinado a s. ex.<sup>a</sup> os *innocentinhos retratos da*  
« *sua alma*, como podia eu deixar de esperar uma  
« pequena recompensa do zêlo com que sempre  
« tentei ser bom filho debaixo dos tectos da sua  
« aula? Seja-me permittido lembrar aqui as ex-  
« pressões favoraveis de s. ex.<sup>a</sup> para todos os col-  
« legas mais distinctos do meu curso, em cujo  
« numero eu tive a honra de ser incluido, sendo  
« por ventura o ultimo d'elles, quando 'num dos  
« dias do anno lectivo lhes foi determinada uma  
« sabatina por s. ex.<sup>a</sup>

« Não se pense porém que eu preciso d'algum

« d'estes favores para o aproveitamento do meu  
« anno. Em primeiro logar já apresentei legiti-  
« mamente abonada essa falta, a que me refiro.  
« Em segundo logar, não queria de modo algum  
« ir de encontro ao acerrimo empenho do se-  
« nhor doutor Neiva, em cujos labios ainda ha  
« pouco alguns gritos regorgitados me vieram  
« restrugir nos ouvidos, quando passava perto da  
« sala da congregação. Não exigimos tambem que  
« o senhor padre Francisco Ferreira de Carvalho  
« realise o seu promettimento, e aproveitamos  
« esta occasião para lhe fazer conhecer um artigo  
« do novo decreto de 30 d'Outubro de 1856, que  
« s. s.<sup>a</sup> mostra ignorar. Pedimos-lhe que o leia,  
« e ahi verá expressamente determinado que ne-  
« nhum lente da Universidade póde d'ora ávante  
« abonar uma falta sem um documento, que le-  
« gitíme essa abonação.

« Creio ser generosidade retribuir uma espe-  
« cie de desatenção, que houve para comigo, en-  
« sinando-lhe um erro, em que s. s.<sup>a</sup> labora.  
« S. s.<sup>a</sup> ha de conceder-me por um instante que  
« eu faça de mestre tambem, e 'nisto mais lhe  
« provo a affeição de discipulo.

« Eis ahi pois declarado o resultado da primeira congregação com as circumstancias que a acompanharam.

« Eram hoje finalmente 10 horas e meia, e a faculdade de direito reunia-se de novo para julgar outra vez da legalidade ou illegalidade da sua primeira decisão.

« A minha consciencia era segura. Intima tambem a convicção de que os meus juizes se haviam deixado dominar por um pensamento reservado, na primeira decisão, porque fallavam muito alto todas as circumstancias, que acabamos de apontar. Todavia era tão clara, tão evidente, tão incontrovertida a forma, porque eu ia provar a minha inculpabilidade, que me fazia surdo aos prognosticos da amizade rejeiosa, que tinha bem gravadas na memoria as ultimas palavras dos illustres redactores da *Opinião* e do *Portuguez*, quando, ha pouco, se dirigiram a mim.

« Clara, evidente, e incontrovertida, disse eu, era a minha justificação. Provemol-o resu-  
« mendo.

« Se eu havia perdido o anno, como queria a

« faculdade de direito, por ter sete faltas isemptas  
« de abonação, logo que se provasse que duas  
« d'estas me eram attribuidas injustamente, e que  
« uma outra não podia contar-se pela fórma do  
« novo decreto, e por conseguinte completar o  
« numero *desejado*, não devia resultar a menor  
« duvida.

« O senhor doutor Neiva quiz porém o con-  
« trario. A justiça fallava muito por mim, mas o  
« rancor de s. s.<sup>a</sup> bradava ainda mais alto; e não  
« se admire o senhor doutor Neiva de estabelecer-  
« mos tão absolutamente esta asserção. E' para  
« nós fóra de toda a duvida, que foi unica e ex-  
« clusivamente s. s.<sup>a</sup> quem praticou um facto,  
« que, ou nos apresenta as suas intenções infa-  
« mantemente calculadas, ou então depõe abso-  
« lutamente contra s. s.<sup>a</sup> pelo mesmo erro de  
« ignorancia, de que ha pouco taxamos o senhor  
« padre Carvalho.

« Lamentamos desde já a impossibilidade em  
« que vamos collocar s. s.<sup>a</sup> de nos fugir ao terri-  
« vel dilemma a que temos de o circumscrever,  
« e desde este momento, para prova da nossa ge-  
« nerosidade, lhe mostramos á evidencia quão

« mal pensado foi o seu novo refugio, e a obri-  
« gação restricta em que está o governo de nos  
« rehabilitar d'este anno, que tão miseravelmente  
« se nos quer roubar.

« Póde pois s. s.<sup>a</sup> inventar um novo ardil. E  
« não nos diga depois que foi pouco generosa a  
« sua victima.

« Vejamos qual foi o procedimento do senhor  
« doutor Neiva; e escusa maravilhar-se s. s.<sup>a</sup> de  
« o desafiarmos assim tão claramente ao combate.  
« No campo da imprensa acabaram para nós as  
« relações de mestre e discipulo; aqui não ha a  
« imposição dictatorial de uma lei latina; aqui  
« não se admite o tom dogmatico das cadeiras da  
« Universidade; aqui questiona-se francamente,  
« á luz dos principios, em face da verdade.

« Eu não sei atacar sombras. Aqui ha de s. s.<sup>a</sup>  
« ser *doutor Neiva*, assim como eu sou *Vieira de*  
« *Castro*. E' por isso que desde já o prevenimos,  
« bem como a alguns membros da faculdade de  
« direito, que para mim não valem as defezas en-  
« commendadas, com que, o anno passado, se  
« quiz responder ao ataque, começado pelo se-  
« nhor Alexandre Meyrelles, miseravelmente as-

« signadas por um asterisco, indicador da covar-  
« dia da penna, que as escrevêra.

« Examinemos pois o facto. Vejamos o que  
« faz o senhor doutor Neiva na congregação : s. s.ª  
« não podendo de modo algum recalcitrar á mi-  
« nha justificação, disse que não abonava duas  
« faltas, que eu tinha dado nos dias 30 e 31 de  
« Janeiro, que já o tinham sido nas congregações  
« d'aquelle mez, e que, sendo uma d'estas, falta  
« de sabatina, se completava assim outra vez o  
« numero necessario para eu perder o anno.

« Sem me querer demorar com a moralidade  
« d'esse homem, que eu atiro á picota da irrisão  
« publica, desmascarando-lhe uma infamia tão  
« degradante, vou apenas provar a illegalidade de  
« um tal proceder, que deve ser em breve o meu  
« fundamento para requerer do governo a justiça,  
« que aqui não encontro.

« Talvez pareçam exageradas e imprudentes  
« as palavras, com que agora me dirijo ao ho-  
« mem, que ainda ha pouco era meu mestre.

« A religião de Christo recusa o servilismo,  
« como um dos actos, que mais rebaixa a huma-  
« nidade.

« As paginas do Evangelho não impõem obe-  
« diencia cega ao filho, cujo pae quer arrastar  
« para o caminho da perdição e da deshonra.

« E eu declaro ao senhor doutor Neiva, que,  
« ou s. s.<sup>a</sup> ha de concordar comigo na parte do  
« dilemma, em que o accuso de ignorante, ou eu  
« não vacillo um minuto em o apresentar como  
« indigno de pertencer á primeira corporação  
« scientifica do paiz.

« E' já tempo de apresentarmos o seu proce-  
« dimento.

« Apenas na congregação de hoje foi lido o  
« meu requerimento, apresentando em minha  
« defeza as causas justificativas, que ahi ficam  
« acima, a maioria da faculdade convenceu-se im-  
« mediatamente da minha justiça. Pede porém o  
« senhor doutor Neiva a palavra, porque é coisa  
« que não tem, e declara oppôr-se; porque? Ve-  
« jamos a sua perfidia.

« Disse s. s.<sup>a</sup> que declarava não me abonar  
« duas faltas, que eu tinha dado nos dias 30 e 31  
« de Janeiro. Provemos a illegalidade d'este facto  
« e a ignorancia crassa de um lente da Universi-  
« dade na legislação, que a regula. As faltas, para

« que s. s.<sup>a</sup> appellava, não podiam prejudicar-  
« me : 1.<sup>o</sup> porque estando ellas abonadas por o  
« senhor barão de S. Thiago e padre Carvalho, e  
« consideradas assim por todos no livro da con-  
« gregação, e não podendo estes abonar-m'as sem  
« um documento, como manda o artigo 4.<sup>o</sup> do  
« novo decreto, devia fazêl-o tambem s. s.<sup>a</sup>: 2.<sup>o</sup>,  
« s. s.<sup>a</sup> mostrou ignorar os artigos 11.<sup>o</sup> e 12.<sup>o</sup> do  
« mesmo decreto, onde se diz : 1.<sup>o</sup> que no conse-  
« lho mensal de cada faculdade os professores da-  
« rão impreterivelmente conta de todas as faltas  
« dos seus discipulos no mez antecedente : 2.<sup>o</sup> que  
« no conselho immediato poderão ainda admittir-  
« se reclamações dos interessados para justifica-  
« ção de faltas julgadas no conselho anterior, e  
« que as ditas reclamações poderão tambem ser  
« apresentadas pelos respectivos professores, e  
« que do julgamento definitivo das faltas não ha  
« mais recurso algum.

« Ora se este ultimo conselho já tinha pas-  
« sado, e pela lettra da lei nem me era concedida  
« a mim nem ao senhor doutor Neiva a appella-  
« ção, então de duas uma : — Ou s. s.<sup>a</sup> ignorava  
« os artigos do decreto, ou não os ignorava, e que-

« ria que se praticasse contra mim uma acção  
« injusta e illegal.

« Agora emprazo a s. s.<sup>a</sup> para que venha  
« quanto antes pela imprensa declarar ao pu-  
« blico, a quem o accuso, ou a falsidade dos meus  
« principios, ou a sua ignorancia, para que 'neste  
« ultimo caso me sejam restituídos os direitos,  
« que illegitimamente me foram roubados. Se o  
« não fizer, s. s.<sup>a</sup> incorre no crime de uma inten-  
« ção reservada e injusta que eu hei-de apresen-  
« tar ao governo como documento authenticico da  
« minha justiça e prova evidente da sua culpabi-  
« lidade.

« Resta-me pedir a todos os jornalistas, em  
« nome do paiz, em nome da justiça, em nome  
« dos paes de familias, em nome da nobre e  
« elevada missão, que lhes está imposta, a publi-  
« cação d'esta minha defeza.— Coimbra, 6 de Ju-  
« nho de 1857.— *José Cardoso Vieira de Castro.*

Eu podia hoje prolongar o castigo d'esse hot-  
tentote; podia, sim, mas não quero. Se elle fosse  
homem havia de confundil-o agora com a minha  
generosidade: não é, não, e por isso está abaixo

de toda a represalia. A miseros como este queremos por unico desforço a sua desgraçada impotencia. Arreceio-me até de vasculhar esses papeis hediondos que me trouxeram. — São de um asco repellente; incommodam a todos. Soterrem-nos outra vez 'nalgum recanto das praias da Figueira, onde não vá ninguem; tenham piedade dos povos de Ançã, que lhe não faltam deshonrosas e deploraveis tradições.

O que apenas queremos provar ao doutor Neiva, é que, mesmo nas suas curtas e acanhadas pretensões, revela a mais supina ignorancia.

Lêde, meus amigos, o bem elaborado artigo, que em Agosto de 1856 escrevia na *Revolução de Setembro* o senhor Antonio Machado de Faria Maia, um dos proscriptos modernos d'aquella Calabria :

« Depois que um distincto estudante da Uni-  
« versidade, victima das sordidas prepotencias,  
« que alli se exercem a todo o momento, veio a  
« publico desforçar-se pela imprensa do insulto  
« que recebêra d'essa congregação de indoutos

« doutores, que com boas ou más bullas se repo-  
« treiam na cadeira do magisterio, quebrou-se o  
« encantamento em que por largos annos myste-  
« riosa fada tinha posto aquelle estabelecimento,  
« e o publico começou de ter conhecimento das  
« insulsas tonterias e dos factos da mais alta mal-  
« vadez que n'elle se praticam.

« Se mão potente hasteou o estandarte, que ou-  
« tras não menos valentes tem sustentado de pé,  
« não serei eu, com quanto não possa formar na  
« mesma fileira litteraria, que deixe de me pôr ao  
« seu abrigo, e não queira discutir pela imprensa  
« um facto praticado comigo, que traz em si mais  
« azedume e desdouro, do que outros que se re-  
« putam verdadeiras affrontas.

« Desventuradamente ainda n'este paiz o *ve-*  
« *redictum* da Universidade de Coimbra é para  
« quem não conhece esta machina tão ruim de  
« rodagem e acanhada de movimento, um verda-  
« deiro Evangelho; por isso ao homem, que tem  
« a desventura de cahir no desagrado d'esses abu-  
« tres de reputações, fazedores de sciencia sédiça,  
« a que por uma inexplicavel anomalia chama-  
« ram lentes (geralmente fallando) e recebe o fer-

« rete da ordem do que me pozeram, porque não  
« tive a dita de cahir em graça ao homem, ou  
« homens, que uma ou mais vezes julgaram do  
« meu merito scientifico, resta-lhe o protestar,  
« como hoje protesto, contra a iniquidade de tres  
« juizes.

« Se eu tivera de viver sómente em Coimbra,  
« calava-me com a minha approvação *simpliciter*  
« no acto de bacharel, porque alli todos conhe-  
« cem os cordões com que se move esta sorte de  
« manequim scientifico da dita Universidade ; alli,  
« nas minhas circumstancias, tal approvação ser-  
« me-hia honrosa, porque n'ella todos veriam o  
« meu carro de triumpho, ao pé do qual *cami-*  
« *nharia*, á semelhança dos antigos tempos de  
« Roma, um *escravo bebado* vomitando-lhe nas  
« rodas douradas; mas como tenho de viver n'ou-  
« tra parte que não em Coimbra, quero libertar-  
« me da baixeza para onde querem arrojarem  
« homens, que não conhecem toda a extensão do  
« seu proposito, porque limitam seu trato social  
« a viverem com esbirros phariseus, ou *quasi-*  
« *modos* grosseiros e bestiaes, e porque só teem  
« dilatado as suas viagens fóra de Coimbra até

« Santa Clara e Luso, ou quando muito á *Fi-*  
« *gueira*, para se extasiarem em doces recorda-  
« ções das suas gentilezas de brios, praticadas em  
« tempos felizes.

« E' mister que, uma vez por todas, os ho-  
« mens, que uma fatalidade constituiu arbitros  
« do futuro de muita gente, se convençam de que  
« não se póde impunemente tripudiar sobre a re-  
« putação d'um homem, ainda que se haja o ha-  
« bito de o fazer sobre a reputação d'uma *fraca*  
« *mulher*; é mister que tomem tento no que fa-  
« zem, e que attendam bem a que a dignidade  
« d'um homem não tem o mesmo valor que *um*  
« *sacco de arroz, um costal de bacalhau* ou *um*  
« *barril de manteiga*.

« Na votação do meu acto de bacharel appa-  
« receu uma letra de reprovação. Quem a deitou?  
« E porque a deitou? Quem a deitou, não sei ao  
« certo, porque o systema inquisitorial seguido  
« na Universidade de Coimbra não m'o deixa sa-  
« ber. O porque a deitou, tambem o não sei; mas,  
« ainda mais, tambem o não sabem os meus col-  
« legas, e nomeadamente os meus condiscipulos.  
« Qual foi a minha conducta como homem e

« como estudante vae o publico conhecê-la, para  
« que possa formar o seu juizo; pois, com a mão  
« na consciencia o juro, vou dizer-lh'a toda, in-  
« teira, e com a verdade a que não sabe faltar um  
« homem de bem.

« A minha vida moral, como cidadão, conhe-  
« cem-n'a todas as pessoas que comigo tem trato  
« proximo ou remoto, e se não é sanctificavel  
« como a de muitos santos varões, que n'essa boa  
« terra de Coimbra se pavoneam de ser *mestres e*  
« *pedagogos*, ainda que por *engano* vivam no es-  
« tado de mancebia, e *sanctamente* cultivem a  
« crapula, é todavia irreprehensivel; e emprazo a  
« quem o contrario d'isto saiba para que venha  
« exhibir provas que me deixem convencido ou  
« vencido.

« E' sempre uma coisa melindrosa, ou me-  
« lhor ainda, verdadeiramente penosa para mim,  
« quando tenho de fallar da minha pessoa intel-  
« lectual; *villões me forçaram* a fazê-lo; agora o  
« publico me desculpará, já que a minha cons-  
« ciencia m'o releva.

« Do 1.º e 2.º anno, que frequentei a facul-  
« dade de direito não fallarei eu, circumscreven-

« do-me a dizer que, sem lançar mão dos rogos,  
« e empenhos, que n'aquelle caduco estabeleci-  
« mento, para os imparcialissimos doutores sup-  
« prem a sciencia, fui approvedo *nemine descre-*  
« *pante* nos exames que me fizeram das materias  
« lidas n'aquelles dois annos: fizeram-me justiça,  
« neguem-no se podem.

« Com estes precedentes passei a frequentar o  
« 3.º anno, estudando com a mesma regularidade  
« que o havia feito nos outros, se bem que não o  
« podia fazer como desejava na aula de direito  
« administrativo, onde por não haver compendio,  
« não respondi satisfactoriamente, para mim, a  
« uma unica lição que se me pediu, ainda que  
« com ella não ficasse descontente, como não fi-  
« cou, o lente da cadeira o senhor doutor Justino  
« de Freitas, circumstancia que claramente se vê  
« não poder por não dever ter acção no final jul-  
« gamento da minha frequencia.

« Na aula de direito ecclesiastico bem podia  
« eu ter deixado de estudar, ou ter estudado como  
« fiz, porque não sendo chamado á lição como  
« não fui, em nada para o meu acto poderia in-  
« fluir tal frequencia.

« Pelo que respeita á aula de direito civil por-  
« tugal, direi que o doutor Ruas, dignissimo  
« mestre d'aquella aula, depois de me ter cha-  
« mado, tendo-me marcado falta antes, não es-  
« tando eu na aula, esteve uns bons quatro mezes  
« sem me pedir lição; ao cabo dos quaes m'a pe-  
« diu quando se tratava d'uma materia succulen-  
« ta, e em que poderia mostrar o quanto sabia, e  
« era capaz de saber, se por ventura me deixasse  
« fallar o tempo necessario, e me não fizesse ca-  
« lar depois de me ter ouvido pelo só espaço de 4  
« a 5 minutos na parte facilima da lição, *dizen-*  
« *do-me, que eu tinha dito bem, e elle estava satis-*  
« *feito.* Bem, e que se note aqui, que para eu dar  
« este arremedo de lição foi preciso o ex.<sup>mo</sup> dou-  
« tor o senhor João de Sand Mexia, sem que eu  
« lhe pedisse se empenhasse para com o digno  
« mestre Ruas para me pedir lição.

« Chegada a occasião dos actos, achando-me  
« nas mesmas circumstancias em que havia es-  
« tado nos annos anteriores, isto é, com estudo  
« regular, e mais, vendo que tinham sido appro-  
« vados *nemine discrepante* condiscipulos meus,  
« que estavam em peiores, ou quando muito, em

« idênticas circumstancias ás minhas, fui tran-  
« quillamente, e ainda desajudado de toda e qual-  
« quer sorte de empenhos, fazer o meu acto; e  
« sendo verdade que o não fiz, como se costuma  
« dizer, brilhantemente, fil-o todavia superior a  
« muitos outros, que não tiveram mau exito,  
« como podem attestal-o todos os meus collegas,  
« e condiscipulos que assistiram áquelle acto; e o  
« podem fazer igualmente os proprios lentes, a  
« não serem tão ruins de consciencia, e mingua-  
« dos de prudencia, que queiram faltar á verdade.

« Contra toda a expectativa porém obtive uma  
« approvação *simpliciter*, facto que recebi com o  
« sobresalto, espanto, e mágoa, que elle devia  
« causar n'uma consciencia tranquilla como a  
« minha estava, sem que podéssemos, eu e mais  
« alguém comigo, dar d'elle razão sufficiente;  
« mas como nada n'este mundo se faz sem ella,  
« combinando a conducta do mestre Ruas com o  
« facto de haver eu apoiado a opinião d'um meu  
« collega que na occasião de deixar-se Coimbra  
« por effeito dos acontecimentos do carnaval, bra-  
« dava junto ao mestre Ruas, que no terreiro da  
« Sé derramava *piadosissimas* lagrimas, não acre-

« ditassem n'ellas, porque eram lagrimas de cro-  
« codillo, cheguei ao conhecimento e com con-  
« vicção intima de que o amor proprio do mestre  
« Ruas offendido, o tinha levado a n'um exame  
« de sciencia, exercer uma vingança particular  
« com a mesma tranquillidade d'alma e socego  
« de espirito com que dispensa aos *seus* ou *quasi*  
« *seus* diplomas de distincções scientificas, ainda  
« que, para que sejam sustentadas, se promovam  
« *contradanças* na regencia de cadeiras.

« Conhecedor do campo em que lidava, fre-  
« quentei o quarto anno juridico, trabalhando  
« como quem se empenha em pôr-se a cuberto  
« de qualquer arbitrariedade que se possa prati-  
« car. Na aula de direito canonico estudei tanto,  
« quanto era necessario para satisfazer ao que  
« n'ella se exige; se foi pouco, é porque pouco se  
« pede por lição em troca do pouco que se dá por  
« explicação, o que demonstra a inutilidade de se-  
« melhante doutrina para o homem de leis.

« Não me succedeu assim na aula de direito  
« commercial aonde estudei, e do que dei provas  
« ao lente da cadeira n'uma repetição (sabbatina)  
« de que elle se mostrou contente.

« Contra todo meu costume fiz-me recom-  
« mendar ao lente de direito civil portuguez o  
« doutor Neiva, por um collega meu e amigo,  
« que fez esta recommendação, dizendo-lhe que  
« eu tendo soffrido um dissabor no meu terceiro  
« anno, desejava ser chamado á lição o maior nu-  
« mero de vezes em toda e qualquer materia, e  
« em toda e qualquer occasião.

« Depois d'esta recommendação cahi doente  
« (o que provei por um attestado de medico) e  
« n'esta occasião sendo-me notada a falta na aula  
« pelo proprio lente, fui por elle chamado á li-  
« ção, o que nunca mais foi repetido, com bas-  
« tante desgosto meu.

« Foi passada uma repetição em materia im-  
« portante, a sorte favoreceu-me, coube-me fal-  
« lar n'ella, e por modo que satisfiz ás exigencias  
« do lente da cadeira, como por sua propria bôca  
« o confessou, por um feliz *qui pro quo* a um ca-  
« valheiro que lhe buscava informações de um  
« meu condiscipulo do mesmo appellido que o  
« meu.

« Em face de todo o exposto, nenhum receio  
« devia eu ter de passar pelas provas d'um exame,

« em que sempre foi costume tomar-se em conta  
« a frequencia, que se faz durante o anno; com-  
« tudo, para descargo de consciencia, no dia em  
« que fui fazer acto mandei fazer-me lembrado  
« ao doutor Neiva, que disse á pessoa a quem en-  
« carreguei esta missão, que eu devia ir socegado  
« e tranquillo fazer o meu acto, pois (formaes pa-  
« lavras) lhe tinha feito uma muito boa sabba-  
« tina, e tão boa como as melhores que se lhe  
« tem feito; sabendo isto, fui confiadamente fazer  
« o meu acto em que respondi cabal e plena-  
« mente ao argumento do direito commercial, fa-  
« lhando, é verdade, em parte ao argumento do  
« direito canonico; e em que seguindo no argu-  
« mento de direito civil uma opinião contraria á  
« do doutor arguente, mas fundada tanto na phi-  
« losophia de direito como na lei escripta, a sus-  
« tentei e defendi sem que fosse derribada.

« Feito o meu acto, como o fiz, e deixo ex-  
« posto, attendendo ao que havia dito o doutor  
« Neiva, e *maxime* olhando aos actos anteriores  
« ao meu, não podia esperar o que me succedeu,  
« darem-me uma approvação *simpliciter*. Mas  
« deram-m'a. Ainda uma outra vez, e com mais

« forte razão tratei de achar a causa de tal effeito ;  
« não podia encontral-a na mesma frequencia,  
« como todos podem claramente vêr; no meu acto  
« tambem não ; pois que se não andei satisfacto-  
« riamente no argumento de direito canonico é  
« porque o modo da regencia da cadeira não dá  
« direito a fazer-se exigencia de sorte alguma,  
« accrescendo que nos outros dois argumentos  
« andei bem, salvo se na sustentação da minha  
« opinião em direito civil não fui rigorosamente  
« logico, o que me devia ser forçosamente rele-  
« vado pelo doutor arguente por não ser uma  
« falta grave; e ainda que o fôra devia ser des-  
« culpado por elle, attendendo a que era uma  
« opinião nascida d'um argumento de momento  
« que não podia ser prevista, e toda baseada em  
« principios de direito criminal de que ainda não  
« tenho conhecimento, por não ter obrigação,  
« pois é doutrina lida no quinto anno que eu ain-  
« da não frequentei.

« Dado, e não concedido que n'esta argumen-  
« tação faltasse a alguns principios de direito, não  
« era isso ainda motivo para ser aquisado tão ri-  
« gorosamente, com especialidade pelo arguente

« de direito civil, que regendo ha innumerous an-  
« nos aquella cadeira, tendo rigorosa obrigação  
« de saber para ensinar, porque para isso lhe  
« pagam, ainda explica como vigentes, leis ha  
« annos derogadas, sem se lembrar de que a  
« ignorancia de lei não aproveita a ninguem, *ma-*  
« *xime* a um lente, porque as leis do reino (de-  
« creto de 9 de Setembro de 1847) que « são pu-  
« blicadas escriptas e diurnas, não admittem  
« ignorancia que revele»: o que ainda é confir-  
« mado pelo dr. Romano, L. 9. Dig. e L. 12. Cod.  
« de jur. et fact. ignor.

« Quando mesmo eu tivesse commettido al-  
« guma falta em direito não devia por ella con-  
« demnar-me o doutor Neiva, que sem embargo  
« de lhe dizer o decreto de 19 de Agosto de 1833  
« que as leis devem ser publicadas na Gazeta offi-  
« cial do governo, recebeu como uma novidade,  
« em 1856, a existencia da lei de 13 de Julho de  
« 1855, que permite aos religiosos herdarem, e  
« derroga por tanto as leis de 9 de Setembro de  
« 1769, §. 10, e a de 30 d'Abril de 1835, art. 2.º;  
« e o mais vergonhoso é, que vivendo em Coim-  
« bra, cabeça de comarca, ignora ainda o decreto

« de 18 de Julho de 1855, que, segundo a nova  
« divisão territorial, acabou com os juizes ordina-  
« rios nos julgados cabeças de comarcas, extin-  
« guindo portanto as attribuições do juiz ordina-  
« rio na falta de juiz de direito, em materia or-  
« phanologica, e sustente o rigor do art. 118,  
« §. 2.º da Novissima Reforma Judiciaria, e o  
« art. 318 da mesma N. R. J.

« Todos poderiam por uma falta em direito  
« julgar-me severamente, menos o doutor Neiva,  
« a quem com justiça se pôde applicar o texto do  
« V. 10. cap. 3.º S. João: *Tu es magister. . . .*  
« *A hæc ignores.*

« Nenhuma razão havendo nem na minha fre-  
« quencia, nem no meu acto, para que na votação  
« d'este se me lançasse uma letra de reprovação,  
« só em uma mesquinha vingança, filha do odio  
« inveterado de um tartufo mascarado em ho-  
« mem de bem a posso achar, e para isso boas ra-  
« zões tenho; no que se me fez, e nas relações de  
« amizade que ligam o completo legista Neiva, ao  
« virtuosissimo mestre Ruas.

« Muito havia a dizer da moralidade d'esta  
« commissão de dois doutores, d'este idolo vi-

« frente de sciencia dubia, e moral cambiante,  
« se m'o não embargasse o tédio de lhe mexer, e  
« o acanhado espaço de um jornal; resta-me po-  
« rém a consolação, de que em breve a imprensa  
« dará ao publico um volumoso tratado de mora-  
« lidade cathedratica.

« Eu não ficaria satisfeito nem bem com a  
« minha consciencia, se deixasse de empraçar,  
« como emprazo, o doutor que manchou a vota-  
« ção do meu acto, para que venha ante o pu-  
« blico declarar porque o fez; e não o fazendo,  
« desde já o declaro um calumniador cobarde,  
« que não lhe tremendo a mão para a occultas  
« manchar a minha reputação, lhe treme para á  
« luz do sol e ante todos dar razão do que fez.»

Uma grande parte da faculdade de direito, e nominalmente o doutor Neiva, riu a bom rir da minha santa ingenuidade ao lêr a primeira d'estas duas cartas.

Elevaram-na depois á alta categoria de um repto, como o paciente leitor verá logo pelo accordão do conselho de Decanos, e pozeram-se de atalaia.

Mais tarde a imprensa de Lisboa fulminava, com a generosidade que os meus inimigos não mereciam, todos os grosseiros aleives assacados contra mim, e eu apresentava ao mesmo tempo ao sabio governo de Sua Magestade o documento seguinte, publicado no jornal do Porto, o *Braz Tisana*, de 1 de Setembro :

« José Cardoso Vieira de Castro, estudante do  
« quarto anno de direito, na Universidade de  
« Coimbra, tendo dado duas faltas nos dias 30 e  
« 31 de Janeiro, do corrente anno; foi julgado  
« na congregação de Junho em estado de perder  
« o anno, porque tendo 38 faltas, e não estando  
« aquellas duas abonadas pelo doutor Neiva, pre-  
« fazia-se o numero exigido pela lei para a perda  
« do anno.

« Pergunta-se :

« Podia a faculdade de direito, n'uma con-  
« gregação de *Junho*, servir-se, para fundamen-  
« tar a sua decisão, das faltas dadas em *Janeiro*  
« — muito mais estando ellas abonadas por dous  
« lentes?

« Resposta :

« Vou responder á consulta, que se me faz,  
« declarando desde já, que na minha opinião é  
« injustissimo similhante proceder da faculdade,  
« como vou mostrar.

« E' principio, e muito sensato, do art. 4.º do  
« decreto de 30 de Outubro de 1856, que ne-  
« nhuma falta póde ser abonada sem *documento*  
« *legitimo*; ora tendo sido as duas faltas de Ja-  
« neiro abonadas por dous lentes, como consta do  
« livro da congregação, é fóra de duvida aos olhos  
« da lei, que o foram por legitimo documento: o  
« contrario daria em resultado o absurdo de se  
« poder suppôr, que a congregação procedia *ille-*  
« *galmente*, abonando faltas sem documento.

« Este facto deu-se no mez de Fevereiro, em  
« que teve lugar a congregação para as faltas de  
« Janeiro, e só então pôde verificar-se, porque o  
« art. 11.º do citado decreto, positivamente de-  
« clara, que é no conselho do mez seguinte, que  
« tem lugar conhecer-se das faltas do antece-  
« dente.

« E que força dá a lei ao resultado d'esta con-  
« gregação? a de passar em julgado a sua deci-  
« são, se, ou o estudante ou os lentes, não recla-

« marem até ao conselho immediato, o que, no  
« caso em questão, era o de Março.

« Mas não tendo o doutor Neiva em congre-  
« gação d'esse mez reclamado contra a decisão de  
« Fevereiro, e estando as faltas abonadas no livro  
« da faculdade, a sua abonação passou em jul-  
« gado sem mais recurso algum.

« Sendo isto assim, o doutor Neiva não po-  
« dia na congregação de Junho reclamar contra  
« a abonação d'essas duas faltas, que parece se  
« buscavam com ancia para, juntas ás 38, prefa-  
« zerem o numero fatal, nem a faculdade lhe po-  
« dia admittir ou tolerar similhante reclamação  
« sem infringir manifestamente a lei.

« Apesar d'isso, a infracção existe, porque a  
« faculdade, por motivos que ignoro, *desabonou*  
« as faltas abonadas em Fevereiro, e, juntando-as  
« ás que já tinha o estudante, condemnou-o a  
« perder o anno!

« Lamento estes factos, que produzem quei-  
« xas amargas contra a Universidade, principal-  
« mente na hypothese presente, em que se deram  
« os notaveis antecedentes, que a imprensa tor-  
« nou do dominio do publico; mas mais lamento

« o consulente, que não póde nem deve perder o  
« anno, sem ter o numero de faltas que a lei  
« exige.

« Recorra pois o offendido a Sua Magestade,  
« que não póde deixar de o attender, como pede  
« a justiça, reparando-lhe o mal de que está sendo  
« victima.

« E' o que, me parece, lhe resta fazer, salvo  
« melhor opinião.

« Lisboa, 7 de Agosto de 1857. = *D.<sup>r</sup> Levy*  
« *Maria Jordão.*

« (Seguem-se os pareceres dos differentes ad-  
« vogados).

« Em face do decreto, é fóra de toda a duvida,  
« que a congregação não podia tomar para fun-  
« damento da sua ultima decisão um *facto*, que  
« *ella mesmo* tinha absolvido = *Abel Maria Jor-*  
« *dão Paiva Manso.*

« Concordo = *Antonio Augusto Coelho de Maga-*  
« *lhães.*

« Concordo = *Antonio Cardoso Avelino.*

« Concordo pelas mesmas razões = *Antonio Gil.*

« Concordo = *Antonio Joaquim da Silva Abran-*  
« *ches.*

« Concordo = *Antonio Maria Ribeiro da Costa*  
« *Holtreman.*

« Concordo igualmente = *Antonio Maria da Silva.*

« Concordo com os meus doutos collegas, pare-  
« cendo-me altamente injusto o procedi-  
« mento, que houve para o consulente =  
« *Carlos Ramiro Coutinho.*

« Concordo tambem á face do que se expõe e do  
« disposto na lei = *Carlos Zeferino Pinto*  
« *Coelho.*

« Concordo = *Ernesto Adolpho de Freitas.*

« Cobæreo = *Francisco Diogo de Magalhães*  
« *Araujo Costa.*

« Conformo-me com os pareceres que antecedem  
« pelas mesmas razões = *Gaspar Joaquim*  
« *Telles da Silva.*

« Concordo igualmente = *Ignacio Pedro Quin-*  
« *tella Emauz.*

« Concordo igualmente = *João Carlos Massa.*

« Concordo em vista do decreto, que se invoca no  
« 1.º parecer, que adopto e que solve a ques-  
« tão = *José Antonio Luiz Gallo.*

« Concordo igualmente = *José Joaquim Pereira.*

« Concordo em tudo e por tudo sobre a injustiça

« da conducta tida com o consulente = *José*  
« *Manoel da Veiga*.

« Concorde = *Manoel Maria da Silva Beirão*.

« Adopto como minhas as razões ponderadas no 1.º

« parecer, porque se fundam na lei, na razão,

« e na justiça, que foram inquestionavelmen-

« te desattendidas = *Paulo Midosi Junior*.

Passados trinta e tres dias era exhibida ao Vice-Reitor da Universidade a seguinte portaria :

« Sua Magestade El-Rei, attendendo ao que  
« lhe representou José Cardoso Vieira de Castro,  
« estudante do quarto anno de Direito na Univer-  
« sidade de Coimbra, queixando-se da delibera-  
« ção da respectiva faculdade, que lhe impòz a  
« pena do perdimento do anno, por duas faltas,  
« que se contaram triplicadas reputando-se não  
« abonadas ;

« Tendo em vista a informação do Vice-Rei-  
« tor, e os art.ºs 11.º, 12.º, 13.º, e 16.º do Regu-  
« lamento de 30 de Outubro de 1856 ;

« Considerando que as faltas dadas pelo Sup-  
« plicante nos dias 30 e 31 de Janeiro de 1857 na

« aula de Direito civil portuguez foram abonadas  
« no competente livro do secretario da faculdade  
« na secção do respectivo Conselho immediato ao  
« commettimento das mesmas faltas ;

« Considerando que este abono não encon-  
« trou reclamação opportuna do respectivo lente  
« na seguinte sessão do Conselho, e não tendo en-  
« tão sido reformado tornou-se irrevogavel e pas-  
« sou em julgado ;

« Considerando que o Conselho da Faculdade  
« na sessão de 6 de Junho já não tinha compe-  
« tencia para o julgamento das faltas commetti-  
« das em Janeiro, mas sómente para o *apura-*  
« *mento* das faltas até então commettidas e *julga-*  
« *das*, e que portanto procedeu illegal e arbitra-  
« riamente, em detrimento do Supplicante, to-  
« mando por não abonadas as faltas referidas, e  
« que effectivamente já o estavam regularmente  
« e sem reclamação ;

« Considerando que as relações que foram  
« substituidas indevidamente ao livro do assenta-  
« mento das faltas na occasião do apuramento fi-  
« nal d'ellas não tem existencia legal, nem são  
« reconhecidas pelo citado Regulamento ;

« Considerando que as transgressões d'este,  
« quando partem dos superiores, — o desprezo  
« dos direitos n'elle firmados, — a applicação de  
« rigores maiores do que os auctorizados, longe  
« de assegurarem offendem e arruinam a disci-  
« plina escolar, provocando irritações justifica-  
« das; Conformando-se com o parecer geral da  
« Corôa, e Usando da Suprema Inspecção que lhe  
« compete para a exacta e pontual execução das  
« leis:

« Houve por bem Resolver que ao Suppli-  
« cante se reconheça por provado o quarto anno  
« de Direito frequentado no anno lectivo 1856 a  
« 1857, e que o mesmo Supplicante seja admit-  
« tido a fazer o respectivo acto logo que tiver  
« cumprido a pena da radiação que lhe foi im-  
« posta por outras culpas.

« O que Sua Magestade manda, pela Secreta-  
« ria dos Negocios do Reino, participar ao Conse-  
« lheiro Vice-Reitor da Universidade de Coimbra,  
« para sua intelligencia e devidos effeitos. Paço,  
« em 3 de Outubro de 1857. = REI. = *Marquez*  
« *de Loulé.* »

O senado empallideceu diante d'esta ordem, e veio ainda abrigado na toga do senhor Adriano Machado espreitar uma taboa de salvação.

S. Ex.<sup>a</sup> publicava em 16 de Outubro, no n.º 107 da *Ordem Publica*, as correspondencias seguintes :

« Senhor Redactor da *Ordem Publica*. — Re-  
« metto a v. a inclusa correspondencia, que em  
« 5 e 6 do passado enviei para o *Braz Tisana*,  
« onde até hoje não teve cabimento.

« Preciso de justificar-me perante a imprensa  
« periodica do nosso paiz da preferencia que dei  
« a semelhante jornal. Foi por ser elle o que pu-  
« blicou os documentos, que notivaram aquella  
« correspondencia.

« Rogo a v. o obsequio de me conceder o que  
« o jornal do Porto recusou á verdade e á justiça,  
« e creia-me — De v. attento venerador e criado  
« obrigadissimo — *Adriano Machado*. — Coim-  
« bra, 12 de Outubro de 1857.

---

« Ill.<sup>mo</sup> Snr. Redactor do *Braz Tisana*. —

« Conceituando, como devo, da boa fé e patrio-  
« tismo com que v. s.<sup>a</sup> costuma franquear as co-  
« lumnas do seu jornal ás correspondencias de  
« interesse publico, animo-me a rogar-lhe se di-  
« gne inserir no seu periodico o incluso artigo,  
« com o fim de apagar a funesta impressão, que  
« em muitos animos poderiam causar os docu-  
« mentos publicados no seu jornal do 1.<sup>o</sup> do cor-  
« rente.

« Abstenho-me de pedir a v. s.<sup>a</sup> a possivel  
« brevidade na sua publicação, por quão prom-  
« pto sei que é, em realisar, quanto em si cabe, o  
« proverbio liberal — « as feridas que a imprensa  
« abre, a propria imprensa as cura. »

« Sou com toda a consideração — De v. s.<sup>a</sup>  
« attento venerador e criado. — *Adriano d'A. C.*  
« *Machado.* — Negrellos, 4 de Setembro de 1857.

---

« *Senhor Redactor.* — No *Braz Tisana* do 1.<sup>o</sup>  
« do corrente, n.<sup>o</sup> 197, deparei com um parecer  
« do illustre advogado de Lisboa e meu particu-  
« lar amigo, o senhor doutor Levy Maria Jordão,  
« que qualifica de *injustissimo* o proceder da fa-

« culdade de direito, quando decidiu, que o se-  
« nhor Vieira de Castro havia perdido o quarto  
« anno juridico, que frequentára no lectivo findo ;  
« e não só o qualifica assim, se não que até o julga  
« proprio para fundamentar queixas amargas con-  
« tra a Universidade, *principalmente na hypothese*  
« *presente em que se deram os notaveis anteceden-*  
« *tes que a imprensa tornou do dominio do publico.*  
« O auctor d'este parecer tem um nome bem co-  
« nhecido ; na Universidade que o graduou, con-  
« servam-se d'elle tradições honrosas ; e no fôro  
« e na imprensa tem grangeado uma gloria, que  
« a fortuna raras vezes concede ao merecimento  
« em tão nova idade. Concordam com este pare-  
« cer 19 dos mais respeitaveis advogados da capi-  
« tal, e alguns d'estes, possuidos do mais vivo  
« entusiasmo, dão por *inquestionavel e fóra de*  
« *toda a duvida* a injustiça de semelhante de-  
« cisão.

« Já se vê que a Universidade não tem agora  
« contra si esses doestos desatinados e ôcos, que  
« uma imprensa ainda licenciosa e mingoadá de  
« sciencia para tractar sériamente as questões gra-  
« ves, se diverte em disparar n'ella e nas mais

« respeitaveis corporações e tribunaes do nosso  
« paiz. Agora, pela primeira vez, a accusação é  
« de terrivel pêzo, se não pelos seus fundamen-  
« tos, pelo acto sobre que recáe, e pelo numero e  
« qualidade das pessoas que a fazem. Não se re-  
« prehende uma ou outra acção d'um ou outro  
« membro da corporação, de que muitas vezes a  
« má fé quer tornar responsavel a Universidade  
« inteira, mas censura-se acremente a decisão de  
« uma faculdade academica, e apontam-se os fa-  
« ctos e cita-se a lei, e apontam-os e citam-a as  
« pessoas que tem por profissão avaliar os pri-  
« meiros, e interpretar a segunda. N'esta con-  
« junctura, deixar correr a causa á revelia é ainda  
« peor do que confessar a acção.

« Não me julgo auctorizado pela faculdade de  
« direito para a defender, mas posso, como qual-  
« quer outro, provar em abono d'ella, que o alle-  
« gado em seu desabono é destituido de funda-  
« mento legal. Espero levar até á evidencia, que  
« os illustres advogados se enganaram, e confio  
« que tão distinctos filhos da Universidade repa-  
« rarão o aggravo que lhe fizeram, ou que pelo  
« menos se dignarão destruir os argumentos que

« apresentarei. A elles me dirijo sómente, mas  
« muito em especial ao meu nobre amigo, o se-  
« nhor Levy, que se lamenta os factos desairosos  
« á Universidade, de certo estimará reconhecer e  
« confessar, que esses factos não existem.

« Toda a questão versa sobre a qualificação  
« das faltas de 30 e 31 de Janeiro. Se estão legal-  
« mente abonadas, a faculdade não devia ter de-  
« clarado o anno perdido ao estudante de que se  
« tracta ; se o não estão, a faculdade cumpriu á  
« risca a lei, que os advogados declaram offendida.

« O argumento do parecer reduz-se a este: A  
« *congregação tinha abonado* em Fevereiro aquel-  
« las faltas. Passou-se a congregação de Março  
« sem que esta decisão fosse reformada. Logo, a  
« resolução de Fevereiro transitou em julgado e  
« não podia a congregação de Junho *desabonar*  
« essas faltas. »

« Se isto assim fosse, a congregação teria com-  
« mettido uma injustiça grosseira ; mas a mesma  
« evidencia da injustiça em tal hypothese convi-  
« dava a empregar a mais escrupulosa diligencia  
« em averiguar se a hypothese se dava. Eis no  
« que me parece se não pôz o cuidado necessario.

« Qual é o documento d'onde se prova que a  
« congregação houvesse em algum tempo abo-  
« nado as faltas de 30 e 31 de Janeiro? Com cer-  
« teza o não viram os advogados, porque não exis-  
« te; e o que se allega para induzir o facto da  
« abonação da parte da faculdade, accusa alguma  
« precipitação no estudo do Regul. de 30 d'Outu-  
« bro de 1856.

« Na fórma do citado Regul. as faltas só po-  
« dem ser justificadas, ou perante os *respectivos*  
« *professores*, ou perante o conselho mensal da  
« faculdade (art. 6.º), e não ha outro modo algum  
« legal de as justificar (art. 26.º); sendo certo,  
« que umas e outras se reputam não abonadas  
« em quanto expressamente o não estão, ou nas  
« relações mensaes assignadas pelos professores  
« *respectivos*, ou no *livro das actas*, que é d'onde  
« constam as decisões da faculdade.

« Estas palavras = *professores respectivos* =  
« significam aquelles, em cujas aulas se deram as  
« faltas, como se convence dos art.ºs 1.º e 7.º,  
« §. 2.º e do art. 11.º

« Combinados estes differentes artigos com o  
« art. 6.º que já citei, achamos que as faltas não

« abonadas perante todos os lentes do anno, ainda  
« que o fossem perante algum, se devem consi-  
« derar como não justificadas para o effeito de  
« triplicação, uma vez que expressamente o não  
« fossem pela congregação.

« O lente Neiva não abonou as faltas de 30 e  
« 31 de Janeiro. D'esta omissão cabia recurso  
« para a congregação de Março, perante a qual  
« nem o doutor Neiva, nem o estudante recla-  
« maram, na fórma permittida pelo art. 12.º  
« Logo tem lugar dizer-se contra o estudante o  
« que se diz contra a faculdade e o doutor Neiva,  
« e é que não tendo aquelle reclamado, em tempo,  
« da não abonação, não podia pretender em Junho  
« que lh'as houvesse a congregação por abona-  
« das. E' bem obvio que o lente Neiva para con-  
« servar ás faltas a qualificação de não motivadas,  
« nenhuma reclamação tinha que fazer.

« Basta isto para se vêr quanto vale o seguinte  
« raciocinio do parecer : « aquellas faltas estavam  
« abonadas por dous lentes, e por tanto foram-o  
« com documento legitimo, porque o *contrario*  
« *daria em resultado o absurdo de se poder sup-*

« pôr, que a faculdade procedia illegalmente abo-  
« nando faltas sem documento.

« Infelizmente, o meu talentoso amigo, que  
« n'este lugar julgou absurdo attribuir á facul-  
« dade a abonação illegal das faltas, foi logo mais  
« pressuroso do que o pedia a importancia do ne-  
« gocio, imputar-lhe o absurdo mil vezes mais  
« grave de uma desabonação illegal!

« E o caso é que nem uma nem outra cousa  
« se deu. A congregação nunca abonou nem des-  
« abonou; achou-as por abonar na sessão de Ju-  
« nho, na qual, como bem reconhecem os advo-  
« gados, já se não podia alterar a qualificação  
« d'aquellas faltas.

« Parece que o advogado a que me refiro, e  
« com elle os outros que concordaram, entende-  
« ram que a abonação por dous lentes, equivalia  
« á abonação da faculdade. Aliás d'aquella não  
« teriam concluido para esta.

« A este respeito confesso, que tambem duvi-  
« dei como deveria considerar as faltas, que esti-  
« vessem justificadas n'uma e por justificar em  
« outra aula; e aos estudantes que m'o pergunta-  
« vam, respondia que ignorava como a congre-

« gação as reputaria, mas que, segundo o eu jul-  
« gava, havia de seguir o partido mais favoravel  
« aos academicos. Hoje, porém, envergonhar-  
« me-hia d'esta minha hesitação se não visse vinte  
« jurisconsultos da mais solida reputação, pro-  
« fessarem como dogma infallivel o erro em que  
« eu cahira vacillando.

« Devia ter-nos saltado aos olhos, 1.º que dous  
« lentes não são a congregação; não podendo,  
« portanto, dizer-se abonadas por esta as faltas,  
« que o foram por aquelles: 2.º que cada pro-  
« fessor apenas abona as faltas da *sua* aula, como  
« se depreheende com toda a evidencia dos artigos  
« do Regulamento que já citei, entre os quaes  
« chamarei novamente a attenção dos illustres  
« advogados sobre o art. 7, §. 2.º onde se diz: —  
« o estudante (note-se que está no singular) que  
« houver faltado por molestia. . . . . para justi-  
« ficar as faltas é obrigado a apresentar aos *res-*  
« *pectivos mestres* (falla no plural). . . . . attesta-  
« ção jurada, etc. —; e não o fazendo assim (diz  
« em substancia o §. 3.º) só póde ser attendido  
« pelo conselho da faculdade.

« Nem importa aqui saber se os lentes que

« abonaram aquellas faltas o fizeram com docu-  
« mento legitimo ; porque bem podia o estudante  
« estar impedido de assistir a uma das aulas e não  
« a todas; e bem podia ter impedimento para fal-  
« tar a todas, sem que tal lhe bastasse, porque  
« devia proval-o pelo modo, perante as pessoas,  
« e no tempo estabelecido pela lei.

« Resumindo : as faltas não podem ser abo-  
« nadas senão pelos lentes, em cujas aulas foram  
« dadas (art.ºs 1.º e 7.º; §. 2.º art. 11.º), ou pelo  
« conselho da faculdade (art.ºs 6.º e 7.º, §. 3.º,  
« art. 8.º, etc.). As de 30 e 31 de Janeiro do estu-  
« dante a que se refere a questão, nunca foram  
« abonadas, nem por um dos lentes a quem fo-  
« ram dadas, nem pelo conselho. Logo estiveram  
« sempre por abonar, e portanto a congregação  
« de Junho não tinha que desabonar, nem o lente  
« Neiva que reclamar.

« Desculpem-me de ter insistido, ás vezes,  
« tanto na mesma idéa, repetindo-a por differen-  
« tes fórmãs. Mais se tem insistido nas idéas con-  
« trarias, que todos os jornaes espalharam sem  
« opposição de ninguem, chegando a apossarem-  
« se da pública opinião.

« Não terminarei sem prevenir os que me ac-  
« cusarem de contradictorio, por vir agora de-  
« fender officiosamente uma decisão em que fi-  
« quei vencido.

« Eu tinha duvidado, como já disse, do modo  
« como devia considerar as faltas justificadas por  
« um lente e não por outro do mesmo anno. Este  
« estado de dúvida não podia deixar de fortemente  
« influir no meu animo, ainda mesmo depois que  
« a discussão que houve em congregação de 6 de  
« Junho, me fez sahir de tal estado. Quem sabe  
« (dizia eu) se o estudante havendo como certo  
« que aquellas faltas se deviam reputar abonadas,  
« deixára por isso de interpôr em tempo o com-  
« petente recurso?

« Era porém certo que a ignorancia de direito  
« ou o erro na sua interpretação, não podia em  
« rigor aproveitar-lhe, e era então mister re-  
« correr á equidade, como recorri, posto que sem  
« resultado.

« Mas não é 'neste campo que os advogados  
« combatem a decisão, e mesmo 'nelle, forçoso é  
« reconhecer, que se o argumento era de pézo  
« para mim que duvidára, podia não valer nada

« para a maioria da congregação, a qual até se  
« admirou do modo como eu entendêra a lei, re-  
« putando por ventura erro crasso o em que de-  
« pois vinte jurisconsultos haviam de cahir uni-  
« sonos.

« Tendo pois ficado vencido pelo meu argu-  
« mento de equidade não haver tido para a maio-  
« ria a mesma força que me fez, não me julgo  
« inhibido de defender da imputação de injusta a  
« decisão da faculdade, quando apenas foi severa  
« com este estudante, não mais do que com al-  
« guns outros, em quem se não davam os *nota-*  
« *veis antecedentes*, que o meu nobre amigo ar-  
« rastou para uma questão juridica, a que certa-  
« mente são estranhos.

« Negrellos, 5 de Setembro de 1857.—*Adria-*  
« *no Machado*.

Levy Maria Jordão respondia depois no n.º  
4664 da *Revolução de Setembro*:

« **A justiça da Universidade.** — *Senhor*  
« *redactor.* — A faculdade de direito de Coimbra,  
« fazendo perder o anno ao senhor Vieira de Cas-

« tro, deu com isso logar a uma consulta d'elle a  
« vinte advogados d'esta capital sobre a justiça da  
« sua causa. A resposta foi unanime, e todos jul-  
« garam iniquo o proceder da faculdade.

« Fortificado com este parecer, e com a opi-  
« nião publica, recorreu ao governo; e este, ou-  
« vido o procurador geral da corôa, mandou-o  
« admittir a fazer aqto.

« Condemnada assim por aquelles homens de  
« lei, por aquelle magistrado, pelo governo, e  
« pela opinião, a faculdade guardou silencio, não  
« tentando justificar-se.

« Estava porém reservada ao meu amigo  
« Adriano Machado, substituto n'essa faculdade,  
« a ardua tarefa de emprehender em o n.º 107  
« da *Ordem Publica* a defeza de quem a não tem.

« Se a sua opinião, como elle confessa, era  
« adversa á dos seus collegas, que reputavam  
« *erro crasso* o que elle de tão boa fé julgava jus-  
« to, surprehender-nos-hia essa defeza, se não  
« alcançáramos até aonde o espirito de corpora-  
« ção pôde levar a generosidade do meu antigo  
« collega.

« Devo responder ao meu amigo, porque di-

« rigindo-se a sua carta principalmente á minha  
« humilde pessoa, o silencio poderia ser mal in-  
« terpretado ; se o não fiz mais cedo é porque só  
« ha poucos dias me foi mostrado aquelle jornal.

« Não se queira descobrir n'este meu proce-  
« der a mais leve sombra de animosidade contra  
« alguns dos membros da faculdade, dos quaes  
« me recordo apenas quando lamento a decaden-  
« cia de uma Universidade, que devia ser o pri-  
« meiro estabelecimento scientifico do paiz. Se  
« circunstancias conhecidas me afastaram de uma  
« corporação, que sempre desejei vêr florescente,  
« academias da Europa, mais celebres que a de  
« Coimbra, me tem recebido no seu seio, dando-  
« me assim a honra, por certo immerecida, de  
« poder n'ellas sentar-me ao lado de homens  
« como os senhores Troplong, e Laferrière em  
« França, Haus, e Nypels na Belgica, Mittermaier,  
« e Haenel em Allemanha.

« A questão agitada é muito simples. O se-  
« nhor V. de Castro faltou ás suas aulas em 30 e  
« 31 de Janeiro ; na congregação de Fevereiro fo-  
« ram essas faltas declaradas *abonadas* por dois  
« lentes, não fazendo o terceiro declaração al-

« guma. Em Junho tinha o senhor V. de Castro  
« 38 faltas não abonadas, e a faculdade lançou  
« mão das duas de Janeiro, considerou-as também  
« como não abonadas, e juntou-as áquellas, fa-  
« zendo-o assim perder o anno.

« Que se questiona agora? — 1.º se as duas  
« faltas declaradas abonadas por dois lentes na  
« congregação de Fevereiro, se devem entender  
« *abonadas pela mesma congregação?* — 2.º se no  
« caso affirmativo esta abonação em relação ás  
« duas aulas, envolvia a da falta dada na *terceira*  
« aula.

« Em ambos os casos a solução ha de ser af-  
« firmativa por mais que torturem o Regulamento  
« de 30 d'Outuro de 1856.

« Que as faltas de 30 e 31 de Janeiro foram  
« declaradas abonadas por *dois* lentes em conse-  
« lho de Fevereiro não se contesta.

« Se o foram, a causa da abonação havia de  
« ser *molestia* do estudante ou *licença* do reitor,  
« em vista do Regulamento.

« Licença não a houve, logo o titulo justifica-  
« tivo foi o de *molestia*, porque os lentes não po-  
« diam sem causa legitima declarar a abonação.

« Mas se elles em Fevereiro deram como jus-  
« tificadas as duas faltas na congregação, esta *abo-*  
« *nou-as* necessariamente; porque se pelo artigo  
« 11 do Regulamento o processo abonatorio se  
« não limita á declaração dos professores, e é  
« *sempre* mister que a congregação *julgue* as fal-  
« tas, como ella não revogou a abonação dos dois  
« lentes (nem se mostra o contrario), é claro que  
« a approvou, e por conseguinte *abonou* tambem.

« O meu amigo para evitar esta conclusão, e  
« mostrar que a abonação foi só dos lentes, e não  
« do conselho, sustenta que este *só* conhece das  
« faltas cuja abonação lhe pertence *directamente*,  
« e não d'aquellas cuja abonação começa pelos  
« professores respectivos.

« Contra isto porém está a lei, attribuindo  
« expressamente á congregação o julgamento de  
« *todas* sem distincção alguma; e na ausencia  
« d'esta declaração expressa, o mesmo se deduzia  
« do art. 12 do Regulamento.

« A admittir-se o contrario, o direito de recla-  
« mação que se dá ao estudante para a congrega-  
« ção *seguinte*, só teria logar a respeito das faltas  
« de que ella *exclusivamente* conhece, e não a

« respeito das outras; porque estas, segundo o  
« meu amigo, são julgadas só pelos professores.

« Mas então era preciso suppôr que a lei dava  
« recurso da congregação e não dos lentes, sup-  
« posição que por absurda devemos rejeitar.

« Estando pois necessariamente abonadas *pela*  
« *congregação* as faltas que *dois* lentes deram por  
« justificadas, ficariam por isso abonadas em re-  
« lação á aula do terceiro lente?

« E' a 2.<sup>a</sup> questão; se não fôr tambem affir-  
« mativamente resolvida havemos forçosamente  
« admittir:

« 1.<sup>o</sup> Um *impossivel*; porque para suppôr  
« uma falta *dos mesmos dias*, *abonada* pela con-  
« gregação por motivo de molestia em duas au-  
« las, e *não abonada* na terceira, é preciso ima-  
« ginar que o senhor Vieira de Castro esteve  
« doente e não doente ao mesmo tempo, o que é  
« impossivel.

« 2.<sup>o</sup> Um *absurdo*; porque de *uma* falta ha-  
« viamos de fazer *duas* distinctas n'uma só ver-  
« dadeira.

« 3.<sup>o</sup> Uma *illegalidade*; porque tendo o se-  
« nhor Vieira de Castro faltado nos dois dias a

« *todas* as tres aulas, e não se podendo em vista  
« do art. 1.º do Regulamento *calcular em cada*  
« *dia mais do que uma* falta, de uma fazer duas  
« seria violação manifesta da lei.

« Mais poderia accrescentar para mostrar a  
« justiça da causa que defendi com os meus col-  
« legas, se não julgasse ter dito sufficiente.

« Mas ha ainda n'este desgraçado negocio do  
« senhor Vieira de Castro uma circumstancia no-  
« tavel, que acaba de me ser referida.

« Tanto as duas faltas de 30 e 31 de Janeiro  
« se consideravam abonadas pela congregação,  
« que quando no conselho *final* se julgou o anno  
« perdido áquelle senhor, ellas *não entraram em*  
« *conta*, mas sim *uma outra* de novembro; e como  
« elle reclamasse mostrando que *essa* estava abo-  
« nada, foi *então* que se lançou mão para a perda  
« d'anno das duas de 30 e 31 de Janeiro, que ain-  
« da na anterior congregação haviam sido repu-  
« tadas abonadas!! isto apesar de alguém mostrar  
« ter ella mais de uma vez decidido que faltas  
« abonadas em duas aulas se consideravam abo-  
« nadas em todas.

« Mas que admira isto, se quando o governo

« mandou ouvir a congregação sobre o requeri-  
« mento do estudante, a minoria, que lhe foi fa-  
« voravel, fez voto em separado (segundo me di-  
« zem) para ser enviado ao governo com o da  
« maioria, e esse voto não appareceu cá!!

« Não devo ser mais extenso, senhor reda-  
« ctor; e apesar do respeito que eu tributo ao  
« meu amigo Adriano Machado, vendo o modo  
« por que a faculdade andou n'este negocio, não  
« posso deixar de dizer com Casimir Delavigne  
« n'uma das epistolas a Lamartine, que ella:

« N'incline pas toujours du côté du bon droit

« Son glaive tombe à faux et frappe en maladroït. »

« Pela publicação d'esta lhe ficará muito agra-  
« decido quem é de V. etc. — *Levy Maria Jor-*  
« *dão*. — Lisboa, 1.º de Novembro de 1857.

A Universidade porém não costuma adormecer  
no caminho, por onde tem de passar a sua victima.

A oito de Agosto o Conselho de Decanos des-  
enrolava esse sudario de torpezas, pendurado para  
eterna vergonha d'este paiz no *Diario do Go-*  
*verno*, de 6 de Outubro:

« **Universidade de Coimbra.** — Nos autos de  
« policia academica, em que é auctor o Ministerio  
« Publico, e réos José Cardoso Vieira de Castro, es-  
« tudante do 4.º anno de direito, e outros, se pro-  
« feriu o accordão seguinte :

« Constando d'este processo de policia acade-  
« mica, que o estudante do 4.º anno de direito,  
« n.º 100, José Cardoso Vieira de Castro, injuriára  
« e insultára o jury d'ella, por occasião da vota-  
« ção no concurso do dia 29 de Maio ultimo, di-  
« rigindo-lhe expressões atrevidas e insolentes,  
« na sala dos capellos, no meio da mocidade aca-  
« demica, e de um auditorio numeroso, e em voz  
« alta, levantado sobre um banco, e despresando  
« a intimação que o Guarda-mór lhe fizera para  
« se calar ;

« Constando que este excesso não fôra filho de  
« um acto repentino e irreflectido, mas do seu  
« genio discolo e faccioso, porque passados mui-  
« tos dias foi reproduzido por elle na imprensa,  
« na *Revolução de Setembro* de 3 de Junho ul-  
« timo, n.º 4:536, fazendo gala d'elle, inculcan-  
« do-se como chefe do tumulto que houve na re-  
« ferida sala, e pintando-o com as côres que a

« mais refinada calumnia e maledicencia lhe po-  
« diam suggerir ;

« Constando mais que tendo o mesmo estu-  
« dante perdido o anno por faltas, em lugar de  
« attribuir este mal ao seu desleixo, e irregulari-  
« dade de frequencia dos estudos, a quizera attri-  
« buir á vingança mesquinha da referida facul-  
« dade, renovando contra ella, no mesmo perio-  
« dico, e nominalmente contra seus proprios mes-  
« tres, as injurias mais atrozes, invertendo e de-  
« turpando os factos, e chegando ao arrojo de des-  
« afiar um d'elles, por carta que lhe dirigiu ;

« Considerando que factos de tal natureza,  
« além do crime, que em si encerram, são de pes-  
« simas consequencias para a disciplina acade-  
« mica, fazendo perder o respeito e mutuas rela-  
« ções de amizade que deve haver entre mestres e  
« discipulos, e que taes genios discolos, facciosos  
« e turbulentos arrastam a mocidade incauta, não  
« só aos maiores desvários, mas tambem aos maio-  
« res crimes :

« Accordam os do Conselho dos decanos, que  
« o estudante do 4.º anno de direito, n.º 100,  
« José Cardoso Vieira de Castro, seja excluido da

« Universidade por dois annos, como incurso nos  
« crimes e penas estabelecidas no §. 2.º do art. 3.º  
« do Regulamento de policia academica, de 25 de  
« Novembro de 1839.

« E como o accordão do Supremo Tribunal  
« de Justiça de 22 de Agosto de 1856, publicado  
« no *Diario do Governo* n.º 297, de 16 de De-  
« zembro do mesmo anno, declarou que as dis-  
« posições do Codigo Penal, art. 186.º e seus §§.,  
« e as do art. 411.º são applicaveis ás injurias,  
« violencias, resistencia e desobediencia feitas aos  
« professores, sejam remettidos estes autos ao  
« competente Tribunal Judicial, para ahi serem  
« processados e julgados na fórma do art. 7.º  
« §. 3.º do citado Regulamento, ficando por cópia  
« na Secretaria da Universidade. Em Conselho  
« dos decanos de 5 de Agosto de 1857.=(Seguem-  
« se as assignaturas do Ex.º Vice-Reitor da Uni-  
« versidade, e dos quatro vogaes do Conselho, que  
« foram presentes).

« Está conforme. = Secretaria da Universi-  
« dade, em 8 de Agosto de 1857. = *Vicente José*  
« *de Vasconcellos e Silva.* »

A 28 de Agosto requeria eu a Sua Magestade contra este vergonhosissimo accordão, dirigindo-LHE o seguinte requerimento, publicado no n.º 4606 da *Revolução de Setembro*, e transcripto por quasi todos os jornaes do paiz.

« Publicamos em seguida uma carta do se-  
« nhor Vieira de Castro, e um requerimento diri-  
« gido a S. M. Este caso era previsto. A Univer-  
« sidade não póde já praticar senão disparates. O  
« caminho que tem seguido é tão tortuoso, o seu  
« comportamento em diversos assumptos tão con-  
« tradictorio, que seria necessario descrever da scien-  
« cia se não descreessemos primeiro d'ella. Se es-  
« tes escandalos, que a junta de parochia da mais  
« humilde aldêa não era capaz de praticar, não  
« justificam uma reforma radical, não sabemos  
« que abusos e que actos a poderão justificar.

« A. R. SAMPAIO. »

« *Senhor Redactor.* — E' mais um favor que  
« vou hoje solicitar-vos, e que a vossa generosi-  
« dade me dispensará de certo, porque nunca se  
« recusou ella á defeza de accusados.

« Publicando o requerimento que conjuncta-  
« mente remetto, e que acabo de dirigir a S. M.  
« El-Rei o Senhor D. Pedro V, tereis satisfeito o  
« meu empenho. E se eu não receiasse abusar da  
« extrema bondade, com que tantos jornalistas do  
« paiz me tem obsequiado até hoje, repetiria agora  
« o mesmo pedido feito na minha ultima defeza,  
« e a que tantos tão generosamente acquiesceram.  
« D'esta vez creio convicto que nem mesmo os  
« illustres redactores da *Nação*, que eu tanto ad-  
« miro e respeito, poderão ser severos para co-  
« migo.

« Creia, senhor redactor, na eterna gratidão.  
« — Lisboa, 28 d'Agosto de 1857. — De V. etc.  
« = *José Cardoso Vieira de Castro.* »

« Senhor — José Cardoso Vieira de Castro, es-  
« tudante do 4.º anno de direito, recorreu ha  
« pouco a V. M. contra a decisão da faculdade,  
« que lhe déra o anno por perdido; hoje vem re-  
« clamar contra a decisão do conselho de deca-  
« nos, que por maioria o riscou da Universidade.

« Para o supplicante, filho d'essa Universi-  
« dade, que elle desejaria occupasse na hierarchia

« litteraria um lugar digno do primeiro estabe-  
« lecimento scientifico do paiz, é bem doloroso  
« ter de rasgar o veu, que encobre aos olhos de  
« V. M. factos dos membros d'essa corporação,  
« que tendem, força é dizêl-o, a fazer decahir a  
« Athenas portugueza da posição elevada, que de-  
« veu aos senhores D. Diniz, D. João III, e D. José,  
« e que em épocas, infelizmente passadas, ella  
« soube dignamente sustentar.

« Mas quando este proceder do supplicante se  
« torna indispensavel para mostrar a justiça da  
« sua causa, a razão condemna um silencio, que,  
« sendo por ventura generoso 'noutra occasião,  
« hoje concorria talvez para sancionar um acto  
« inqualificavel, com que se pretende destruir a  
« carreira litteraria de um mancebo no verdor  
« dos annos.

« Senhor, no mez de Maio do corrente anno,  
« teve lugar na faculdade de direito um concurso  
« para preencher algumas cadeiras vagas, e entre  
« os concorrentes figurava o doutor Augusto Ce-  
« sar Barjona de Freitas.

« Procedendo-se no dia 29 d'este mez á vota-  
« ção sobre o merito « absoluto » dos opposi-

« reparado depois era de crêr que tudo terminasse,  
« e que a faculdade, recebendo da opinião publica  
« uma lição tão significativa, tratasse de a evitar  
« para o futuro; mas parece que uma sorte inex-  
« plicavel domina hoje a vida da faculdade de  
« direito; ella, que reconhecêra a legitimidade da  
« reclamação do supplicante, entendeu acaso que  
« a reconsideração desconsiderava a sua digni-  
« dade, e resolveu expial-a por um sacrificio novo  
« na historia, para cuja victima foi escolhido o  
« supplicante.

« Passados dias o conselho da faculdade nas  
« congregações finaes, resolve o interromper-lhe  
« a carreira litteraria fazendo-o perder o anno;  
« mas como o supplicante tinha apenas 38 faltas,  
« era preciso imaginar mais duas, não abonadas,  
« para completar o numero fatal que a lei exige  
« para a perda do anno; a faculdade assim o fez,  
« lançando mão de duas faltas, dadas em Janeiro,  
« cuja abonação, em vista do novissimo decreto,  
« tinha passado em julgado!

« Sobre este ponto não deve o supplicante re-  
« petir o que já expôz a V. M. no requerimento,  
« que ha pouco teve a honra de lhe dirigir; mas

« mais alto do que tudo quanto o supplicante po-  
« dêsse dizer falla o documento, que por essa oc-  
« casião juntou, a opinião unanime de vinte ju-  
« risconsultos dos mais respeitaveis d'esta capi-  
« tal, uniformes em qualificar este proceder da  
« faculdade como a mais revoltante de todas as  
« injustiças! Mas a Universidade, que não recuára  
« em dar similhante passo, ainda não achou bem  
« sanguinolento o sacrificio.

« Vendo ou sabendo que o supplicante re-  
« corrêra a V. M. contra a sua decisão, reúne o  
« conselho dos decanos, e declara-o riscado por  
« dois annos!!

« E' d'este accordão que o supplicante recorre  
« para V. M.; mas antes de expôr os fundamen-  
« tos do seu recurso, não póde deixar de tornar  
« bem sensivel o proceder actual da faculdade de  
« direito.

« A Universidade de Tolosa no seculo XVI teve  
« a infelicidade de reprovar 'num concurso o  
« maior jurisconsulto d'esse seculo, o precursor  
« da escola historica, o grande Jacques Cujacio;  
« foi uma nodoa indelevel que trezentos annos de  
« expiação ainda não poderam apagar; foi um

« crime de lesa-ciencia, que os amigos e disci-  
« pulos d'esse vulto litterario, stygmatisaram tal-  
« vez com demasiada crueldade; foi um acto, que  
« levou o presidente de Thou, o immortal histo-  
« riador da França, a proromper 'nesta impreca-  
« ção violenta: *Scinde, Tolosa, capillos, impia si*  
« *potest hic tangere corda dolor!*

« E que fez a Universidade de Tolosa? Não  
« fulminou anathemas contra quem, em nome da  
« justiça, levantára um brado de indignação; tra-  
« gou até ás fezes o calix da propria ignominia,  
« que havia preparado; e, quando já annos ti-  
« nham passado sobre essa injustiça, levantou  
« uma estatua a Cujacio. A faculdade de direito  
« da Universidade de Coimbra pratica a injustiça,  
« reconhece-a, mas trata de tomar vingança de  
« quem lh'a fez reparar!!.. O parallelo é frisante  
« e dispensa commentarios.

« Para a imposição da pena, que consiste em  
« ser riscado por dois annos da Universidade, sup-  
« põe o conselho de decanos a existencia de um  
« crime », acompanhado de tres circumstancias  
« aggravantes ». Consiste aquelle, segundo se de-  
« prehende do mesmo accordão, em ter o suppli-

« cante dirigido em voz alta, « de pé sobre um  
« banco », e no meio de um grande auditorio,  
« expressões « atrevidas e insolentes », no refe-  
« rido dia 29 de Maio, sem attender ás adverten-  
« cias do guarda-mór dos geraes. São as aggra-  
« vantes — 1.ª a existencia de premeditação, e o  
« genio discolo e faccioso do supplicante; 2.ª ter  
« este perdido o anno por frequencia irregular,  
« e « attribuir este mal », não a desleixo proprio,  
« mas a « vingança mesquinha da faculdade; 3.ª  
« ter chegado a « desafiar » depois d'isso um dos  
« seus propios mestres em carta, que lhe dirigiu.

« Eis a que se reduz o accordão do conselho  
« dos decanos!

« A sua decisão offereceria largas considera-  
« ções, se o supplicante podésse dispôr de mais  
« tempo, mas, como este urge, limita-se a apre-  
« sentar as mais salientes.

« 1.ª Se o conselho considerou como « cri-  
« me » o factio alludido, como julgou que podia co-  
« nhecer d'elle, e condemnar o seu auctor « sem  
« o ouvir, sem o intimar para produzir testemu-  
« nhas em sua defeza, e sem lhe dar conheci-  
« mento das que contra elle se produziam? » Como

« prescindiu o conselho d'estas fórmãs, que já  
« tem observado em processos menos importan-  
« tes? Como saltou por cima d'ellas, sendo a de-  
« feza e audiencia do accusado de direito divino  
« e natural? Como as despresou, sendo até sanc-  
« cionadas pela legislação patria, e elevadas á ga-  
« rantia constitucional na carta, e a sua omissão  
« sancionada com pena de nullidade, existindo  
« no conselho um lente de direito?

E' o que o supplicante não sabe, nem será fa-  
« cil descobrir; mas como a falta da sua audien-  
« cia e defeza é uma nullidade fulminada na Ord.  
« L. 2.º, tit. 1.º, §. 13.º; L. 3.º, tit. 20.º, §. 1.º;  
« L. 4.º, tit. 11.º, §. 4.º, e tit. 72.º, pr.: L. 5.º,  
« tit. 55.º, §. 82.º, §. 12.º; tit. 87.º, §. 1.º; tit.  
« 138.º, §. 1.º; Dec. 15 de Junho de 1756: L. 15  
« d'Abril de 1768, §. 12.º: etc., é claro que o ac-  
« cordão do conselho de decanos labora 'numa  
« insanavel nullidade.

« Mas independentemente d'esta circumstan-  
« cia ainda outra nullidade vicia o referido ac-  
« cordão:

« 2.ª A sentença, que não é fundamentada,  
« é « nulla », segundo o disposto no art. 1174.º

« da Novissima Ref., e a do conselho é falta de  
« fundamento quanto ao facto, base capital da  
« condemnação.

« E com effeito que se diz 'nesse documento?  
« Que o supplicante dirigira á faculdade de direito  
« expressões « atrevidas e insolentes » no dia 29  
« de Maio. Pois os termos vagos de « expressões  
« atrevidas e insolentes », sem se precisar positi-  
« vamente quaes foram as palavras incriminadas,  
« podem servir de fundamento a uma condemna-  
« ção? Pois o conselho não sabe a necessidade  
« que tinha de as consignar, por isso mesmo que  
« era da sua maior ou menor gravidade, que de-  
« via adduzir a pena correspondente? Bem o de-  
« via entender elle, mas como a accusação era  
« um tecido de falsidades e contradicções, que  
« nunca poderiam dar em resultado uma con-  
« demnação, adoptou-se o expediente de deixar  
« tudo no vago, uma vez que se conseguisse o de-  
« sejado fim, a condemnação do supplicante.

« Por este fundamento pois tambem o accor-  
« dão recorrido é miseravelmente nullo.

« Mas não pára ainda aqui a injustiça!

« 3.º A accusação, como vem exposta no ac-

« cordão, é inteiramente falsa. O supplicante não  
« dirigiu expressões atrevidas, ou insolentes, limi-  
« tou-se a exprobrar o proceder da faculdade no  
« meio do tumulto, que a decisão d'esta havia  
« provocado, e para isso mesmo não subiu a  
« bancos.

« Se do processo consta por algumas testimu-  
« nhas o contrario, o seu depoimento não é ver-  
« dadeiro, e muito mais porque, segundo ouviu  
« o supplicante, as unicas que depozeram, foram  
« alguns empregados da Universidade, d'ella de-  
« pendentes, e por isso suspeitas, e sem fé alguma  
« aos olhos da lei. Além de que, se ao supplicante  
« tivesse sido permittido produzir provas em sua  
« defeza (do que se prescindiu nullamente) elle  
« provaria convenientemente a requintada falsi-  
« dade de tal accusação.

« Mas para a mostrar mesmo agora não pre-  
« cisa mais do que apresentar duas considerações  
« — 1.<sup>a</sup> Tão justa foi a reclamação e procedi-  
« mento do supplicante, que a faculdade acquies-  
« ceu a elle, reformando a sua votação; ora o con-  
« selho, qualificando de discolo o supplicante, e  
« de faccioso o seu proceder, não se lembrou que

« ia lançar uma condemnação á mesma faculdade,  
« que, a ser verdade a accusação, teria sido fac-  
« ciosa e criminosa por acquiescer a uma recla-  
« mação facciosa e feita por um discolo — 2.<sup>a</sup> Se  
« o procedimento do supplicante fosse tão crimi-  
« noso, se o facto se tivesse passado como se diz ;  
« quem póde acreditar que o prelado da Univer-  
« sidade, que estava presente, e com a força á sua  
« disposição, deixasse « insultar » uma faculdade,  
« sem proceder logo de prompto contra o suppli-  
« cante, o qual poderia alli mesmo ser prêso ?

« A injustiça do accordão revela-se ainda com  
« mais salientes côres na exposição das circum-  
« stancias aggravantes, como o supplicante passa  
« a mostrar a V. M.

« 4.<sup>o</sup> O conselho começa por sustentar, que  
« o crime não é filho d'um acto repentino, mas  
« sim de premeditação ; semelhante proposição é  
« falsa, por absurdo ; e o seu absurdo demonstra-  
« se pela natureza do facto incriminado, pela pro-  
« pria razão apresentada pelo conselho.

« E em verdade se a premeditação, segundo a  
« doutrina do art. 352 do codigo penal e de todos  
« os criminalistas, consiste no designio reflectido

« e maduramente meditado de commetter o cri-  
« me, como julgar possivel, sem um contrasenso  
« de primeira ordem, que o supplicante podesse  
« ter reflectido e premeditado a censura da repro-  
« vação do doutor Augusto Cezar Barjona, que elle  
« não poderia prevêr, nem adivinhar sem ser pro-  
« pheta? A natureza pois do facto e da premedi-  
« tação mostram o absurdo da supposição d'esta.

« Mas ainda elle se torna mais sensivel, se con-  
« siderarmos a razão, que deu o conselho para  
« motivar a sua existencia — *porque passados mui-*  
« *tos dias foi na Revolução de Setembro n.º 4536,*  
« *fazer gala do facto!*

« Pondo de parte a irreflexão, com que o con-  
« selho chama « muitos dias » aos que decorrem  
« de 29 de Maio a 3 de Junho, parece impossivel  
« que semelhante razão sahisse de um conselho de  
« decanos! Pois a premeditação consiste na refle-  
« xão amadurecida *antes* da acção, e o conselho  
« para provar essa anterioridade vae recorrer a  
« factos posteriores? E' uma doutrina nova sobre  
« a premeditação, a qual felizmente, por fortuna  
« d'este paiz, não chegará a ser conhecida fóra de  
« Portugal.

« 5.º A outra aggravante, que consiste em  
« ter o supplicante attribuido, na imprensa, a  
« vingança da faculdade o ter ella julgado que elle  
« perdêra o anno, é desgraçada. Não ha lei al-  
« guma que qualifique de crime o ter o suppli-  
« cante considerado violencia a decisão da facul-  
« dade, porque não ha lei, que estenda aos lentes  
« da Universidade a irresponsabilidade, que no  
« systema constitucional é apanagio de V. M.; e  
« além d'isto a opinião unanime de vinte abalisa-  
« dos jurisconsultos da capital, conformes em jul-  
« gar injustamente essa decisão, responde victo-  
« riosamente ao conselho de decanos, que vê 'nella  
« uma cousa sagrada.

« 6.º A ultima aggravante consiste na ima-  
« ginada provocação a duello, dirigida pelo sup-  
« plicante a um de seus mestres. E' uma accusa-  
« ção tão falsa como todas as mais. A verdade  
« pura e simples, é que o supplicante, quando a  
« instancia do doutor Neiva perdeu o anno, escre-  
« veu um artigo contra similhante decisão; mas,  
« por um proceder nobre e leal, entendeu que  
« devia prevenil-o por escripto, para elle respon-  
« der, querendo, á defeza do supplicante. Eis a

« origem e natureza da carta, que o conselho  
« eleva á altura de uma provocação a duello!....

« E como soube o conselho da existencia d'essa  
« carta? Só pela declaração do doutor Neiva. Logo  
« ou este não a apresentou e inverteu os factos,  
« ou a offereceu ao conselho, e este lhe deu essa  
« curiosa interpretação.

« Esta exposição, Senhor, que mais longa po-  
« deria ser, se o tempo o permittira, é sufficiente  
« para mostrar a violencia, de que o supplicante  
« é victima; e como o remedio só póde hoje vir  
« de V. M., como chefe de instrucção publica, por  
« isso pede a V. M., que chamando a si o pro-  
« cesso, e verificada a nullidade, em que todo elle  
« labora, e a falsidade ou deficiencia de provas,  
« se sirva declarar sem effeito o mesmo accordão,  
« como é de justiça.

« Por esta fórma evitará V. M. a consumma-  
« ção de um acto, que sómente servirá para des-  
« considerar a Universidade, cujo decóro e tradi-  
« ções gloriosas devem ser sustentadas por V. M.  
« — P. a V. M. assim seja servido mandar — E  
« R. M. — *José Cardoso Vieira de Castro.* —  
« Lisboa, 28 de Agosto de 1857. »

Ouvido finalmente o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Procurador Geral da Corôa sobre este ponto, foram enviados todos os papeis ao Conselho Superior de Instrucção Publica, velhinho cachetico e sem cabeça, que dá dormida a todos por quarenta reis de sêllo.

Como isto vae ainda, meu caro leitor!

III.

E para que, todo esse estendal de protervias?  
Para castigo de uma consciencia nobre, sem  
 vaidade o posso dizer, que não temo contraditas,  
 que m'õ neguem.

Estes ridiculos Catões da actualidade lamen-  
 tam-se tambem amargamente de vêr a sua fero-  
 cidade impotente cedendo o campo ao amor das  
 bellas-lettras, da philosophia e das sciencias.

Se elles ao menos tivessem a consciencia abri-  
 gada nas santas intenções do censor romano!

Quando na Lacedemonia a luz da verdade lu-  
 ctava ainda sem esperanças contra as trevas da  
 ignorancia, os Ephoros castigavam um mancebo

seu compatriota, só porque elle, mais aprendido na arte oratoria, *concebêra um dia a maneira de os enganar.*

Dos miolos dissorados d'estes dromedarios abortam tambem d'estas condemnações, mas só depois de levantarem do chão a esmola, que nós lhes deitamos.

Nem a generosidade do instincto, que lavrou a sentença de Copernico, póde aos novos inquisidores justificar um perdão.

A estes *incendiarios da seara espiritual* ha-de restar apenas de todos os destroços uma gloria só. Ha-de sim, e essa não seremos nós quem lh'a neguemos.

Que venham, que venham com o livro da sua historia negra sobre o tumulo de Almeida Garrett dizer-lhe que mentiu...

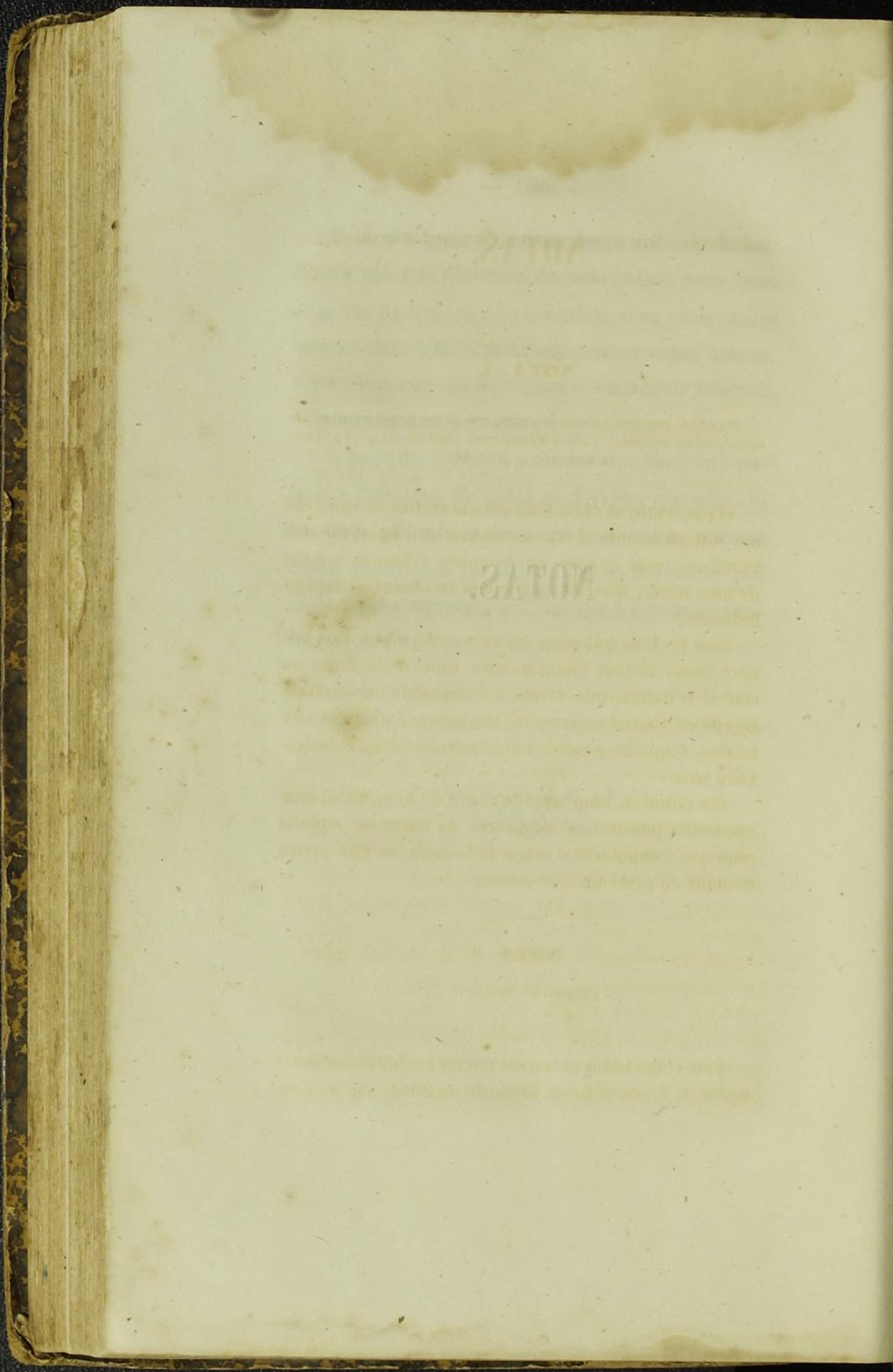
Que venham, e que tragam na mão esse indecoroso palimpsestes a provar ás gerações modernas que em torpezas e infamias, em miserias e indignidades, em ingratições e sevicias, em ignorancia e servilismo, em injurias e necedades, em crapulas e simonias, não são *d'outras partes o echo timido e acanhado...*

E 'nessa hora ao menos desça um raio de luz divina até este Governo de autómatos, para que os povos de hoje se não levantem com mais razão que os de 1562 a pedir-nos, para nossa eterna vergonha, que os deixemos ir mendigar sciencia a Salamanca ou a Paris.

E paguem então os grandes devedores da patria a primeira de todas as dividas, que ella ahi lhe está pedindo a todos os momentos, anciosa como quem tem os olhos fitos no horisonte por onde ha-de romper a antemanhã d'um mais venturoso advir.



NOTAS.



NOTES

NOTES

## NOTAS.

### NOTA A.

Se o virus peçonhento d'estas serpentes, que cá por fóra se arrastam, não viesse primeiro envenenar o calice d'essas rosas, plantadas ahí ao pé pela mão da natureza..... (Pag. 18).

O convento, de que falla esta narrativa, e que, como intuitivamente d'ella se adduz, é o convento das Ursulinas, está situado em Coimbra a poucos passos de uma horta, que alli por ironia se chama — Jardim Botânico.

Este jardim, que para ser accessível a todos os admiradores, lá tem 'num recanto uma dedicatória ás couves e nabos, que fazem a companhia obrigada da açorda de alguns mestres de tamancos, é uma das vergonhas d'aquella perdida Universidade e d'este desleixado paiz.

Em Coimbra, com aquella gente de hoje, ha só uma maravilha possível, a do pincel da natureza, aquella para que é impotente o braço do homem, ou elle queira demolir ou pretenda aformosear.

### NOTA B.

ANTONIO DE MESQUITA....

(Pag. 19.)

Este como todos os outros nomes encontrados 'nesta historia, á excepção de Eduardo da Silva, são os mes-

mos, que se acham no manuscripto, d'onde vamos extrahindo estas paginas.

**NOTA C.**

Aquella pomba desgarrada do ceu deixando cahir para a terra o involucro, em que andava encantada, ao toque pestilento do milhafre, voou á sua patria...

Pag. 33).

Foram estas as palavras, com que nós fechamos, ou antes, com que Eduardo da Silva fechou o primeiro fragmento que extrahimos do seu precioso livro.

A essa narrativa, que ás vezes se perde tanto no vago poetico d'aquella penna, deu origem o seguinte: — Antonio de Mesquita era um cavalheiro da L...; tinha tres filhos, dois rapazes e uma menina; os homens a quem elle, ainda com os pés fóra do cemiterio, chamava *os seus algozes*, precisavam da sua fortuna; para isto era necessario que depois da sua morte Julia de Mesquita desposasse um d'elles, e se queimassem os papeis, que faziam passar todos os seus bens ao filho mais velho.

Aquella historia é desgraçadamente verdadeira em tudo. Julia de Mesquita viveu apenas entre o dia de noivado e o da sua morte o tempo necessario para regar de lagrimas o tumulo de seu pae.

Agora declaramos alto e bem claro que os nomes de todos os criminosos d'essa triste historia são lentes da mesma faculdade de direito da Universidade de Coimbra, que ainda hontem, á face de todo o paiz, sem provas nem documentos, condemnava a nossa moralidade.

Já dissemos algures, 'num dos primeiros periodos

d'este livro, que nos pesava o papel de denunciante, ainda mesmo em defeza da nossa honra. É por isso que não estampamos aqui esses nomes.

Mas hoje que vimos levantar de sobre nós uma injuria degradante, que talvez um voto d'esses homens deixou cahir sobre a nossa reputação, cumpre-nos desde já negar o direito de julgar a nossa moralidade a uma corporação corrompida no seu seio por diffamadores e assassinos.

Declaramos outrosim, que unica e exclusivamente á faculdade de direito, a mais deshonorosa da Universidade á face da historia contemporanea, se dirigem as nossas palavras.

Uma accusação nossa contra alguma das outras faculdades não seria só uma injustiça, era tambem uma ingratição.

A faculdade de mathematica, com quanto seja um mero traste de luxo para este pequenissimo paiz, que possui tres cursos d'aquella sciencia, e que infelizmente se perderá com a queda da Universidade, é, permitta-se-nos a poesia da imagem, a madre-silva d'aquelle agreste matagal.

A faculdade de philosophia, menos feliz até agora, começa a caminhar com passo mais seguro e firme para a luz de um brilhante horisonte, que lhe apontam as vocações modernas. Pouco depois de ter cahido a lousa do sepulchro sobre o corpo do senhor doutor Sanches Goulão, quando ainda aquella faculdade mal supportava a idéa de vêr para sempre apagar-se a luz benéfica d'aquelle grande genio, vinha a mão ingrata de um seu falso irmão lançar um ferrete ignominioso sobre a filha, que elle tanto desvelára. Mais tarde o nome do senhor Roque Joaquim Fernandes Thomaz era repe-

tido com saudade debaixo d'aquelles tectos, e a academia com estes tres golpes, que lhe cavaram fundo no coração, ia desesperar do futuro d'aquella faculdade, quando os braços dos senhores Simões de Carvalho, Mathias de Carvalho, Jacinto de Souza, e Antonio de Carvalho se levantaram vigorosos e energicos para lhe dar nome e gloria.

A faculdade de theologia, que a nosso vêr deve refugiar-se para as arcarias dos seminarios, depois de reformados estes, é tambem um corpo respeitavel.

O nome do senhor Padre Rodrigues d'Azevedo é um vulto de tão elevada transcendencia, que per si só bastava para lhe dar brilho e reputação.

A faculdade de medicina, apesar de uma ferida que ainda sangra, e que nos magôa o coração ao falar 'nella, ha-de viver sempre na posteridade á sombra do nome do senhor doutor Antonio Joaquim Barjona.

Já em 1841, referindo-se aos mestres d'hoje, um sabio pensador escrevia o seguinte :

« O que se tem observado na Universidade de Coimbra, de ha perto de quarenta annos a esta parte, « quaes tem sido os fructos ou vantageus reaes que a « nação tem tirado d'este corpo, de que tão bellas « cousas se prometteram desde a reforma de 1772? Os « homens de merecimento, que de lá sahiram, foram « seguramente bem poucos; e aquelles que sahiram, « *não foram as duas faculdades juridicas*, que quasi « formam toda a Universidade, que lhes deram nascimento. A maior parte foram produzidos pelas duas « faculdades de theologia e medicina; alguns pelas de « philosophia e mathematica; e apenas um ou dous « pelas duas de canones e de leis.

« Pelo contrario, o numero de pedantes e semi-  
« doutos que todos os annos tem sahido da Universi-  
« dade por cohortes e legiões, tem sido tão extraordi-  
« nario e prejudicial, que só se lhes póde comparar  
« esta immensidade de familias de insectos importu-  
« nos e malfazejos, que, em quanto vivem, só servem  
« para destruir as esperanças do lavrador, e, depois  
« de mortos, só deixam a lembrança dos estragos que  
« fizeram. Foram estes pedantes e semi-doutos que  
« generalisaram a corrupção dos costumes por toda a  
« parte, e que estenderam este espirito de irreligião e  
« incredulidade, que actualmente se observa, ainda nas  
« classes mais inferiores. »

---

**NOTA D.**

« CAPITULO 3.º » « REMORSOS. »

(Pag. 47).

Esta historia em si é chata como o seu primeiro au-  
thor, o animal mais rebelde á poesia, que tenho en-  
contrado 'neste mundo de Christo.

Aquelle hybrido amalgama de substancias cruori-  
cas é capaz de todos os crimes, como é capaz de todas  
as covardias.

Omnipotentes camadas de couve tronchuda e feijão  
branco atrophiam-lhe o espirito a não lhe deixarem  
comprender o sublime que póde muitas vezes acom-  
panhar um grande attentado.

O facto é este :

*Emilia da Costa* é o pseudonymo de uma senhora,  
que ainda hoje vive na Figueira, casando as suas quei-  
xas aos lugubres lamentos do mar.

O leitor, se é pae, póde avaliar quanto Bernardo da Costa estremeceria sua filha.

Eu tenho de ha muito para mim que as grandes afeições ou são ingenuas até á credulidade infantil, ou desconfiadas até ao menos fundado receio.

A de Bernardo da Costa desgraçadamente era das primeiras. Mostraram-lhe um dia um lindo manto de lentejoulas, onde sua filha podésse esquecer descuidada as tempestades da vida, e elle nem sequer ousou levantar-lhe uma ponta para vêr se o menor pêso tombado alli iria perder-se na garganta d'algum volcão escondido.

J. N., homem cheio de fortuna estúpida, que o capricho da sorte concede por vezes aos grandes alarves, promettia delicias nunca sonhadas á innocentinha Emilia, a quem um triste presentimento fazia antipathisar com aquelle portentoso bruto, mas não dava forças para contrariar a mais pequena vontade de seu pae. E tudo, sabem para que? Eu lh'o digo, tudo por causa de cinco contos de reis !!!

Aquella alma pequena, para que o adjectivo mais degradante é ainda um elogio, sacrificava por esta insignificancia o gosar pleno de uma familia inteira a um inferno maldito de lagrimas.

Passaram-se seis mezes, e Bernardo da Costa recebe ao fim d'este tempo uma carta d'aquelle miseravel, retrahindo-se de todas as convenções feitas. Emilia suspensa dos labios de seu pae até á ultima palavra, lançou-se-lhe nos braços debulhada em pranto, e exclamou — estou perdida! —

Bernardo da Costa querendo ainda repellir com horror a idéa que aquellas palavras lhe acordam á mente, desprende-se de sua filha, procura com os

olhos a confirmação d'aquella verdade terrivel, e cáe sem sentidos no chão.

Foi rapido o deperecer d'este homem. De ahi a quinze dias B. da Costa luctava com o paroxismo da morte, e o mesmo padre, que deitava a ultima benção ao pae moribundo, purificava com o oleo santo os labios innocentes do filho do crime.

Emilia era mãe.

.....  
Hoje M. S. da C. espera todos os dias a sua ultima hora de expiação, vingada do mundo pelo amor de seu filho, e purificada aos olhos de Deus pela amizade santa de irmão, que lhe consagra seu marido.

.....  
J. N. vive em Coimbra; guincha, deita RR, e come caldo.

E este homem *é um lente da mesma faculdade de direito, que ainda hontem, á face de todo o paiz, sem provas nem documentos, condemnava a nossa moralidade.* (Vid. *Asmodeu*, seg. serie, n.<sup>os</sup> 37 e 41).

---

**NOTA E.**

« AQUI JAZ  
« ANTONIO ZEFERINO TAVARES. »  
(Pag. 50).

Antonio Zeferino Tavares é um nome muito conhecido em Coimbra, e mais chorado ainda pelos que em vida poderam apreciar-o.

Este cavalheiro vilmente seduzido pelas arteiras promessas de um juiz, que precisava de alguns punhados de libras para *commodidades* de sua familia, viu-se um dia infamemente trahido e com uma grande

parte da sua fortuna perdida. Feriu-o muito fundo este golpe, e oito dias depois da terrivel sentença, era enterrado o seu corpo no cemiterio de Condeixa, onde o leitor poderá ainda vêr o seu jazigo.

Agora querem saber quem foi o assassino de Antonio Zeferino Tavares?

*Foi um lente da mesma faculdade de direito, que ainda hontem, á face de todo o paiz, sem provas nem documentos, condemnava a nossa moralidade.*

Bocage, que muitas vezes para alimentar o seu grande genio de fructos, que a sociedade d'então, mais escassa de miseros que a d'hoje, lhe não dava; vinha muitas vezes espreitar no futuro, á luz da sua facil intuscepção, originalissimos typos, que a terra um dia havia de copiar das suas paginas.

Digam-me se o inspirado vate teria escripto, sem adivinhar o assassino de Antonio Zeferino Tavares, os dois versos seguintes:

*Cara de reu com fumos de juiz,  
Figura de presepe ou d'entremez.*

---

**NOTA F.**

« CAPITULO 4.º » « CONFIDENCIAS. »

(Pag. 59).

O leitor ou leitora, pessoa de certo muito erudita, ha-de ter conhecimento d'aquelle capitulo XXVII do segundo volume do *Arco de Sanct'Anna*?

Pois esta historia tem um grande parentesco com os peccados d'aquella pagina. Não sei se a nossa interessante Adelaide era linda como essa graciosa *Esther*, que acolá se nos pinta cheia de belleza toda judaica, toda arabe; mas o que posso desgraçadamente affir-

mar-lhe é que seu pae, salvando nos meados de 1828 um homem sobre cuja cabeça fuzilavam já as bayonetas ensanguentadas da revolta, não recebeu depois mais digna recompensa que a de Abraham Zacuto.

Aquelle ingrato, a quem eu não podia chamar cão sem ser tão ingrato como elle, seduzindo e roubando a filha do desgraçado velho, pagava-lhe com a morte, seis mezes depois, o presente da vida, que elle tantas vezes lhe dera.

Ora de Buarcos, onde Adelaide passava os dias da sua expiação, é que eu nada posso dizer-lhes, senão que é uma praia a poucas legoas distante de Coimbra. Eu podia, é verdade, ir desencantar ahi nos estafados archivos d'alguma senilidade mais curiosa, a historia d'aquella terra, mas para que me hei-de eu arriscar a aturar um chronologista parvo como aquelle, que o meu amigo J. J. da C. viu mudar o Tamisa para o Himalaia?

Nada pois de Buarcos, e saiba finalmente o leitor que o seductor de Adelaide e o assassino de seu pae *é um lente da mesma faculdade de direito, que ainda hontem, á face de todo o paiz, sem provas nem documentos, condemnava a nossa moralidade.*

---

**NOTA G.**

Cuspindo das columnas de um jornal sobre as reputações de seus filhos o mais indigno de todos os opprobrios... (Pag. 65).

Quando eu 'neste ultimo Dezembro, vindo de Lisboa para o Porto, parava em Coimbra para abraçar os meus amigos e condiscipulos, que a Universidade me roubou, tinha, com outros, o desgosto de vêr estam-

pados na columna de um jornal d'alli os nomes de alguns mancebos academicos, ennodoados com o stigma de jogadores. A esta inclassificavel sevicia, que nem ao menos se podia acostar á mais pequena sombra de *interesse publico*, mascara amorfanhada hoje pelas mãos resinosas de cerol d'aquelles acéphalos cerzidores de palavras, deu origem apenas uma suspeita vaga e indecisa.

Foi o caso.

O senhor Anastacio Simões, que, diga-se de passagem, é um excellente homem, apesar d'aquella sinistra catadura, d'aquelle sorrir fellino, a inspirar pouca confiança; tem além d'isto um raro tino experimental, um talento superior de observação, que um dia lhe mostrou as utilidades de viver sempre equilibrado na maromba, e pelo que representa hoje em Coimbra o marco milliarario entre o corpo academico e o cadaver cathedratico.

Com o santo e virtuosissimo fim de ganhar dinheiro, e por algum modo minorar a constante monotonia d'aquella terra, este pacifico cidadão abriu uma sala de bilhar adjunta ao seu salão de cabelleiras, e reuniu ainda a esta duas ou tres partidas de *wisth* e *voltarete*.

Este grande crime não devia ficar impune por muito tempo.

O senhor Anastacio Simões podia, se quizesse, levantar uma fabrica de moeda falsa, duas até, mesmo tres; podia chamar todos os gaiatos da Sophia, fazer d'elles um bando de guerrilhas, ensinar-lhes a roubar *almudes de azeite* e *saccos de farinha*; mas o que o senhor Anastacio Simões não podia fazer era convidar a academia a vir repousar a vista, cançada das afanasas lucubrações do pensamento, em suaves entretenimen-

tos authorisados hoje pelos paizes mais cultos da Europa.

A bicharia pois saltou-lhe toda, mais immunda e repellente que moscas varejeiras, e como ia de casa, da rua do *Salvador*, onde deixára alguém a questionar sobre o *oito*, que ficára na *palma*, concluiu ao vêr um baralho de cartas que na vivenda do senhor Anastacio havia tambem *jogo de monte*.

No dia seguinte um jornal calumniava meia duzia de mancebos, os paes viam manchada a reputação de seus filhos, estes justamente indignados, o senhor Anastacio gritando em vão contra aquella infamia, e todos soffrendo, á excepção dos malsins, que depois de contarem atraz da esquina o que poderam pilhar por cima das mesas, começavam a espreitar para novo assalto.

Coimbra desgraçadamente está assim.

E a legislação da Universidade mais absurda e mais barbara que a de barbaros, porque nem ao menos *abriga debaixo do instincto sentimentos generosos*, como o senhor Camillo Castello-Branco dizia ha pouco dos *cánicidas* do Porto, é a primeira a proteger d'estas indignidades.

Em Coimbra um estudante é denunciado, é prêso, é obrigado a pagar um caldo á canalha, e tudo isto sem se lhe dizer porque, nem para que, sem sequer ser ouvido.

Ao menos os antigos inquisidores ouviam a defeza da victima; estes podem mais que o direito divino e natural.

Alli a palavra do esbirro é um dogma; o dedo de qualquer gallego appenso ás cavalhariças do synedrio aponta uma sentença infallivel.

Um dia, lembra-me bem, era uma quarta feira, cur-sava eu o meu segundo anno de direito; estava sentado á minha mesa, deliciando-me todo com as vapo-rosas imagens do somno da manhã de quinta feira, que a minha imaginação se comprazia em ennovelar ás exhalações appetitosas do prato da sôpa, quando me regorgitou destemperadamente nos ouvidos um nome mal distincto, mas que eu pensei ser o meu.

Mau grado do senhor Joaquim Diabrête, meu di- gnissimo servo 'nessa epocha, deixei ás moscas o in- censo d'aquella preciosa hecatombe, que elle tão ma- gistralmente havia preparado como um dos melhores sacerdotes d'então, e corri á janella.

— Ólá, rapazes, então, que ha de novo?

— Não é nada, não é nada; é o Freitas Costa, que está prêso.

Elles tinham razão; uma coisa d'estas 'naquella terra não era objecto para oitava maravilha.

— Heim? heim?

— O José Freitas, o José Freitas, que foi prêso agora.

Ás minhas amaveis leitoras quero eu apresentar antes de mais nada este meu bello amigo.

Dos meus leitores quantos haverá ahí a quem elle não tenha prodigalisado deleites em práticas amenas?

O retrato pôde não ser tão bello de colorido como os de Quinto Curcio, mas é de certo mais verdadeiro do que muitos do historiador latino.

José de Freitas Costa sem ser baixo não é tão alto como talvez a bella leitora o desejára, mas em com- pensação tem um pé pequeno, fronte larga e espaçosa, olhar sereno e puro como as aguas de Aganippe, sor- rir melancolico como as primeiras lagrimas da mu- lher, alma de poeta e coração de martyr.

— Mas, ólá! Ó rapazes, porque é que está prêso?

— Por trazer calças pretas. Adeus, adeus.

*Credite posteris!* José de Freitas Costa foi prêso por vestir calças pretas.

Oh maldito inventor da calça preta, que não previste no futuro a parede ainda mais preta de uma masmorra, para onde tu havias de arrastar mais que uma victima!

José Freitas commettêra um grande attentado; a pena agora era justa.

José Freitas podia andar embarcado nas canhoieras modestas d'algum carvoeiro, deixando vêr graciosamente recostadas a duas janellas as unhas orgulhosas de altivo romanista; José Freitas podia mesmo trazer dois pingentes vermelhos, que lembrassem o saio da tia Eusebia da Bouça; José Freitas podia até deixar vêr sem cerimonia, se a natureza lh'os houvera dado, dois colossaes rodos de coiro curtido, d'onde cahissem para os corrêgos da enxurrada algumas camadas de toicinho; mas o que José Freitas não podia era andar com duas pernas de gente, vestido como homem racional.

Em poucos minutos eu e dois amigos de Freitas Costa batiamos á porta da enxovia, onde o tinham clausurado. Abre-se em cima um postigo e surgem uns queixos de borracha, perguntando com voz tetrica: — os senhores que querem?

— Vêr o senhor Freitas Costa.

— Sim, senhores; mas um por cada vez, porque o ultimo decreto da Universidade prohibe as *reuniões de mais de um*.

O pobre diabo ouviu com imperturbavel placidez as nossas estridentes gargalhadas, e repetiu ainda,

dando-se assomos de dictadura inflexivel; « é verdade, sim, senhores; estão irrevogavelmente prohibidas as reuniões de mais de um. »

O asno por fim abriu a porta, e nós entramos.

Oh! agora é que eu morro de pasmo! quem é que está alli, sentado no mesmo banco de pinho, encostado á mesma mesa, ao lado de Freitas Costa? quem será, leitor? queres saber quem é? — Horacio Guedes d'Amorim.

Conhecêstel-o? se nunca o admiraste, perguntai quem elle era a uma familia extremosa, que poucos mezes depois chorava sobre a sua memoria; eu tenho mêdo de t'ó pintar, porque me magoaria o teu riso, se com elle ouvisses a apothese de um rapaz de vinte annos, mondado de todos os vicios e riquissimo de virtudes.

No dia seguinte sahiam ambos da jaula. José Freitas era obrigado a dar dinheiro para umas botas em segunda mão ao seu denunciante; e Horacio Guedes d'Amorim nem sequer recebia uma satisfação quando os espiões de corréas declararam ter-se enganado com o seu nome.

---

**NOTA H.**

« RESUSCITAE-A! »

(Pag. 80).

Cheio de vontade, se não rico de eloquencia, é esse brado, que nós ainda ha pouco levantavamos nas columnas de um jornal de Lisboa, e que em nome das memorias do passado offereciamos aos nossos amigos Antonio Ayres de Gouvêa e Francisco de Sá Lamprêa, as duas mais brilhantes vocações, que hoje cursam a Universidade.

**NOTA I.**

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

(Pag. 83).

Copiamos de uma chronica o seguinte:

« Antonio Ribeiro dos Santos foi um litterato distincto. Era conhecido na Arcadia por *Elpino Durriense*. Encarregado da direcção da Bibliotheca da Universidade, fez grandes serviços a esta repartição. « — Recompensaram-no, attribuiundo-lhe o poema intitulado = *O Reino da Estupidez* = que por tradição « consta ter sido feito por Francisco de Mello Franco, « e José Bonifacio d'Andrade, estudantes n'essa epocha. Com este pretexto se dissimularam intrigas, « que foram malevolamente manejadas por pessoas invejosas do seu credito e merecimento, e em virtude « do que esteve algum tempo fora da Universidade, « como se collige da carta regia de 19 de Novembro « de 1783, pela qual foi restituído na mesma, *a fim de « empregar n'ella os seus uteis e conhecidos talentos.* »

Encontram-se 'nesta chronica outros nomes, como o de Luiz José de Figueiredo, que tendo sido reprovado no exame privado, alcançou uma portaria de D. Maria 1.<sup>a</sup>, em que se annullava aquella reprovação e onde esta generosa rainha declarava *não inquirir os culpados para não usar da severidade da sua justiça*; e o do doutor Graça, que tendo levado um R no exame privado, recebeu depois o capêllo gratuito, por um aviso regio, que lh'o mandou dar.

O mal pois vem de longe; no emtanto a historia contemporanea da Universidade quer, e com razão, disputar a primazia á historia antiga.

Entre os muitos nomes que alli avultam, de grandes e riquissimos talentos, poderemos lembrar agora Ricardo Guimarães, Manoel Vaz Preto Giraldes, Claudio Mesquita da Rosa, Francisco Soares Franco Junior, e Manoel Pinto de Araujo.

---

**NOTA K.**

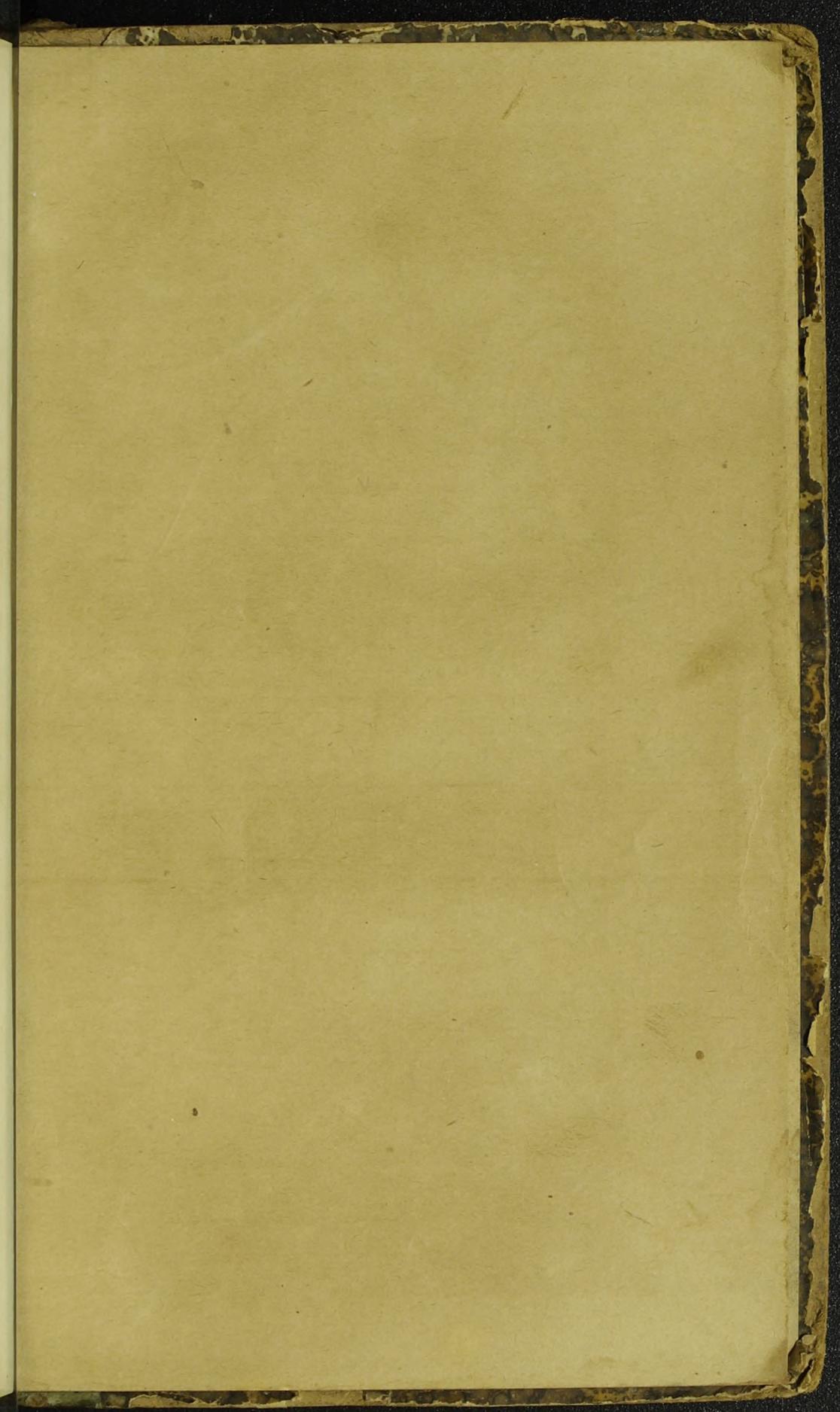
Por este facto se pôde avaliar quem é o senhor Ferrer....

(Pag. 100).

O respeito e a sympathia, que nos merece o excellentissimo senhor Vicente Ferrer Neto de Paiva, cavalleiro com quem aliás nunca tivemos a honra de fallar senão dentro dos muros escolares, obriga-nos a declarar que ainda hoje recusamos por duvidosos, apesar do silencio de sua excellencia, os fundamentos d'aquella accusação, em que o nosso illustrado amigo, o senhor Cunha de Viamonte, acreditou, vendo-a tão açulada pela opinião publica.

Se as paixões pequenas d'este mundo não fossem ao menos impotentes contra a consciencia do verdadeiro sabio, que flôr lhe ficaria a elle, tão picado sempre pelas vespas e silvas do campo das letras?





*Handwritten text, possibly a signature or name, located near the bottom center of the page.*

